

**Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa  
Mestrado em Som e Imagem**



**PARA UMA NOVA REPRESENTAÇÃO  
DA PERSPECTIVA EXISTENCIALISTA DE VERGÍLIO FERREIRA  
NA CINEMATOGRAFIA**

**ARGUMENTO – 2010/2011**

*Francisco Miguel Costa Leite de Sá Fardilha*

Professor Orientador: Adriano Nazareth

Vol. II/II (Apêndice)

Julho de 2011

## Índice

1	Dossier Pré-Produção de Projecto Final.....	4
2	Dossier Produção Projecto Final.....	145



## **1 Dossier Pré-Produção de Projecto Final**

**Escola das Artes da Universidade Católica Portuguesa**

**Mestrado em Som e Imagem**

**Especialização em Cinema e Audiovisual - Argumento**

**Pré-produção de Projecto Final**

**2010/2011**



# **"APARIÇÃO"**

**Francisco Miguel Costa Leite de Sá Fardilha**

Professor Orientador: Dr. Paulo da Rosária

Janeiro de 2011

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E

AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

## NOTA DE INTENÇÕES

### "APARIÇÃO"

FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

Ao contrário do que muitos possam julgar, optar por um exercício de adaptação como projecto final não é enveredar por uma via de facilitismo. É certo que há um texto-base, que não há necessidade de inventar personagens nem locais. Mas é precisamente por essas razões que a adaptação encerra perigos - especialmente quando quem adapta não possui grande experiência na área. Ou seja, o texto-base, a pré-existência de personagens e de locais (ainda para mais não fantasiados) permitem a hipótese de comparação, o que responsabiliza o argumentista no sentido de desenvolver uma proposta que, ao mesmo tempo, consiga transmitir o espírito da obra adaptada e seja um trabalho credível, em que quem leu o livro consiga, com maior ou menor dificuldade, identificá-lo na película.

"Aparição" é um dos livros mais lidos em Portugal, não apenas pela qualidade da escrita de Vergílio Ferreira mas, em grande parte também pelo facto de constar as listas de obras obrigatórias fornecidas pelo Ministério da Educação. Este carácter de obrigatoriedade afasta muitos jovens de uma relação de afecto e proximidade com a estória, ainda para mais se tivermos em conta que a sua compreensão exige capacidade de reflexão e introspecção. Num mundo que vive cada vez mais ao segundo, é difícil para os jovens, sedentos de ritmo e frenesim, pararem e pensarem sobre a condição humana e a efemeridade da vida, ainda que acreditemos que o pudessem fazer com sucesso e prazer se tentassem. Isto porque a narrativa está, na nossa perspectiva, envolta num enredo emotivo e cativante. Um enredo, cuja qualidade e actualidade se mantêm, apesar de já terem passado cerca de 50 anos sobre a sua publicação inicial - Aparição vai quase na 80ª edição. Assim, optámos por respeitar, neste trabalho de adaptação, a maioria das descrições de Vergílio Ferreira. Para a caracterização de locais e de personagens, realizámos, numa primeira fase, um levantamento exaustivo das indicações dadas pelo autor ao longo do texto, quer em termos físicos, quer na definição psíquica e social dos perfis das personagens.

Depois, procurámos complementar esses dados recolhidos para evitar ao máximo a descredibilização deste trabalho.

No entanto, importa referir que há e haverá sempre uma interpretação pessoal a fazer, especialmente no que toca à caracterização psicológica das personagens. Antes de futuros argumentistas seremos sempre leitores. Nessa condição, não há deveres de isenção nem regras matemáticas. Assim, os perfis e descrições que se seguem são o fruto do nosso trabalho e da visão que concebemos para cada um dos intervenientes principais e secundários de "Aparição" e dos locais da acção. Quanto ao tratamento, tentámos seguir o enredo de uma forma que pudesse ser apelativa para o futuro espectador e que, ao mesmo tempo, o fizesse aperceber-se da profundidade das questões levantadas por Vergílio Ferreira. Em suma, aquilo que tentámos nesta adaptação, foi fazer com que, mesmo sem dezenas de minutos de auto-reflexões a que uma adaptação totalmente literal obrigaria, o futuro espectador consiga sair da sala de cinema com a compreensão clara do espírito de "Aparição"<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Para este trabalho utilizámos o livro "Aparição", de Vergílio Ferreira, 76ª ed., Quetzal Editores, 2009.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E

AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

## SINOPSE

## "APARIÇÃO"

FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

A família Soares está toda reunida em mais um jantar de Natal. A alegria é evidente. Álvaro e Susana Soares têm de volta a casa, numa noite mágica, os filhos Evaristo, Alberto e Tomás e os quatro netos. E é precisamente quando Álvaro discursa à cabeceira da mesa, manifestando o seu orgulho pelo sucesso do serão, que um ataque de coração fulminante o conduz a uma morte inesperada. O luto reacende no seu filho do meio, Alberto, as questões existencialistas, o drama da vida e da morte, que o assombram desde a morte do seu cão Mondego e de um episódio com o espelho do próprio quarto. A colocação como professor de Português em Évora promete trazer-lhe a paz necessária e o apaziguamento interior que tanto procura. Mas chegado à capital do Alentejo tudo muda. Bastou um jantar de cortesia em casa do Dr. Moura, um velho amigo do pai, para Alberto regar com abundância o fogo da inquietação que arde em si. O fósforo? Sofia. A filha do meio do dr. Moura. Linda. Provocante. E fatal. O encontro havia de mudar para sempre as duas vidas. Vieram as explicações de Latim, as conversas no escritório privativo. Vieram os assomos de paixão, a loucura, as conversas sobre o depois da vida. Sobre o princípio da morte. E sobre os meios que conduzem ao fim. Vieram os ciúmes. Doentios e perigosos. Carolino, aluno de Alberto no Liceu, assimilou erradamente as ideias do professor. Assimilou o livre-arbítrio como se o ser humano fosse Deus. Capaz de dar a vida. E dar a morte. Quando e onde quiser. Alberto quase foi vítima dessa interpretação errada dos seus ensinamentos, quando, numa noite, Carolino quis usar uma navalha e o pescoço do professor para ultrapassar os seus complexos e frustrações.

Mas não foi só com Sofia que mexeu a chegada do beirão. Na mesma família Moura, o casal Ana e Alfredo acolheram, ouviram e questionaram Alberto. Com a voz ou simplesmente em pensamento. Alfredo, com a sua subserviência ingénuo e preguiçoso, Ana com o desejo de expurgar as angústias de uma vida acomodada, de sonhos por cumprir. Cristina, a mais nova

das três irmãs, é a banda sonora desta história trágica. Com apenas sete anos, é a voz do piano de Chopin. Virtuosa nocturna, com um destino fatal. Vestiria o fato de holandesa para os festejos do Carnaval do Redondo. Acabaria por não mais o tirar. Um acidente de carro iria levá-la à morte e aportar nuvens carregadas para a planície alentejana. Évora tornava-se escura, os Moura também. Os mesmos que se afastavam de Alberto. Sofia, tinha-o feito nas férias. Depois de momentos tórridos com o professor, desaparecera. Não mudara de pele, mas mudara de alma. Encarava agora os braços de Carolino como o seu porto seguro. Alberto mudava-se para o Alto de São Bento para afogar as mágoas e continuar a dramatizar a existência. A sua e dos demais. No rol de principais inimigos, Chico, curiosamente primo de Carolino, marcava posição. O engenheiro da Direcção de Monumentos, que orgulhosamente proclamava não ser "anti-nada", não disfarçava mais o seu desprezo por Alberto e culpava-o pela sucessão de dramas que se abatiam sobre as gentes que lhe eram próximas.

Sofia havia de voltar. E os momentos tórridos também. Novo encontro. Pedido por ela. Passearam. Beijaram-se. No jardim. Nas ruas. Em casa de Alberto. Apontaram as constelações. Renomearam as estrelas. Sofia foi-se. Novamente. Mas desta vez reapareceu mais cedo. Sem vida. Junto ao Chafariz d'El-Rei, às portas da cidade. O assassino? Carolino. E dirão alguns, também Alberto. O professor que veio da Beira para agitar as gentes e perturbar as mentes tranquilas. O professor, recolocado em Faro, que para o resto da vida há-de guardar em si, mais do que os dramas do passado, a angústia de saber que, mais cedo ou mais tarde, faça o que fizer, diga o que disser, a sua hora chegará. Eis a aparição.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E  
AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

## CARACTERIZAÇÃO DE PERSONAGENS

### "APARIÇÃO"

FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

**Alberto Soares** professor de Língua Portuguesa e Latim, solteiro, 28 anos, em início de carreira. Tem dois irmãos, Tomás e Evaristo. Natural da Beira Interior, é moreno, 1m80, magro, olhos azuis e cabelo castanho claro, de risca ao lado. Tem um pequeno bigode e usa óculos para ler. Marcado pela morte do pai em pleno jantar de família quando ainda era criança e por um episódio com um espelho em que julgou ver outra pessoa, é afável no contacto inter-pessoal, embora viva em grande desasossego interior. Esse desasossego valeu-lhe os apelidos de "velho" e "cobarde", quando estudava Filologia Românica em Coimbra. Nessa época, não era raro vê-lo responder com os punhos às provocações, embora a sua frágil compleição física normalmente o fizesse acabar maltratado. Defende a liberdade e responsabilidade individuais,, diz-se um "materialista", embora "não com o materialismo de um pedreiro". Lê compulsivamente Sartre, Malraux, Heidegger, Camus e Dostoievski e procura novos métodos para leccionar as suas aulas, de forma a não criar nos seus alunos um impulso de resposta mecânica, mas antes uma capacidade de reflexão; Quando foi para Évora, já havia escrito dois livros de teor romântico-filosófico, que pela forma como questionavam a condição humana e criticavam a religiosidade cristã, tiveram uma vida discreta, sempre longe dos escaparates das livrarias. Veste-se de forma clássica, com tons austeros como o cinzento, verde escuro ou azul-marinho. Para as aulas, leva sempre fato - azul marinho ou preto - e uma mala de couro castanha. Nos intervalos, não sai aos claustros do Liceu: fica na sala, à janela, a contemplar o exterior. Não dispensa o seu relógio, oferecido pelo pai quando fez 18 anos, que coloca no braço direito. É canhoto. Fuma um maço por dia. Gosta de animais e enquanto criança chegou mesmo a adoptar um velho cão, a quem chamou Mondego, mas que, para seu grande desgosto, acabaria por falecer. Gostava de galões e torradas e de beber uísque com sifão; Em Évora acabaria por tirar a carta de condução, comprando depois um Volskwagen "carocha" verde escuro. Mantém

um ódio não declarado a Chico, o engenheiro comunista, amigo de Ana Cerqueira.



**Ilustração 1: Volkswagen Beetle 1950 (Exemplo Carro Alberto)**



**Ilustração 2: Interior Volkswagen Beetle 1950 (Exemplo Carro Alberto)**

**Sofia Moura** 21 anos, é a filha do meio do Dr. Moura. 1m72, cabelos loiros, pele branca com sardas na zona do nariz, olhos verde-água. Tem dedos compridos, lineares e usa o cabelo puxado ao alto. Veste-se normalmente com cores claras, usa cintas fechadas que fazem sobressair os seus seios. Tinha consciência da sua beleza física, que gostava de potenciar com roupas elegantes e sapatos de salto. É uma rebelde por natureza, vive com alguma indiferença em relação à família, que julga não a compreender e ser demasiado burguesa para o seu gosto. Protagonizou diversas fugas de casa no "currículo" enquanto criança. Já passou por um colégio interno em Lisboa mas duas tentativas de suicídio fizeram-na voltar a Évora. Noutra ocasião "atou fortemente um nastro num braço, prendendo a circulação. Já tinha a mão roxa quando o pai descobriu. Sofia sentiu-se alegre por saber que esteve em risco de perder o braço". O É inteligente mas pouco aplicada nos estudos. Passou sempre de ano, embora sem distinção. Tem dificuldades no Latim. Nasceu numa família burguesa mas sempre manteve um desejo de liberdade, de viajar e conhecer o Mundo, que o pai foi proibindo. Tem uma paixão pelo mar, que muito raramente vê. vivendo relacionamentos instáveis e fugazes com homens mais velhos. Alterna entre o papel de "femme fatale" - gosta de provocar, de sentir o poder quando é cortejada; já teve inclusive casos com homens desde a Escola Agrícola até a um indivíduo mais velho e casado -, e a criança ingénuo, que gosta de andar de baloiço e passear com o amigo Carolino. A "morte" é um tema que a atrai e sobre o qual gosta de ouvir falar. Por exemplo, quando o pai conta em casa a morte de um dos seus pacientes, é a ouvinte mais atenta e não é capaz de esconder um ar de prazer evidente. Gosta de cantar: tem uma voz de contralto, de grande afinação, nada trémula. Fuma normalmente apenas à noite e em ocasiões especiais. O seu livro favorito é o "Eterno Marido", de Dostoievski e alimenta o sonho de tirar o curso de Direito, por nutrir uma paixão pela justiça.

**Dr. Moura** Médico de clínica geral. Nasceu em Évora, tem 56 anos, estudou em Coimbra, onde ganhou o gosto pela música, em especial pelo canto - chegou a estudar música, tem uma excelente voz de tenor e faz parte de um coro da Igreja - e onde fez amizade com Álvaro, pai de Alberto. É afável, conservador, católico praticante e seguidor do dogma da Igreja. Não obstante a sua visão, é tolerante e capaz de manter amizade com gente de outros quadrantes políticos, como é o caso de Chico, um comunista inveterado. Honesto, é, pela inerência da sua função, reconhecido em Évora como um homem de respeito e cooperante. Financia as festas de Nossa Senhora de Machede e algumas iniciativas culturais da Sé de Évora. Um dia por semana dá consultas gratuitas às famílias mais carenciadas do interior ao redor da capital de distrito - Redondo, Reguengos, Montemor.

Fisicamente, é gordo, tem barba, cabelo castanho e olhos castanhos-claro, usa óculos na ponta do nariz. Casou-se há 33 anos, tendo-se mantido fiel à sua esposa, embora sempre numa posição de domínio. Deu uma educação rígida a Ana e a Sofia, sendo mais brando com Cristina. Vive frustrado por não ter conseguido que Sofia encarreirasse na vida como Ana, embora secretamente goste mais da filha do meio. Possui terrenos nos arredores de Évora, que mantém com a ajuda de caseiros. Grande parte dos produtos agrícolas que daí advêm são para oferecer a amigos e a famílias carenciadas. Não prescinde das refeições em família. Comer é um dos seus grandes prazeres, com especial destaque para as migas, gaspacho e porco preto. Adora vinho tinto, que compra aos tonéis na Adega Cooperativa do Redondo e que usa para acompanhar todas as refeições. Possui um pequeno Fiat 500, comprado em 1948, numa das suas visitas a Lisboa. Quando vai à capital, gosta de ir à Basílica da Estrela, à Avenida da Liberdade e ao Terreiro do Paço. Ver o Tejo é a sua predilecção.



**Ilustração 3: Fiat 500 1948 (Exemplo Carro Dr. Moura)**

**Madame Moura** 50 anos, natural do Norte de Portugal, tem uma costela minhota. Esposa do Dr. Moura. Cabelo loiro - uma parte já branca mas devidamente pintada - e olhos azul-água. Tem uma irmã a morar no Redondo. Muito amiga das filhas Ana e Cristina, vive secundada pelo marido - que conheceu num passeio em Lisboa, embora mereça dele muito respeito, estima e carinho. À semelhança de Sofia também sonhava viajar e conhecer o Mundo mas foi educada numa família austera e casou-se logo aos 17 anos. A sua falta de abertura para confessar esse desejo à sua filha do meio prejudica a sua relação, que é algo distante, o que a perturba e entristece. Dedicou-se assim ao marido e à família, algo a que se habituou em pouco tempo e que não a tornou infeliz. Gosta muito de ler romances - que a transportam para o seu universo de ousadia e astúcia - e dedica-se a fazer versos secretamente e também rendinhas. Simpatiza com Alberto, que gostava de ver endireitar Sofia. A sua grande angústia é que a sua filha acabe, um dia, por concretizar com sucesso nova tentativa de suicídio. Não tem grande empatia com Alfredo, que acha maçador e pachorrente nem com Chico, que acha falso. É católica praticante, devota a Nossa Senhora de Fátima, a quem já fez duas peregrinações a pé. Gosta de passear no Jardim Público, que fica perto de sua casa e de visitar exposições de arte, maioritariamente de pintura.

**Cristina Moura** 7 anos. Filha tardia e não planeada. Pálida, cabelo loiro, pela branca e olhos azuis-água como a mãe. É tímida e tem um ar grave mas gentil, muito por causa da diferença de idades para com as irmãs e pais. Sempre que se ri tem uma ruga de expressão na testa. É mimada pelo pai e tem preferência pela irmã Ana. Sempre que vai passear com a família ou uma das criadas pelo centro de Évora, granjeia a simpatia das senhoras nobres da cidade, embevecidas com o seu carácter altivo. A sua relação com Sofia não é muito intensa. Passa horas ao piano cada dia, antes e depois das aulas normais que tem num colégio de freiras. É uma aprendiz de excelência, uma virtuosa da música, tendo mesmo uma tutora privada, que vai a sua casa. Os seus compositores preferidos são Chopin e Bach, embora toque Mozart e Beethoven por serem os preferidos do pai. Costuma usar uma saia azul de folhos e no Carnaval, a sua época do ano preferida, adora vestir-se de holandesa. Não tem muitas amigas (muito menos amigos), mas o facto de nunca ter tido grande hipótese de as ter, por ter crescido agarrada ao piano, faz com que não tenha - ainda, pelo menos, um sentimento de revolta quanto a essa falta de sociabilização.

**Ana Cerqueira** 32 anos. A primeira filha dos Moura. Teve uma educação rígida, frequentando desde pequena um colégio de freiras. É a única filha com os olhos castanhos, vivos, do pai, embora mais fofos. Cabelo loiro, enrolado ao alto; tem uma cara mais fechada do que Sofia. O lábio superior é mais aberto, deixando ver um dente irregular. Apesar de mais velha, sente-se uma "discípula" de Alberto e das ideias existencialistas de que este fala publicamente e que lhe dão um sentimento de insegurança e ansiedade. Leu Sartre e Nietzsche às escondidas, enquanto frequentava o curso de Letras que acabou por interromper para casar, há 8 anos, com Alfredo. Vive uma relação banal, sem grandes afectos, motivada pela "obrigação" de casar naquela época. A relação com o marido é de habituação, mais do que de amor. Irrita-a que este a trate por "rainha", não sendo capaz de lhe dar alguma luta ou motivo de interesse. Não conseguiu ter filhos, sendo esse o seu grande desgosto e que lhe traz uma solidão difícil de ultrapassar. Talvez por isso mesmo, é muito apegada à irmã Cristina, que toma como sua filha e a quem dedica muito do seu tempo. Gosta de música clássica, especialmente de Chopin. É católica praticante mas interiormente questiona-se sobre a existência de Jesus. Tem uma relação sóbria com os pais, que nunca lhe deram as mesmas manifestações de afecto que às outras filhas. Costuma andar com roupas de cores neutras ou escuras, muito clássicas, sem decotes exagerados ou saias a mostrar o joelho. Passa muito tempo na sala de Estar de sua casa, a tricotar, e na cozinha. Normalmente é uma pessoa calada mas quando fala é irónica e mordaz. Tem uma cigareira de pele branca, com cigarros compridos. Veste-se habitualmente com saias e casacos cintados e motivos florais. Gosta de usar sapatos altos, de beber chá e comer bolos finos.

**Alfredo Cerqueira** 37 anos. Marido de Ana, que coloca num pedestal, chamando-lhe "minha rainha". Face redonda, bochechas

coradas, um começo de calvície, sorriso "cortado à navalha", de orelha a orelha, "como uma figura de Bosch"; É um homem de ar ingênuo, honesto, pragmático, sem grandes assombros filosóficos ou existencialistas. Viveu desde sempre ligado à agricultura, teve uma educação vulgar e é um pouco grosseiro. Tem tendência para as conversas banais, de circunstância, não conseguindo, apesar de afável, denotar qualquer traço de carisma. Dr. Moura vê-o como um "mal menor" na sua família, pois apesar de não lhe ter conseguido dar o desejado neto, não levanta grandes ondas nem inspira na filha sentimentos de rebelião. Católico praticante, nunca leu a Bíblia mas repete mecanicamente os cânticos e orações que aprendeu em garoto. Não dispensa dois ou três copos de vinho tinto à refeição nem um bom digestivo a par do café. Usa boina de lavrador, calças de cotim, botas de cano e um blusão castanho desbotado sem um botão; não é raro vê-lo de suspensórios também. Aproveitou o casamento para subir o nível de vida, embora não seja propriamente um trepador social. É acomodado por natureza, nada proactivo. Chico, seu amigo, diz que ter dado o nome ao Comité de Salvação "foi a única invenção de Alfredo em toda a sua vida e ficou estafado para o resto dos seus dias". Gosta de cervejas, bife e batatas fritas, fuma charuto e tem um jipe.



**Ilustração 4: Jeep Pick-up 1950 (Exemplo Carro Alfredo Cerqueira)**

**Chico** 35 anos. Rosto musculado e cor de azeite, sofria de problemas do coração; riso cru, "áspero de fibra". Musculado, pálido, cabelo rente e encarapinhado de atleta com um "ar empertigado de boxeur"; olhos pequenos e pretos, "cravados como pregos"; Engenheiro, a viver em Évora há 5 anos, responsável pela inspecção da Zona Sul da Direcção de Monumentos. Não é um homem de letras à moda antiga mas interessa-se por política, economia e cultura. Procura fomentar iniciativas de reflexão na cidade, que considera "absurda, reaccionária e empanturrada de soberba" sendo um comunista convicto. É ateu mas não existencialista como Alberto. Fundador do Comité de Salvação, um grupo que não é mais do que um conjunto de pessoas amigas que se reúnem de forma rotativa em casas umas das outras para discutirem e tomarem chá. É um pragmático por natureza, sendo ideologicamente oposto a Alberto Soares. Por isso, não esconde a sua antipatia pelo professor que veio da Beira interior para agitar a pacatez eborense. Dá-se bem com Dr. Moura e com Alfredo, um dos seus amigos mais estimados, embora por vezes se irrite com a sua leviandade. Tem muita consideração por Ana, com quem gosta de conversar e por quem tem um fraquinho não assumido. Primo de Carolino, é fumador e gosta de beber Macieira.

**Carolino** 19 anos, primo de Chico. Baixinho, cabelo castanho claro, olhos azuis, claros, aguados, "de uma lucidez serena". Gordinho, tem a cara crivada de espinhas e bochechas rosadas. Deram-lhe a alcunha de "Bexiguinha" pelo seu aspecto físico. Voz infantil, "quase de falsete", que não se alterou muito com a idade. Mora na Rua da Mouraria, afastado dos pais, que habitam no Redondo. Tem uma obsessão por Sofia, com quem partilha a sua fixação pela Morte. Vive em constante ciúme das conquistas da filha do meio dos Moura. Veste-se normalmente de calça castanha e camisa branca, não sendo raro usar

suspensórios, tal como Alfredo. Admira o primo, embora não seja tão pragmático como ele. É mais esperto do que inteligente, sendo um aluno sofrível, especialmente no que toca a línguas. Lê apenas o suficiente para poder agradar a Sofia, fá-lo mais por obrigação e com motivação passional do que para enriquecimento próprio.

**Manuel Pateta** 23 anos, a sua escolaridade não foi além da 4ª classe; moço-de-fretes há quatro anos, passa a maior parte do tempo na estação ferroviária a carregar as malas dos passageiros da linha Évora-Vendas Novas. Dá passos curtos, anda dobrado "como se tivesse dores de barriga". A cara e os olhos são vermelhos, "ensopados de sangue". Tem destreza, consegue carregar tudo aos ombros com "uma complicação de cordéis"; Usa um boné de pala. Tem problemas de alcoolismo, com especial predilecção aguardente; este problema faz com que pareça estar embriagado mesmo quando não está, tornando-lhe os olhos "chorosos"; usa calças de ganga pelo meio da canela, os pés sem meias em alpercatas brancas.



**Ilustração 5: Moços-de-Fretes, Portugal, 1950 (Exemplo para Manuel Pateta)**

**Sr. Machado** 58 anos, alto, corpulento, com uns óculos sujos "enterrados no nariz" com um fio a segurá-los. Olhos escuros - cansados - e cabelo preto, tem um farto bigode. Muito preocupado com a imagem que dá para o exterior, faz parte das conferências de São Vicente de Paula. É alegadamente conservador, vai todos os domingos à Igreja mas há-de se descobrir que participa em bailes clandestinos, às escondidas da mulher, com quem mora num pequeno apartamento contíguo à pensão. Tem um filho, com 34 anos, que depois de concluído o Liceu rumou a Lisboa e por lá se fixou. Gosta de vinho e de petiscar enchidos e pão com azeite.

**Reitor do Liceu** 62 anos, natural de Coruche, Ribatejo. Homem alto e vagaroso; cabelo branco, olhos castanhos, ar cansado de quem já aguarda a reforma; orelhas grandes, lábios grossos, sorriso "belfo e infantil", fumador inveterado de charutos, que lhe haviam causado uma voz "patuda de catarro"; vício de bater um lápis na mesa, de forma constante, sempre que padecia de algum nervosismo; "baixava os olhos, batia um lápis na mesa"; postura hirta, muito direita. Sempre que ao andar trocava o passo, acertava-o logo como "um soldado na forma, , dando um pequeno salto ridículo"; tinha um cão perdigueiro, de ar triste", que quando recebia "festas (...) ficava quedo, pendido e de cabeça baixa"; tradicionalista, seguidor do regime, embora guarde para si dúvidas sobre se o País está no caminho certo; foi um aluno brilhante do curso de Filologia Germânica, leu a um ritmo quase enciclopédico enquanto jovem, ganhando uma sabedoria de "ancião" e permitindo-lhe aceder, aos 48 anos, ao cargo de reitor do Liceu Nacional de Évora. Ainda hoje, sente dificuldades com o calor extremo do Alentejo, especialmente no Verão, em contraste com a amenidade dos dias da sua infância e juventude.

**Álvaro Soares** 59 anos, médico, marido de Susana e pai de Alberto, Evaristo e Tomás. Tem quatro netos: os três filhos de Tomás e Alberto Júnior, filho de Evaristo. 1m75, barba aparada, pele branca, enrugada - fruto de uma infância passada ao sol quer em trabalho agrícola quer nas brincadeiras na eira -, ar sereno, cabelos brancos, ondulados, olhos cor-de-mel. Carinhoso, trata a mulher por Suse, apesar de esta não apreciar especialmente o diminutivo. Prefere ouvir a falar, a tolerância é uma das suas características principais. Normalmente veste calças de saragoça, do género das usadas nos trabalhos agrícolas e botas ferradas. É ateu; para ele "o universo tem sempre respostas naturais para as perguntas". Tem um Willys Overland preto, de 1950.



**Ilustração 6: Willys-Overland 1950 (exemplo Carro Álvaro Soares)**

**Susana Soares** 51 anos, gordinha, tem algumas rugas a marcar-lhe o rosto. Oriunda duma família abastada, tem cabelo loiro, trabalhado com laca, olhos azuis. É mulher de Álvaro e mãe de Alberto, Evaristo e Tomás. Casada há 29 anos com Álvaro, tem um sorriso doce, não muito largo. Não gosta que o marido lhe chame Suse. Tem um olhar extraordinário de "mansidão e amargura". Ao contrário do marido, é uma religiosa beata,

também por oposição ao seu pai, que era um "anticlerical esturrado". É pouco faladora mas tem um carinho imensurável pelos três filhos, cuja educação foi o seu maior objectivo de vida. Passa por uma situação de ligeira depressão depois de ter visto os filhos crescidos, saírem de casa. Essa tristeza vai sendo atenuada com as visitas dos netos, filhos de Tomás, que habitam numa aldeia vizinha. Adora o seu colar de pérolas, herdado da avó materna e é usual vê-la com blusas de tons claros: azul-céu, rosa, bege. Gosta de trabalhos manuais e de pintar aguarelas, embora nos últimos tempos tenha quase que abandonado esta última paixão.

**Evaristo Soares** 26 anos, é o filho mais novo de Álvaro e Susana Soares. Magro e alto, "articulado como um boneco de lata, parece dançar um infundável charleston". Muito mimado em criança, é o menos inteligente dos três irmãos. Reprovou "sucessivamente" no 5º ano. Durante o crescimento, ganhou laivos de bipolaridade. Tanto é brincalhão e bem-disposto - por vezes de uma forma excessiva e até inconveniente -, como chora com uma facilidade incrível. Na mesma hora é capaz de ser assombrosamente generoso para logo depois se tornar egoísta. Casado há dois anos com Júlia, não granjeia a simpatia do sogro, dono de uma fábrica na Covilhã, que não lhe aprecia o feitio, "pouco grave para" a seriedade dos negócios. A sua necessidade de atenção e aprovação por parte do resto da família e dos amigos, faz com que, muitas vezes seja exibicionista. Prova disso é o facto de, por exemplo, ter levado o livro de facturas para a mesa de Natal, "só para mostrar os negócios feitos em Lisboa e no Porto". Fuma cigarros miudinhos e adora cantarolar, embora sem grande afinação e sempre com a voz trémula por causa dos seus tiques de ansiedade. Pai de Alberto Júnior, nome posto em homenagem ao seu irmão do meio, Alberto, que muito admira pela sua inteligência. O filho é uma criança "triste e amarelenta",

fruto da necessidade dos pais em viverem, acima de tudo, das aparências. Tem um Rover 75 azul-claro.



**Ilustração 7: Rover 75 1950 (Exemplo Carro Evaristo Soares)**

**Júlia Soares** 24 anos. Muito gorda, "a tender para a elefantíase", constantemente suada e vermelha. Teve uma infância feliz numa família burguesa, de comerciantes têxteis e foi muito mimada. Foi educada num colégio de freiras, em Lamego, onde ganhou o vício incontrolável dos doces. Fala pelos cotovelos, adora contar anedotas "com pimenta" e, tal como o marido, por vezes excede-se e torna-se inconveniente. Tem uma relação feliz, de grande compatibilidade, embora viva com Evaristo num mundo de fantasia, em que ambos privilegiam a ostentação.

Apesar de admirar a sogra, o seu feitio não lhe permite cair nas graças dela, algo que a entristece. Foi mãe de Alberto Jr. um ano depois de se casar. Não fuma e sonha ir morar para o litoral.

**Tomás Soares** 31 anos, 1m70, sorriso alvo, suíças compridas, barba de três dias. Usa um fato "grosseiro" de saragoça, botas de bezerra cardadas. As mãos são grossas, têm um toque áspero e são escuras "como fragas", tudo fruto do trabalho na terra. Os olhos são levemente azulados e o cabelo é loiro, a fugir

para o castanho-claro. É o filho mais velho e mais sensato de Álvaro e Susana Soares. Casado com Isaura há seis anos, de quem tem três filhos, vive uma união muito feliz e de grande companheirismo. Por vezes mantêm, mesmo assim, um lado algo solitário que o faz dar grandes passeios a solo. É o filho mais parecido com o pai na ligação à terra - cursou Agronomia -, na discrição e na vontade de expandir a família. Vive numa aldeia a 10km da terra-natal. Gostava de andar de cavalo. Inspira segurança aos que o rodeiam, tem uma "pujança estável de lavrador". Apesar de não ser religioso - não ia à missa sequer - não diz mal dos padres. No entanto, recusa-se a obedecer aos preceitos da Quaresma. Aceita bem a sua condição mortal, sem grandes angústias interiores. Viaja normalmente de cavalo, tem uma carroça, mas tirou a carta de condução e, de vez em quando, conduz o Willys-Overland do pai.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E  
AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

**CARACTERIZAÇÃO LOCAIS ACÇÃO**  
**"APARIÇÃO"**

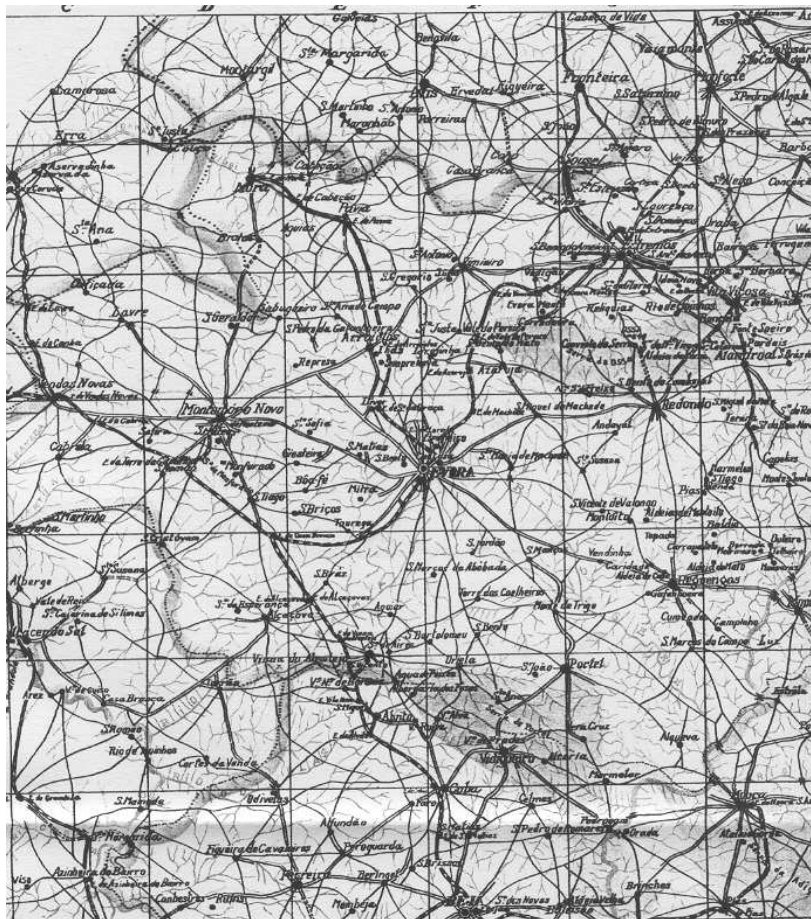
FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

## 1. O Alentejo na primeira metade do séc. XX



**Ilustração 8: Mapa Rodoviário Évora e Arredores (anos 50)**

Para o geógrafo Silva Teles, "apesar da sua estrutura geológica muito variada, o Alentejo distingue-se por uma simplicidade fisionómica que se destaca no território nacional (...). A planície e a peneplanície são as suas feições dominantes (...). Da arquitectura plissada das idades primárias só ficaram ruínas de montanhas, sem arestas cortantes". As exceções são as Serras de São Mamede e da Ossa.

Quanto às redes fluviais, S.T. afirma que estas "não possuem a regularidade e o vigor das do norte de Portugal (...). A zona de Évora é o principal nó hidrográfico alentejano, de onde partem as pendentes para os três rios".

"O céu do Alentejo é em regra de uma limpidez estranha; as estrelas têm uma fulguração especial e própria dos climas secos. A bruma é pobre durante a maior parte do ano (...) A pluviosidade abundante é episódica".

No que toca à flora típica do Alentejo o autor refere que, à excepção da Serra de São Mamede, onde brotam soutos a fazer lembrar "as paisagens da Europa Central, só se vêem (...) pinheiros mansos junto do litoral (...), florestas de sobreiros (...) na metade ocidental da província (...) e, mais para oriente (...) uma predominância de azinheiras". Abundante também é a cultura do trigo, para a qual o solo alentejano tem "aptidões verdadeiramente excepcionais".

## **2. Évora na primeira metade do século XX**

Ainda Silva Teles, descreve Évora como ocupando "o centro de uma vasta plataforma, salpicada aqui e além de um ou outro cabeço que não altera a sobriedade da paisagem. O desnível para todos os lados é gradual; para esse peneplano convergem todas as estradas que ao sul do Tejo nos ligam ao país-vizinho. É o coração do Alentejo, centro das antigas lutas, ponto estratégico de todas as invasões vindas de Espanha. É uma terra opulenta, onde se encontram associados todos os produtos vegetais alentejanos, mas sem feições dominantes nem recortes de graça. A pradaria seca, a charneca, o olival, o trigal, o sobreiral, o azinhal e os eucalpitos, de manchas mais ou menos fortes, em planífcies uniformes, eis a paisagem da imensa plataforma do Alentejo".

Já o etnógrafo Raúl Proença, descreve Évora como "a capital do Alentejo (...) e uma das cinco cidades de maior importância do País (...). A cidade alatra-se em ampla colina de declives brandos, no planalto alentejano. Terrenos de xistos rotos por formações graníticas elevam-se a 150m sobre o nível do mar. Como está alta, sem grandes montanhas próximas, tem largos

horizontes. O clima é seco, ar puro, céu muito azul, com lindos dias de sol. Em toda a cidade há farrejais, uma zona de quintas e correias, com oliveiras, vinhas, e depois os coompos, as herdades onde se cultivam os cereais, se criam gados e crescem vastos montados de azinho e sobro, de um verde escuro, severo. (...) A cidade mostra a sua elegante linha coroada pela imponente catedral, de altas torres quadradas, e alteroso zimbório", que Gabriel Pereira compara a "um elmo".

Raúl Proença prossegue, afirmando Évora como a "terra de mais evocadores ambientes e de mais poéticos recantos" de todo o país. Mais: "aquela donde se evola enfim um mais forte perfume do passado, (...) o paraíso do aquarelista e do arqueólogo". O autor aproveita ainda para abordar o "dédalo das suas ruas estreitas e sombrias, em sucessivas encruzilhadas, e linhas ziguezagueantes, o perfil movimentado dos prédios, os ressaltos dos pavimentos, as arcas góticas, as vetustas torres, romanas, godas e ogivais, os panos negros de muralha, as portas na escala humana dos gigantes e o voo dos pináculos, tudo nos transporta a existências remotas e a um mundo extinto de formas pitorescas".



**Ilustração 9: Vista Panorâmica Évora (anos 50)**



**Ilustração 10: Vista Parcial Muralha Évora**



Ilustração 11: Mapa Évora (anos 50)

## Locais da acção em "Aparição"

### a) Évora e Arredores

**Pensão Sr. Machado:** fica num terceiro andar em plena praça do Giraldo, do lado oeste, na direcção das portas de Alconchel e da estação ferroviária. A entrada faz-se pela R. da Moeda: *"sobe-se por uma escada íngreme e estreita, selada de frios muros como os de uma prisão. No primeiro andar há uma tabuleta de um médico dentista. No segundo andar, um velho abre uma porta com o cabaz das compras"*. Nas traseiras, há um terraço quadrado, em tijoleira vermelha, ladeado por muros brancos, caiados. A vista para a planície extra-muralhas é cortada por fios de roupa, ora preenchidos ora vazios. Quanto à fachada visível do lado da Praça do Giraldo, é de cor branca, com janelas altas, rectangulares com persianas brancas. Os contornos são em fino granito claro. Ao contrário das varandas do 1º e 2º andares, que contam com gradeamentos de ferro para cada janela, a varanda da pensão Machado tem um gradeamento a cada duas.

O quarto de Alberto é *"largo e branco"* e dá *"para o terraço onde fios de roupa brilhavam ao sol"*. Há duas *"janelas com portas altas"* e de manhã ouve-se um insistente *"gralhar de galinhas"*.

As paredes têm alguma tinta lascada mas o quarto é asseado. A cama é de madeira grossa e o colchão de casal. Há uma mesinha de cabeceira, a combinar com o tom de castanho da madeira da cama e um pequeno candeeiro em cima. O chão é de alcatifa castanha também e já gasta. Em frente à cama estão as duas janelas e por baixo há uma mesa pequena com uma pia para os hóspedes lavarem a cara e os dentes e uma toalha bordada à mão com as iniciais P.M.



**Ilustração 12: Exemplo Fachada Prédio Pensão Machado - Praça Giraldo (anos 50)**

**Estação:** construída no final do século XIX, para acolher a ligação Évora-Vendas Novas, a estação situa-se no exterior das muralhas da cidade, na Avenida Baarahona, onde está também situado o Rossio de São Brás, palco da conhecida feira de S.João; o edifício de passageiros conta com uma sala de espera, uma sala para bagagens e para descanso dos moços-de-frete, um gabinete para o chefe da estação e uma casa de banho numa das laterais. A chaminé tem a forma de um paralelepípedo e a cobertura, piramidal, é em telha vermelha. No lado que faz a ligação com as linhas, há seis colunas de mármore, quatro lampiões verdes em ferro pintado de verde que resistem desde a construção original e seis portas altas, também em ferro e também pintadas de verde. No exterior há oito vasos brancos, em pedra, de forma redonda, com crisântemos amarelos e cor-de-rosa. As paredes brancas do edifício de passageiros contam ainda com painéis de azulejos da autoria de Jorge Colaço (autor também dos painéis da estação de São Bento, no Porto), que evocam figuras e momentos históricos da vida da cidade,

assim como profissões características. Há ainda uma torre que tem funções de reservatório de água, onde consta a inscrição "ÉVORA" e um armazém para material pesado, com capacidade para acolher duas automotoras.

Existem três linhas férreas, duas de via dupla e duas placas para a chegada de passageiros, uma delas coberta.



**Ilustração 13: Estação Évora (actualidade)**



**Ilustração 14: Edifício Principal Estação Évora (actualidade)**



**Ilustração 15: Pormenor Edifício Principal Estação (anos 80)**



Évora, Junho de 2005

© João Cunha

**Ilustração 16: Reservatório Água Estação Évora (actualidade)**



Évora, Outubro de 2004

© João Cunha

**Ilustração 17: Automotora Nohab - Estação Évora (actualidade)**



Évora, Abril de 2004

© João Cunha

**Ilustração 18: Automotoras Nohab - Estação Évora (actualidade)**



**Ilustração 19: Interior Automotora Nohab (actualidade)**

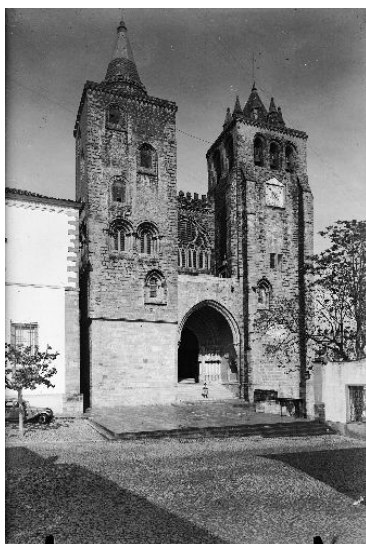
**Sé-Catedral:** Reinaldo dos Santos especula que este edifício tenha sido "construído talvez segundo o tipo das catedrais de Lisboa e Braga (...), só podendo comparar-se, em grandeza, carácter e conservação, com a Sé Velha de Coimbra". André Resende refere que a sua data de fundação, indicada no livro velho dos aniversários da Sé, terá sido 1186, pela mão do então 2º bispo, D. Paio.

No que concerne à descrição arquitectónica do edifício, R.S. refere que "exteriormente, o plano é uma cruz latina com o

claustro contra a nave sul e a sacristia contra a nave norte. O portal, ogival, sob alpendre entre duas torres quadradas (como a Sé de Lisboa), é sobrepujado de uma larga fresta, também ogival, (...) sem vitrais. Arquivolta de seis ribetes, com apostolado sobre as colunas, de mármore, um dos raros e preciosos exemplos em Portugal da estatuária romano-gótica não tumular. Das torres, a sineira da direita tem janela ogival e remata-a um coruchéu rodeado de outros pequenos como pináculos, à imitação do (...) zimbório central. A outra - da esquerda -, talvez mais antiga, com janelas românicas, tem um coruchéu simples, azulejado, rodeado de ameias na base, tão semelhante aos coruchéus manueleinos de Évora, de Tomar, às chaminés de Sintra e aos coruchéus do Limoeiro e do Paço da Ribeira (Lisboa).

Mas o maior destaque do edifício é o zimbório central, que R.S. descreve como "rodeado de coruchéus e com janelas de lanceta sob a cornija, cuja cobertura em escamas imbrincadas lembra a torre do Gallo de Salamanca e as igrejas românicas de Perigord, Nôtre-Dame de Poitiers e Angoulême. (...) Os muros não são sustentados por botaréus; os telhados têm um carácter bem meridional, em terraço, como na Provença, Maiorca e Chipre e mais tarde os da Batalha. O exterior da capela-mor é de marmore e obra de Ludovici - o arquitecto de Mafra.

O largo da Sé conta com um piso empedrado, especialmente escorregadio sempre que chove.



**Ilustração 20: Fachada Sé de Évora (anos 50)**



**Ilustração 21: Portal Sé de Évora (anos 50)**



**Ilustração 22: Vista Lateral Sé de Évora (anos 50)**



**Ilustração 23: Pormenor Fachada Lateral Sé Évora (anos 50)**

Quanto ao interior da Sé-Catedral, podem encontrar-se, do lado esquerdo "grades de ferro forjado do baptistério (no interior silhar de azulejos do séc. XVIII), datadas do séc. XVI e de inspiração gótica, com um "friso flamejante com as armas do bispo D. Afonso de Portugal". Na escada do coro há outras grades, mas de inspiração manuelina. A Sé é uma "basílica de três naves e oito vãos de 41m de comprimento. A nave central, alteada e mais larga - seis metros - é coberta por uma abóbada de berço ogival, com arcos torais. Sem frestas, tem todavia um trifório, que se estende até o transpeto, pouco profundo, de cinco arcos por tramo. As naves colaterais, mais baixas e estreitas - quatro metros -" estão "rasgadas de janelas, rematam por abóbodas de aresta. Nos fechos da abóboda da nave direita há vários símbolos", como por exemplo uma "mão segurando uma lanterna". E a descrição de R.S. continua, destacando os "grossos pilares, formados de colunas enfeixadas, de bases românicas e capitéis de decoração vegetal". Particularidade interessante é a existência de "filetes brancos de argamassa" e algumas "tábuas pintadas" do séc. XVII.

O transepto tem "duas absidiolas em cada braço, duas capelas de topo" e o zimbório, cúpula octogonal sobre "trompas de ângulo, à maneira oriental". A capela do lado do Evangelho está datada de 1529, e conta com "remniscências manuelinas na torsade do intradorso e das bases góticas (...)". O retábulo interior é feito em talha do séc. XVII. Na capela-mor "domina a ordem compósita em mármore ricos, desde o verde antigo e o vermelho e preto (...) até ao bardilho manchado (...)". Há um grande Cristo de cedro e estátuas com os bustos de S. Pedro e S. Paulo, bem como um quadro da autoria de Pompeo Batoni. A meio da nave há um altar contra pilar.

No coro alto, datado do séc. XVI, há um cadeiral em carvalho, "cujo espaldar e friso estão lavrados no Renascimento flamenco-italiano" e um grande órgão do séc. XVIII. A sacristia conta com uma porta com cruz suástica, arcazes do séc. XVII e uma colecção de paramentos do mesmo século e do anterior também. Há ainda um pátio com pinturas "feitas por um frade com tintas preparadas de flores do campo".

A obra de maior valor artístico presente na Sé-Catedral é a Virgem de mafrim, que abre em "tríptico", deixando ver "cenas esculpidas da vida da Virgem".

O claustro é de inspiração gótica e encerra o túmulo do bispo D. Pedro IV numa capela situada num das quadras. As abóbodas são "cruzaria ogival, sextipartida, como as do claustro da Sé de Coimbra. Nos ângulos, quatro estátuas de evangelistas, com panejamentos pesados de influência borgonhesa. Os espelhos dos tímpanos, dum recorte elegante e reométrico, reflectem uma estilização oriental".



**Ilustração 24: Interior Sé-Catedral Évora (actualidade)**



**Ilustração 25: Interior Sé-Catedral Évora - vista lateral (actualidade)**

**Liceu:** situa-se no largo do Colégio. Outrora Colégio do Espírito Santo, da Companhia de Jesus e também sua Universidade, era em meados do século XX edifício não só do Liceu mas também da Casa Pia. É um edifício de alvenaria e mármore branco, com colunata clássica e nele abundam o

mármore, a talha dourada, o azulejo e os tectos pintados. De acordo com Reinaldo dos Santos, "a entrada na actual Casa Pia faz-se por um alpendre sobre colunas de mármore que dá para um corredor forrado de azulejos de albarradas do séc. XVII, com carácter oriental". Vê-se depois o refeitório, com colunas de mármore e azulejos do séc. XVI, brancos e verdes, junto dos quais se encontra uma fonte da mesma época. No cruzamento dos dois grandes corredores, há "uma casa oitavada com zimbório, quadros de azulejos relativos aos quatro elementos e estátuas alegóricas". Próxima, na vertente norte, está a capela do fundador, com "portada de mármore e também revestida de azulejos (...) que forram as escadas, os corredores, as celas e os claustros (...) numa profusão extraordinária".

Num plano inferior surge então a fachada do Liceu. R.S. menciona que "entrada a porta, logo se nos depara, no vasto pátio, a frontaria de mármore da sala dos actos grandes, tendo, sobre os umbrais, uma estátua com o ceptro e o sol em bronze, representando a Universidade Real, e outra com crescente e o báculo, simbolizando a Universidade Pontifícia. Em roda da fachada, galeria de dois andares com dois arcos de volta redonda (...) e uma "escadaria e colunata de mármore".

No mesmo edificio situa-se a igreja nova, de uma só nave, datada de finais do séc. XVI, onde se destacam as talhas e os azulejos policrómicos que se podem ver na capela-mor. O púlpito foi construído em bronze e mármore vermelho.

Quanto ao claustro, apoiamo-nos na descrição de Vergílio Ferreira, pela voz de Alberto Soares: "havia no centro um jardim tratado, em cujos canteiros verdes morriam as últimas rosas de Verão. Sobre um pequeno lago erguia-se uma taça de mármore onde vinham pombos beber (...); de tarde, a fila de arcadas batida de sol recortava-se em sombras nos azulejos da parede. Desfolhavam-se ainda no jardim umas últimas flores vermelhas e amarelas, semelhantes a lírios. Dos telhados,

pombos desciam, em linhas convergentes, para a taça da fonte; no pátio havia quatro árvores".

O Liceu contava também com campo de jogos, um ginásio, , um ringue de patinagem, dois courts de ténis, um campo de basquetebol, um campo de andebol e uma pista de saltos. Uma sineta avisava alunos e docentes do início e final das aulas.

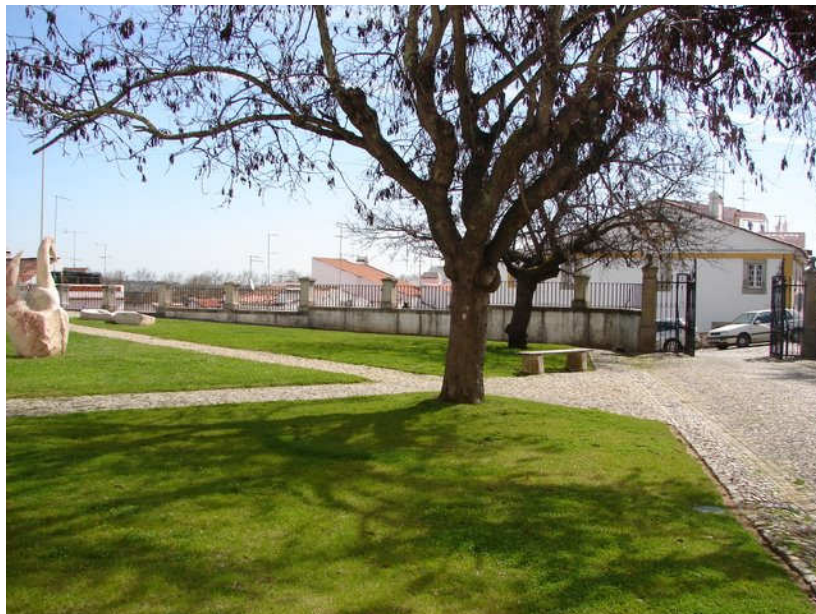
A sala 8 - onde Alberto leccionava -, estava debruada com uma faixa contínua de azulejos a uma altura média-inferior. Uma coluna de mármore branco, a meio da sala, marcava o ambiente eclesiástico de outrora. As doze carteiras dos alunos, de madeira grossa, estavam dispostas em três filas de quatro e tinham uma zona inclinada onde repousavam os cadernos e um espaço superior, sem declive, para acomodar os lápis e outro material de escrita. Alberto dispunha de uma mesa lisa, de madeira maciça, mais fina que a dos seus alunos, no canto mais próximo de uma das duas janelas, do lado oposto à porta. Atrás de si, estavam os mapas de Portugal e colónias e dos caminhos-de-ferro. Do lado da porta, ao centro, encontrava-se uma cátedra, feita em madeira brasileira, com um acesso feito por uma pequena escadaria de mármore. O quadro, grande, de lousa preta, tinha um contorno de madeira escura. Por cima, ao centro, uma cruz de madeira e os retratos do Chefe de Estado, à esquerda e do Presidente do Conselho, à direita. Na parte inferior do quadro havia um apoio para o giz e para um grande esquadro e um transferidor, ambos de madeira. Das janelas, viam-se passar fios eléctricos.

Tal como nas salas de aula, também a secretaria do Liceu contava com uma cátedra de madeira e uma pequena escadaria de mármore, além de um painel de azulejos contínuo a debruar o espaço. Duas janelas, com caixilhos de madeira, iluminavam a secretaria, numa área dividida ao meio por um balcão de madeira (interrompido por uma das duas grandes colunas de mármore que povoavam a secretaria) - a zona de atendimento.

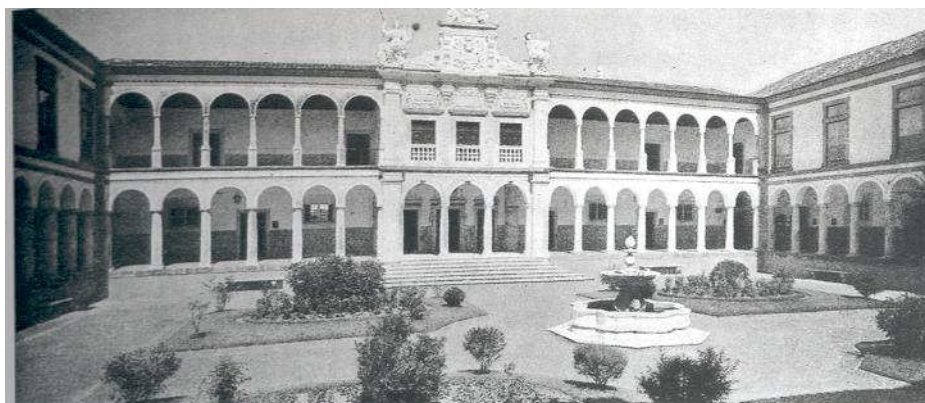
Na zona dos funcionários estavam três secretárias lisas, de madeira, para uso do pessoal.

No gabinete do reitor, havia uma secretária, com pequenas marcas circulares fruto das batidas constantes do lápis do reitor. Um maple preto estava numa zona contígua a uma esteira onde repousava um velho cão perdigueiro. A cadeira do reitor era também preta, de couro, alta e almofadada.

À entrada do Liceu, situada no topo duma rampa, havia um jardim de onde podia ver-se a vastidão da planície e, no horizonte, a serra de Ossa e o castelo de Évora-Monte.



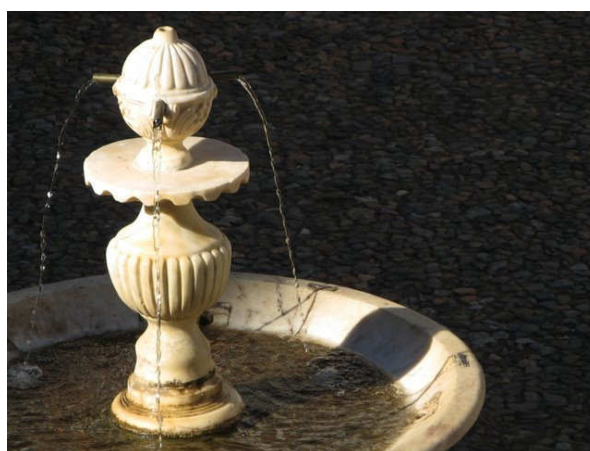
**Ilustração 26: Entrada do Liceu Nacional de Évora (actualidade)**



**Ilustração 27: Claustros e Jardim Liceu Évora (anos 50)**



**Ilustração 28: Pormenor Claustro Liceu Évora (actualidade)**



**Ilustração 29: Pormenor Fonte Liceu (actualidade)**



**Ilustração 30: Interior Aula Académica (Anos 50)**



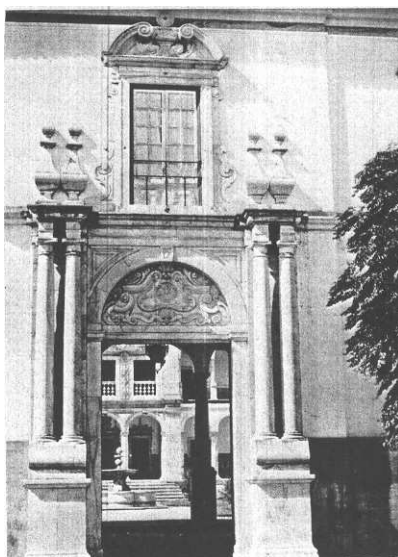
**Ilustração 31: Sala Aulas Liceu Évora (actualidade)**



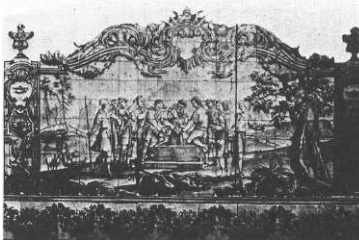
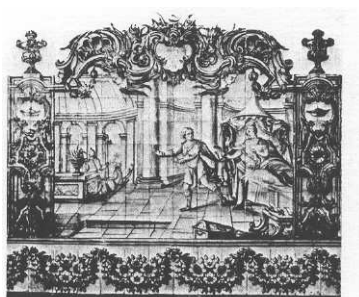
**Ilustração 32: Sala de Aula tradicional - atentar no mobiliário, mapas e quadro (actual.)**



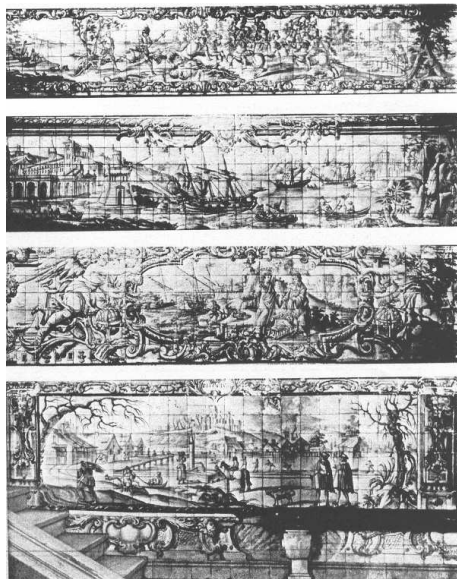
**Ilustração 33: Secretaria Liceu Évora (anos 50)**



**Ilustração 34: Liceu Évora - entrada pátio exterior (anos 50)**



**Ilustração 35: Painel Azulejos Liceu Évora (anos 50)**



**Ilustração 36: Painel Azulejos Aula Académica  
(anos 50)**

**Templo de Diana:** originalmente intitulado "templo romano", está datado do final do século II ou começo do III. Está "assente sobre um esvasamento de silharia", onde se ergue "uma coluna coríntia, completa na face Norte, incompleta nas faces Este e Oeste". Quanto à face oriental, "há quatro colunas completas, duas perderam os capitéis, da quinta existe a base apenas". Sobre todas as colunas completas, que medem 7,68m de altura, "firma-se ainda parte da arquitrave. Os fustes são de granito, canelados e ligeiramente curvos, as bases e capitéis coríntos de mármore de Estremoz". Reinaldo dos Santos refere ainda que "para além do templo romano fica o Passeio do conde de Schomberg, mais conhecido por Passeio de Diana, com o singelo monumento ao dr. Barahona", erigido em 1908, "e que pelo Norte encosta sobre a muralha romana". Do alto dessa muralha "desfruta-se um dos mais largos e belos panoramas da campina alentejana", do lado Norte "mais acidentada e vestida de arvoredo. Na extensa e luminosa planície branquejam um sem-número de quintas e casas de campo. À esquerda vêem-se os moinhos de S. Bento; à direita, ao longe, o convento do Espinheiro; ainda mais para além, o castelo de Arraiolos, de um lado, e o de Évora-Monte, do outro". De um e outro passeio

e do templo romano, ficam as ruas Oriental e Ocidental de Diana. Logo à entrada da Rua Oriental, aliás, fica o mosteiro dos Lóios.



**Ilustração 37: Vista Geral Templo Romano e Jardim (anos 50)**



**Ilustração 38: Perspectiva Templo a partir do Jardim Diana (anos 50)**



**Ilustração 39: Vista Nocturna Templo Diana (anos 50)**



**Ilustração 40: Vista Panorâmica Nocturna Templo Diana (anos 50)**

**Café Arcada:** situado no nº7 da Praça do Giraldo, foi inaugurado nos anos 40. Frequentado essencialmente pela classe média de Évora, bem como reformados e indivíduos ociosos que vivem de rendimentos. Apresenta linhas modernas para a época - diz Alberto Soares que "a sala do café esquadriava-se em nitidez nos reflexos dos metais, na lisura dos mármore, na lucidez das vidraças" - com um sem-número de mesas. A existência de mesas em exagero obriga muitas vezes a uma grande ginástica nas próprias deslocações da mais de uma dezena de empregados (vestidos com fato preto, camisa branca, laço preto e sempre de pano branco no braço), que ali servem os clientes. Há uma zona de café-concerto, a um dos cantos, onde um piano marca o espaço dotado ainda de algumas cadeiras para uma pequena orquestra. Só nos dias de música - normalmente ao domingo - é permitida a entrada de mulheres e raparigas. Às horas de almoço e de jantar, o café torna-se, de acordo com a descrição de Vergílio Ferreira, num "vasto túnel apinhado de gente", em que sobressaem a "vozeria, fumarada, odor a corpos" e as "notas de conto esfolhadas pelas mesas de negócio".



**Ilustração 41: Interior Café Arcada (anos 50)**



**Ilustração 42: Pianista no Café Arcada (anos 50)**



**Ilustração 43: Empregados Café Arcada**

**Casa Dr. Moura:** Situada junto às portas de Alconchel, junto ao cemitério de N<sup>a</sup> S<sup>a</sup> dos Remédios. No átrio há um grande pote de cobre. Subindo-se uma larga escadaria de pedra, bordejada de uma fieira de bilhas de barro encontra-se o rés-do-chão, frio, com grandes arcadas de velho mosteiro, que causam em Alberto um sentimento de "frescura de catacumbas". Ao longo do corredor, que conduz a uma espécie de marquise, há salas grandes, criando uma ilusão de labirinto para quem não for visita frequente. Em frente há um jardim, cercado de um muro alto e destacam-se duas palmeiras, antigas, que "explodem no céu como granadas".

Na sala de estar há um grande rádio encostado à parede, junto à porta e alguns instrumentos tradicionais pendurados na parede. Um sofá grande ocupa a zona central, que conta com um tapete de Arraiolos aos pés. Na parede oposta ao sofá há um grande móvel, onde estão guardadas as porcelanas e os cristais da família e que podem ser vistos através da vitrine superior.

A sala de jantar, solene, conta com uma mesa grande, forjada em ferro, de aspecto medieval. Há talheres de prata e copos grossos de cristal. Dois grandes aparadores de cerejeira ganham destaque ao canto da sala e há pratos alentejanos pendurados na parede.

O escritório do Dr. Moura está pejado de carpetes e reposteiros de inspiração oriental. Já o escritório privativo de Sofia é uma sala pequena de abóboda alta, dois maples, uma mesa, estantes e alguns quadros. Uma grande janela dá para o pátio deserto, onde a água "estala sem cessar". Ao canto há um radiador eléctrico. Saindo do escritório há uma "larga escadaria de granito, também bordada de bilhas de barro".



**Ilustração 44: Vista Porta Alconchel**

Estrada do Redondo

A noroeste de Évora, a estrada atravessa duas linhas férreas, deixando para trás "a cidade (...) coroada pela Sé", até que se chega a "um caminho mau, escavado das chuvas e dos carros das mulas". São muitas as curvas em declive. As oliveiras e azinheiras dominam as bermas da estrada, havendo muitas "rochas nuas como ossos" por baixo delas.

**Igreja de S. Francisco:** monumento nacional, de inspiração gótica, de granito, terá sido reconstruída, de acordo com o Frei Jerónimo de Belém, entre os anos de 1460 e 1501. Reinaldo dos Santos descreve esta Igreja como "coroada de ameias e coruchéus torsos, com galilé (...). A abóboda de aresta de galilé, em que se vê a cruz de Cristo, assente sobre sete arcos diferentes: o central de volta redonda, três em ferradura, um, no extremo, lanceolado, e os laterais em ogiva, todos separados por gigantes góticos. É um dos exemplos mais típicos desse aspecto híbrido, gótico-mourisco, que se encontra nos monumentos alentejanos. O pórtico de entrada, dividido por um mainel, combina o mármore das colunas e arcos manuelinos com o granito da silharia. Por cima o escudo, o

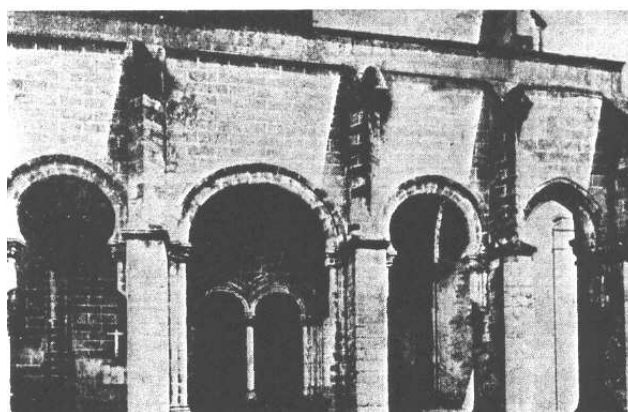
pelicano de D. João II e a esfera de D. Manuel". Já Alberto Soares, na escrita de Vergílio Ferreira, destacava este monumento eclesiástico pela sua "sua massa negra", que se erguia "entre as fachadas brancas dos prédios";



**Ilustração 45: Igreja São Francisco (anos 50)**

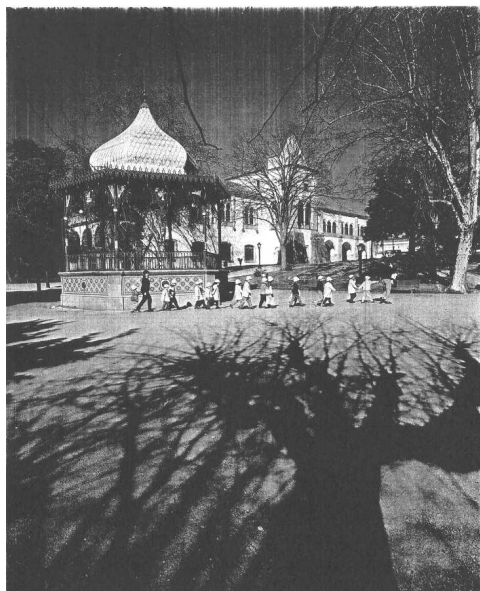
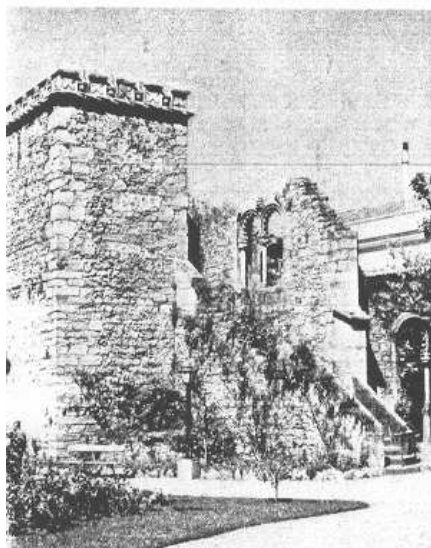


**Ilustração 46: Igreja S. Francisco (anos 40)**



**Ilustração 47: Igreja S. Francisco - vista lateral (anos 50)**

**Jardim Público:** ainda Reinaldo dos Santos, caracteriza esta área como "um vasto recinto com lagos, avenidas e ciprestes, amoreiras, plátanos e pimenteiras afogadas em tufos de hera, e que se apoia sobre um dos lanços das muralhas do século XVII. Um as ruínas góticas fingidas, que se vêem na face norte do jardim, foram construídas em 1863, pelo cenógrafo italiano Giuseppe Cinnatti (...)", que, em sua homenagem, tem um busto no mesmo jardim. Quanto à vertente Sul, permite observar "a vasta campina, enrugada ao fundo pelas brancas serranias azuladas de Portel, Alcáçovas e Viana". Já a Oeste, para lá do busto de Cinnatti, há um imponente laranjal. O jardim continua para poente, numa "extensa mata de abundante arvoredado, cortada de ruas e veredas". Ainda dentro dos limites do Jardim, encontram-se os chamados Paços de D. Manuel ou de S. Francisco. De referir ainda que em 1949, o Jardim recebeu um busto de Florbela Espanca, da autoria de Diogo Macedo. Os bancos que povoam aquela zona são de madeira.



**Ilustração 48: Jardim Público - Ruínas Fingidas (anos 50)**

**Ilustração 49: Jardim Público - vista do coreto (anos 50)**



**Ilustração 50: Jardim Público - Busto Florbela Espanca (actualidade)**

**Largo 1º de Maio:** situado a norte do Jardim Público, é famoso pelo seu mercado matinal de domingo. Nesse dia, o largo abandona a sua calma quotidiana, abalada apenas pela constante passagem de carroças, para reunir todo um conjunto de artistas, artesãos e vendedores. Em "Aparição", Alberto Soares, pela caneta de V.F., descreve os "aldrabões de feira", que "fecham um círculo de atenção, impingindo o seu vigário, vendedores de ferro-velho oferecem restos de arados, parafusos, três elos de corrente, bacias descascadas, armações de lavatórios, espelhos, garrafas vazias, rolhas, fivelas de cintos; livreiros vendem almanaques antigos, folhetos de cordel, livros de missa, volumes de folhetins, compêndios escolares de outrora; há os vendedores de louças, velho calçado; há ainda, perto do muro do jardim, os vendedores de blocos de cal, com as suas carroças pousadas nos varais, os cavalos desatrelados ruminando a ração"; "estendal de ferrugem, de sebo livreiro, à face das grimpas da velha igreja";



**Ilustração 51: Largo 1º de Maio - Mercado (anos 50)**



**Ilustração 52: Panorâmica Largo 1º de Maio - Dia Mercado (anos 50)**



**Ilustração 53: Pormenor Largo 1º de Maio - Mercado (anos 50)**

**Casa de Chico:** dois andares, na Rua do Eborim, com vista para o Jardim Público. O quarto é grande, fica no rés-do-chão e à semelhança do resto da casa tem soalho envelhecido. Há um candeeiro alto a "estampar a luz na secretária" de madeira escura, gasta, que dissolve o quarto "em penúria"; no mesmo espaço há uma cadeira de madeira com costas altas; uma das pernas está nitidamente desgastada;

**Rua da Mouraria:** liga os largos de Luís de Camões e de S.Mamede. Do lado do largo Luís de Camões, situado a Oeste, encontramos dois arcos, de origem romana, que se elevam a uma altura de seis metros. O piso é empedrado, à semelhança das demais ruas do centro histórico de Évora. A rua conta, na maioria da sua extensão, com prédios de dois andares (o mais alto tem três), curtas varandas de ferro pintadas de verde e chaminés em forma de paralelepípedo. Em cada edifício há um lampião em vidro e ferro, também de cor verde. A cor amarela predomina nos contornos das fachadas, caiadas de branco. Ao fundo da rua, tem o seu topo no largo Luís de Camões, apresentando depois um declive até ao largo de S. Mamede, está a igreja paroquial de S.Mamede, de fundação gótica à época de D.Dinis e reconstruída no séc. XVI e cujas torre e relógio se avistam a partir do Largo de Camões. A galilé em mármore, assim como a abóbada nervurada da nave, imprimem a este monumento um forte carácter renascentista.



**Ilustração 54: Rua da Mouraria (actualidade)**



**Ilustração 55: Pormenor Arcos Rua Mouraria (actualidade)**

**Livraria Nazaré:** situada debaixo das arcadas da Praça do Giraldo, faz esquina com a Rua da Selaria. A fachada branca conta com uma porta alta, em madeira e duas grandes janelas com contornos também em madeira castanha, onde se podem ver as montras com livros expostos. Por cima da porta e ocupando o comprimento entre as duas janelas, há um grande letreiro castanho: "LIVRARIA NAZARETH". No interior há um pequeno expositor de vidro, logo à esquerda de quem entra, onde estão expostos postais da cidade e envelopes. As paredes laterais estão forradas de estantes com rebordos grossos de madeira,

carregadas de livros, muitos empoeirados. Ao fundo há um pequeno balcão com o tampo em madeira e parte de baixo em vidro, que serve de exposição para canetas finas, de tinta permanente. É esta mesa que é utilizada também para sessões de autógrafos, em frequentes apresentações de livros. Atrás da mesa, uma colecção de pratos típicos alentejanos preenche a parede branca e uma porta verde azeitona dá passagem para uma zona de arrumos. O "chão de tábuas apodrece de humidade" e o "ar empasta-se da poalha de água que o vento atira pela porta".



**Ilustração 56: Interior Livraria Nazaré (actualidade)**



**Ilustração 57: Sessão Autógrafos Livraria Nazaré (anos 50)**



**Ilustração 58: Sessão de Autógrafos Livraria Nazaré (anos 50)**

**Rua da Selaria:** Ganhou, após a implantação da República, a denominação de Rua 5 de Outubro. Nela pode-se ver uma das torres da muralha goda - a Torre da Selaria, ou, mais abaixo, a rua Miguel Bombarda, outrora apelidada de Rua dos Infantes. Através da Rua da Selaria chega-se directamente ao Templo Romano e à Sé-Catedral. Aliás, a R. da Selaria faz a ligação entre a Praça do Giraldo e o largo Marquês de Marialva, onde além da mais importante obra eclesiástica intra-muros se pode encontrar o antigo palácio da Inquisição, da autoria do arquitecto Mateus Couto, fundado em 1536. O palácio fica em frente à Sé e possui duas janelas quinhentistas.

Já Alberto Soares, que passava frequentemente por esta rua nos seus périplos pelo centro da cidade, dava especial atenção a "um cão que todos os dias estava ali na rua, ladrando para uma janela até lhe atirarem de lá um osso" e ao "nicho do Senhor dos Terramotos, que lhe fica ao alto e quase em frente". Este nicho foi instalado em preito de gratidão, no ano de 1755, por Évora ter sido poupada pelo sismo de grande magnitude que atingiu Lisboa e outras localidades do país.



**Ilustração 59: Rua da Selaria (anos 50)**



**Ilustração 60: Pormenor Edifício Rua da Selaria (actualidade)**



**Ilustração 61: Rua da Selaria com Sé ao fundo (actualidade)**



**Ilustração 62: Nicho Senhor dos Terramotos - Rua da Selaria (actualidade)**



**Ilustração 63: Rua da Selaria - Cunha Medieval (anos 50)**

**Rua dos Infantes:** tal como a Rua da Selaria - depois tornada Rua 5 de Outubro -, também a denominação de Rua dos Infantes foi alterada na toponímia eborense para Rua de Miguel Bombarda. Pela sua proximidade à Praça do Giraldo, pode entender-se com naturalidade a queixa de Alberto Soares quanto ao facto da R. dos Infantes estar "sempre embaraçada de peões". Nesta rua, defronte de um prédio em que há duas janelas manuelinas geminadas com colunetas de mármore, ergue-se a igreja de São Vicente, datada do século XV. Prosseguindo nesta artéria, vêem-se à esquerda umas escadas que vão dar à rua de Valdevinos, depois de passar o arco da Alcáçova de Baixo. Num extremo da rua fica a rua de Álvaro Velho, a caminho da Praça do Giraldo. No outro encontramos o largo das Portas de Moura e o Carmo.



**Ilustração 64: Rua dos Infantes (anos 50)**



**Ilustração 65: Pormenor Janela Rua dos Infantes (anos 50)**

**Casa Ana e Alfredo:** casa antiga, com um grande átrio frio, uma escada ao fundo com corrimão de granito. A meio do vasto átrio, um grande pote de cobre; fogão, onde estala lenha, numa pequena sala aberta de portas para todo o lado e reposteiros gastos; uma cadeira e um sofá; pelos vidros de uma das três janelas grandes de guilhotina vêem-se, para os lados da estação, chaminés brancas, "flores de gessos nos ângulos das casas" e grandes terraços gradeados de ferro. Pelo sofá

passeia-se um gato preto com uma fita vermelha ao pescoço e um guizo; tem dentes aguçados; na garrafeira há "uísque, Vat 69, brande, Cointreau, Porto, Madeira, conhaque Napoleão e Carlos I, gin e Genebra".

No quarto de Alfredo e Ana há uma casa de casal com um dossel "com o seu aparato real".

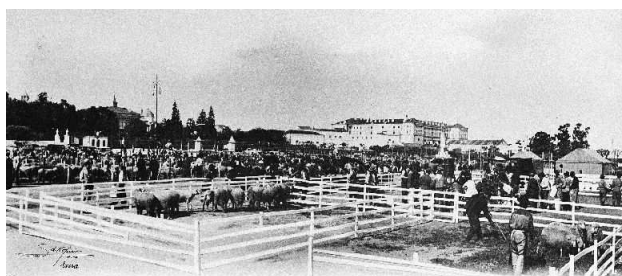
Quanto à sala de jantar a mesa era "excessivamente grande para quatro pessoas": tinha tabuleiros corrediços que podiam ser esticados; A sala tem dimensões generosas, "com uma frialdade de grandes muros de sombra" que não é contornada pela presença dos radiadores eléctricos; "os talheres brilham à luz das lâmpadas, tecem uma ligação de fios de aço". Os copos são de cristal da Boémia; Encostados às paredes, há móveis com "uma abundante exposição de pratas, dentro de montras de vidro, como nas ourivesarias"; há "flores no centro da mesa", colocadas pela criada externa; "há bombons (...) amontoados em taças de vidro" "toalha branca" "copos de pé alto"; "sobre o aparador há um busto que lembra Cristina", e que terá sido da autoria da própria Ana.

**Rossio de São Brás:** situado no exterior das muralhas da cidade, limitado pela Avenida Barahona e pela Estrada da Circunvalação; piso em terra batida, definido por V.F. como um "vasto largo deserto". O Rossio ganha vida com a Feira de São João, um evento ali realizado anualmente, durante 12 dias, em Junho. A primeira edição da Feira realizou-se no dia 24 de Junho de 1569. O certame atrai feirantes de todo o Alentejo, das Beiras, do Algarve e também da vizinha Espanha. Há não só artesanato - azulejaria, cortiça, cabaças, cerâmica, capotes - mas também espaços de alimentação - bancas de vinhos, queijos, pão, porco, borrego, azeite, poejos, doces conventuais e outras sobremesas -, exposições e espectáculos de teatro. Além de espaço de visita, a Feira de S.João também se reveste de importância social, já que os visitantes aproveitam para

passar peças de roupa nova, cabelos minuciosamente penteados e há até quem lá conheça o futuro marido ou a futura esposa.



**Ilustração 66: Bar e Esplanada Feira São João - Rossio (anos 50)**



**Ilustração 67: Rossio São Brás - Feira Gado (anos 50)**



**Ilustração 68: Banca Quinquilharias Feira São João - Rossio São Brás (anos 50)**



**Ilustração 69: Feira Pucarinhos - Feira de São João - Rossio S. Brás (anos 50)**



**Ilustração 70: Pormenor Carrossel Feira São João - Rossio São Brás (anos 50)**



**Ilustração 71: Fonte Rossio São Brás (anos 50)**



**Ilustração 72: Panorâmica Rossio São Brás (anos 50)**

**Estrada Reguengos:** A sudeste de Évora, a estrada de pedra conta com "árvores em fileiras ininterruptas nas bermas". Primeiro azinheiras e oliveiras e, a seguir ao desvio para Viana, a planície dá lugar a uma mata de eucaliptos - "um caminho escavado, com cortes bruscos que sacudiam o carro" até desembocar numa clareira;

**Quinta da Sobreira:** Fica "na estrada do Espinheiro", a nordeste de Évora, depois de um "caminho estreito, bordado de valados e piteiras".

A casa tem um alpendre à largura da fachada, de estilo colonial, para o lado de nascente. Há uma sala térrea de mosaico e "filas de plantas bordam as alamedas, um aroma de mimosas desvanece-se no ar (...)". Há também uma piscina vazia escavada no terreiro, com um "ar de ruína nas folhas secas, depositadas no fundo". A um topo estende-se um muro de cimento pintado de azul e nas traseiras há uma pocilga, também murada;

**Alto de São Bento - casa Alberto Soares:** A quase 400 metros de altitude, este núcleo é um antigo povoado neolítico, situado a noroeste de Évora. A ligação à cidade faz-se pela estrada de

São Bento. Tomado o desvio para o Alto, chega-se a um sítio isolado, onde repousam dois moinhos. A casa fica do "lado direito (...) no pátio em frente há um toldo de glicínias que começam a florir e, debaixo, bancos de madeira apodrecendo. Sob os beirais da casa há sempre um frémito de asas: as primeiras andorinhas. Ao lado, para lá de um caminho rústico, um alto pano de velho muro abre-se em ruínas, mostrando no interior pedras brancas de sombra". Destaque para a larga varanda que sobressai do primeiro andar, a partir da sala de jantar, com duas janelas geminadas, altas, com contornos de granito branco.

Atrás há um quintal semeado "(...) onde crescem favas novas, uma mesa de pedra e bancos junto à casa para os grandes calores de Verão. Para longe, ondulam linhas brandas de colinas, salpicadas de casas brancas (...)". Não longe dali, há três pinheiros de "vasta copa redonda".



**Ilustração 73: Alto de São Bento (actualidade)**



**Ilustração 74: Vista Panorâmica Alto São Bento (anos 50)**



**Ilustração 75: Vista Panorâmica Alto São Bento (actualidade)**

**Chafariz d'El-Rei:** Situado fora das muralhas da cidade, a Sul, o chafariz d'El-Rei foi construído no ano de 1497 a mando do Rei D. Manuel, conforme legenda em latim inscrita na placa de Mármore. O historiador Túlio Espanca descrever este monumento, realizado em alvenaria rebocada e caiada, mármore e granito como um "paredão delimitado por cunhais a cor amarela, de granito, e rematado por ameias e merlões chanfrados rebocados e caiados; ao centro merlão mais elevado ostentando lápide de mármore branco, com a representação da cruz de Cristo e a legenda «MANUEL, REI DE PORTUGAL, DAQUEM E DALEM MAR EM AFRICA

E SENHOR DA GUINÉ ANO 1497»; sob ela as armas de Portugal inscritas em moldura de verga curva e pequena lápide com a inscrição CME. Tanque de planta rectangular, baixo, quase ao nível do passeio calçeteado, delimitado por vários malhões de perfil curvo". À época de "Aparição" subsistiam apenas cinco das vinde e duas ameias que rematavam o muro de alvenaria. O tanque, em granito e de planta quadrangular, está protegido por pilaretes circulares, de feitura rústica, que a circundam, e serviam de apoio aos transeuntes ou de amarra para os animais.



**Ilustração 76: Vista Geral e Pormenor Chafariz d'El-Rei (actualidade)**

**Praça do Giraldo:** Raúl Proença classifica esta Praça, de forma elíptica com uma praça central a lembrar um rectângulo, como "o ponto central da cidade e um dos locais do País mais rico de sugestões históricas (...). Conserva certo carácter, com a sua profunda e sombria arcaria medieval do lado Este, de arcos redondos e ogivais, com um ou outro nichozinho embebido na parede, e, a Norte, o belo chafariz henriquino - monumento nacional, então gradeado - construído cerca de 1570 pelo arquitecto Afonso Álvares, num mármore que a luz irisa, rematado por uma coroa de bronze. As oito carrancas, também de bronze diz-se corresponderem às oito ruas que desembocam na praça". Por ser o epicentro da vida eborense, não são raras as sociedades comerciais lá instaladas. Desde o Banco de

Portugal, pensões e hospedarias aos cafés Brasserie e Arcada, passando pela Sociedade Harmonia - instalada do lado Oeste, era o clube mais concorrido da cidade, "de cujo terraço se deve admirar o extenso panorama, as duas belas rosáceas de tijolo que se abrem na face Este da varanda e o aspecto pitoresco que se desfruta, para um eirado próximo, como grelhas recortadas na mesma matéria". A livraria Nazaré era outro dos pontos de maior frequência, especialmente de professores e homens de Letras.

No extremo Norte da Praça, perto do chafariz, podemos encontrar a Igreja de Santo Antão, mandada construir em 1557 pelo infante D. Henrique. O corpo da igreja, "de três naves com colunas de granito branqueadas a cal, tem 33x7m. De interesse arqueológico é também o frontal do altar-mor de 2,02 x 0,5m, em mármore, esculpido em baixo-relevo e representando um apostolado romano-gótico (séc. XIII), com a cruz dos templários". R.P. chama ainda a atenção para "um frontal rico, bordado a ouro sobre linhagem, um quadro de Sto. Agostinho, de Vieira Lusitano e uma Ceia, de Bento Coelho da Silveira (...) Na capela das Almas, encontra-se uma tábua pintada pelo célebre escritor Jerónimo Corte-Real", com "talha do fim do séc. XVII" e nas capelas laterais podem ver-se "vários tipos de azulejos dos séc. XVI e XVII".

Vergílio Ferreira, através do seu protagonista, opta por dar destaque ao romantismo da arte floral então existente naquela praça: "havia crisântemos ao longo das arcadas, uma roda de vasos cercava a fonte por dentro das grades. Havia-os brancos, roxos, amarelos, de cabeleiras caídas para os olhos, com o seu ar fatal ao sol triste de Outono".



**Ilustração 77: Praça do Giraldo (anos 50)**



**Ilustração 78: Vista Lateral Praça do Giraldo (anos 50)**



**Ilustração 79: Pormenor Praça Giraldo e Fonte (anos 50)**



**Ilustração 80: Banco de Portugal - Praça do Giraldo (anos 50)**



**Ilustração 81: Vista Nocturna Praça Giraldo (anos 50)**

## b) Aldeia/Montanha

**Casa Família Soares:** quinta de vocação agrícola, com um edifício principal do século XVIII, construído entre 1761 e 1767, provavelmente por um retornado do Brasil. Vasto jardim em frente, com um grande alpendre ao lado, um pinhal descendo oposto até à ribeira, e, adiante, a montanha. Precisamente virado para esse lado há uma zona empedrada que faz de pátio e dá acesso a um lagar e a um pequeno armazém de tonéis, vindos das vinhas que estão plantadas de forma paralela à área agrícola;



**Ilustração 82: Exemplo para Casa da Aldeia (Quinta das Cegonhas – Serra da Estrela)**



**Ilustração 83: Exemplo Casa da Aldeia - Vista Aérea  
(Quinta das Cegonhas - Serra da Estrela)**

**Quarto Alberto:** quarto grande, com uma cama de ferro negro ao centro, feita com lençóis brancos e uma colcha de lã por cima. Há uma velha persiana semi-aberta, deixando entrar alguma luz do Sol pelas frinchas"; uma manta e uma almofada repousam numa cadeira de madeira com costas, situada num dos cantos do quarto. No lado oposto há um guarda-fatos com um grande espelho;

**Quarto Pais Alberto:** quarto simples, tem duas mesinhas de cabeceira, cada uma com um pequeno candeeiro, um lustre de cristal pendurado no centro, uma escrivaninha feita em pau-brasil com alguns clássicos da literatura mundial e um grande guarda-fotos. Na parede estão penduradas algumas fotos da família em conjunto e outras dos filhos, isolados.

**Sala de Jantar:** Muito espaçosa, marcada pela presença de uma grande lareira ao centro. Ao lado direito da lareira há um espaço onde estão empilhados toros de lenha e no chão está um cesto de vime com pinhas. O lado esquerdo da sala é uma zona de apoio, com uma mesa escura, em carvalho, coberta por uma toalha branca de tecido grosso. Há também uma pequena garrafeira em ferro verde, preenchida a três quartos. Ao lado direito de quem entra há uma grande mesa oval, com uma toalha branca de linho e junto à parede está um aparador ocupado com copos de cristal. Ainda em cima da mesa, há dois grandes candeeiros de globos pálidos. Entre a lareira e o aparador há um acesso a uma varanda com vista para o largo de acesso à entrada principal da casa;

**Igreja:** origem românica, restaurada no séc. XVII; exterior em pedra clara, com amplo largo em frente e árvore centenária a este da fachada; vitral discreto acima da porta de madeira maciça; cruz pequena no topo em posição central; torre com

dois sinos de bronze, colocados de forma paralela e com tamanho igual; cruz em posição central colocada no ponto mais alto da torre; planta longitudinal composta por três naves escalonadas de quatro tramos, uma capela-mor mais estreita e, dos lados, duas sacristias. No interior, destaque para um retábulo-mor de talha dourada do estilo barroco joanino e para o arco triunfal de volta perfeita;



**Ilustração 84: Exemplo Igreja Aldeia (Igreja Paroquial de Melo - Serra da Estrela)**

**Estação:** Edifício principal de dois andares: no rés-do-chão sala de espera em granito e painéis de azulejos pintados a azul. No andar superior, sala para o chefe da estação e arrumos. No pequeno anexo contíguo ao edifício principal há uma casa de banho. Os dois edifícios apresentam chaminé em forma de paralelepípedo, assim como telhado em pirâmide com telha laranja. As fachadas dos dois edifícios estão pintadas de branco e contam com uma faixa inferior em azulejo com padrões aos quadrados. Há apenas uma linha, com via única que dá acesso à única plataforma da estação, em calçada portuguesa, de cor branca, que dá acesso ao edifício principal.



**Ilustração 85: Exemplo Estação Serra Estrela (Estação Alpedrinha)**



**Ilustração 86: Exemplo Estação Serra Estrela (Estação Alpedrinha)**



**Ilustração 87: Comboio (1950)**



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E  
AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

**TRATAMENTO**

**"APARIÇÃO"**

FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

1 INT Quarto de Alberto - Casa da Aldeia DIA

Manhã da véspera de Natal. O jovem Alberto está deitado na cama negra, de ferro, remexendo-se por baixo dos lençóis brancos. Ao fundo, a velha persiana está semi-aberta, deixando entrar alguma luz do Sol pelas frinchas. Ouve-se uma buzina e, logo de seguida, passos acelerados - o barulho de tacões indicia serem de uma mulher - pelas escadas abaixo.

2 EXT Pátio - Casa da Aldeia DIA

Evaristo está a acabar de tirar as malas do carro e a colocá-las junto à grande porta castanha da casa dos pais. Júlia mantém-se no lado do passageiro, olhando para trás para ver como está o filho. Só saem do carro depois de o marido terminar de o descarregar. A criada está a segurar a porta, aberta para trás, saudando Evaristo, que vemos entrar eufórico e apressado. Júlia segue mais atrás, sorridente.

3 INT Hall de Entrada - Casa da Aldeia DIA

No largo hall de entrada, povoado de móveis antigos e jarros e com uma grande escadaria ao centro, Evaristo surge com uma mala em cada mão. Pergunta em voz alta pelo monge, repetidamente. Júlia está um pouco mais atrás, em segundo plano. Até que vemos Alberto, com um ar algo ensonado, descer as escadas rumo ao simultâneo e efusivo abraço corpulento do irmão e da cunhada, gesto imitado, de forma desajeitada, pelo filho de ambos. Chegam Álvaro e Susana, vindos duma porta lateral, abraçam Evaristo e Júlia e Álvaro afaga a cabeça de Alberto Jr.

#### 4 EXT Pátio - Casa da Aldeia DIA

Fim da tarde. No pátio, de terra batida, repousa o carro de Evaristo, estacionado perpendicularmente à porta de casa, com a vista da montanha, imponente, a parecer um quadro fotográfico. Começa a ouvir-se o barulho de cavalos. Entretanto, aparece uma charrete com Tomás ao comando do cavalo e um dos filhos sentado a seu lado. Na traseira estão Isaura e os outros dois rebentos. Assim que Tomás faz parar o cavalo os dois filhos que seguem com a mãe saem da charrete e começam a correr desenfreadamente pelo pátio, num jogo de perseguição só parado por um berro da mãe. À janela da sala de estar aparece então Susana, que ao ver o filho, a nora e os netos lhes acena sorridente. Ordena à criada que lhes abra a porta e recolhe-se, fechando novamente a janela grande.

#### 5 INT Sala de Jantar - Casa da Aldeia NOITE

A mesa grande, oval, em madeira maciça e escura, da sala de jantar, está repleta de travessas com bacalhau, perú, couves e ovos cozidos. Os copos de cristal reluzem e dois grandes candeeiros em forma de globo dão imponência ao espaço. Os onze convivas celebram o Natal. Evaristo fala dos seus feitos no trabalho, Júlia conta piadas inconvenientes, Tomás fala do ano agrícola. Vendo o irmão calado, Evaristo pergunta a Alberto pelo futuro no liceu, facto que motiva uma animada conversa sobre os tempos de estudante de cada um dos irmãos sob o olhar terno dos pais. As crianças estão divertidas a brincar entre si, até que Álvaro interrompe as conversas e começa um discurso sobre o prazer de poder testemunhar aquela reunião natalícia. Depois de uma breve paragem, quando se prepara para retomar o discurso, agarra-se subitamente ao peito e cai prostrado sobre a mesa, entornando o copo de vinho tinto sobre

a toalha e fazendo com que um prato se estilhaçasse no chão. O pânico é geral, porque a falta de sentidos do patriarca faz os restantes familiares julgá-lo morto. Júlia e Isaura conduzem os filhos para fora da sala de jantar, à pressa, tapando-lhes os olhos. Susana chora desconsolada junto ao filho Evaristo. Tomás pede a chave do carro ao irmão e sai com Alberto, à pressa, rumo à vila, em busca do médico.

6 EXT Pátio - Casa da Aldeia NOITE

Alberto entra no carro de Evaristo, pelo lado do passageiro. O veículo já está com o motor a trabalhar. Tomás está sentado ao volante e mal o irmão bate a porta, arranca a grande velocidade, fazendo os pneus chiar na terra batida e levantando uma nuvem de pó testemunhada pela lua cheia que se ergue junto à montanha.

7 EXT Casa do Médico NOITE

Ainda sem o carro estar completamente parado, Alberto abre a porta e sai com um ar desesperado, tropeçando no passeio embora sem cair. Bate sucessivamente à porta do médico, que aparece à porta em pijama, ensonado. Com Tomás no carro, à espera, Alberto comunica a emergência ao médico. Passado um pouco, o médico sai de casa com a camisa por fora das calças e o estetoscópio a sair da mala. Junta-se a Alberto. Os dois entram apressadamente no carro, que arranca novamente com pujança em direcção à casa da aldeia.

8 INT Casa da Aldeia - Quarto dos Pais NOITE

Álvaro está deitado na cama, ainda sem sentidos, ladeado de Susana e Evaristo. Chegados da vila, Tomás, Alberto e o Médico irrompem pelo quarto, para alívio de Susana. O médico procura

sinais vitais em Álvaro mas não os consegue detectar e acaba por confirmar o óbito perante o ambiente geral de consternação e algum histerismo de Susana que se deita sobre o corpo do marido a chorar desalmadamente.

9 INT Casa da Aldeia - Quarto de Alberto NOITE

Alberto entra no seu quarto, de rosto fechado, e dirige-se à janela. Abre-a e contempla em silêncio a lua cheia e a montanha. O seu rosto começa a tremer. Alberto bem tenta segurar as lágrimas mas acaba por desatar, repentinamente, num choro convulsivo. Aproximamo-nos da montanha, à medida que a luz vai clareando.

10 EXT Montanha - Comboio DIA

Começando num campo vazio, em plena montanha, vemos surgir uma automotora vermelha e branca, que corta a paisagem.

11 INT Carruagem Comboio DIA

Alberto está sentado num dos bancos de quatro lugares da composição que segue preenchida a metade. Não tem ninguém a ladeá-lo. Segue com um ar soturno, vestido de fato preto. Leva o jornal na mão mas vai passeando os olhos distantes pela paisagem.

12 EXT Estação de caminhos-de-ferro de Évora DIA

Na plataforma da estação de Évora meia dúzia de pessoas espera a chegada do comboio oriundo de Vendas Novas. O guarda-linha, de bandeira vermelha na mão, coloca-se em posição e manda as pessoas deslocarem-se para trás da linha de segurança. Surgem, lado-a-lado, dois transportadores de malas conduzindo os seus carrinhos de mão em direcção ao centro da plataforma. Ouve-se um apito e o comboio começa a surgir ao longe. A instalação sonora da estação informa a chegada. O comboio vai-se aproximando lentamente do seu ponto de paragem até que se imobiliza de vez. As pessoas aproximam-se das portas. O guarda-linha apita e manda-as afastar-se e deixar os passageiros sair com calma. Começam a sair os primeiros passageiros. Alberto é dos últimos a descer da composição, carregado com uma mala grande e um saco mais pequeno. Manuel Pateta oferece-lhe ajuda para descarregar as malas e depois de um breve diálogo logra convencer o jovem professor a deixar-se acompanhar por ele até à pensão. Saem juntos pela Av. Barahona.

### 13 EXT Centro Histórico de Évora DIA

Alberto e Manuel Pateta caminham rumo à pensão, já dentro das muralhas, numa rua estreita de paralelo. A "Machado" fica na Praça do Giraldo. Vê-se movimento de cavalos tripulados nas ruas laterais e há lojas de louças, artigos domésticos, mercearia e venda de produtos agrícolas com preçários afixados em cartazes apoiados no chão. Há também casas típicas alentejanas, caiadas de branco com um risco no fundo, predominantemente azul-céu. A Sé de Évora é um fundo constante. Se inicialmente Alberto e Manuel Pateta seguem lado-a-lado, paulatinamente o professor, vai-se adiantando, mantendo o ar distante e ignorando o esforço físico de Manuel Pateta. Vendo o professor quase desaparecer da sua linha de vista, o jovem eborense grita-lhe, num misto de melindre e

ironia, lembrando Alberto que é o único a saber como chegar ao destino. O professor desculpa-se e os dois voltam a seguir lado-a-lado por entre as ruas do centro de Évora.

#### 14 - EXT Entrada da Pensão Machado DIA

Manuel Pateta informa o professor de que chegaram ao seu destino. Têm de subir umas escadas íngremes rumo ao 3º andar, onde está a entrada da pensão. Manuel Pateta segue à frente, deixando as malas do professor em plena rua, sem lhe dar nenhuma justificação. Espantado com tamanho à-vontade, Alberto segue-o pelo labirinto claustrofóbico de escadas. Chegados ao 3º andar, tocam a uma pequena campainha situada no lado direito da porta, por baixo de um pequeno letreiro que diz "PENSÃO MACHADO - QUARTOS/ROOMS/CHAMBERS", escrito à mão, de forma cuidada. Depois de algum tempo de espera, o Sr. Machado abre a porta, olha Alberto de cima a baixo, como que tentando examinar a priori as suas intenções. Depois cumprimenta Alberto e Manuel, saudando com maior efusividade este último. A conversa transforma-se então num verdadeiro interrogatório sobre as intenções de Alberto na sua vinda para Évora. A conversa, entre Machado e o professor, com ambos desconfiados e sem grande empatia inicial um pelo outro, conhece avanços e recuos. O professor chega mesmo a dizer a Manuel Pateta para descer e levá-lo a si e às suas malas para outra pensão mas, perante a possibilidade de perder clientela para a concorrência, Machado cede e retracta-se.

#### 15 - INT Pensão Machado DIA

Por um corredor também não muito largo seguem Machado e Alberto, lado-a-lado e Manuel Pateta, carregado com as malas do professor, mais atrás. Entretanto, Machado ferma-se junto a

uma porta alta de madeira velha, indicando ao professor que aquele será o seu quarto. Abre-lhe a porta e fica cá fora, enquanto Alberto entra para verificar se tudo está em conformidade. Alguns segundos depois, Alberto avaliza a divisão e diz a Manuel Pateta para entrar com as malas. O moço-de-fretes deixa-as junto aos pés da cama. O professor agradece-lhe, dá-lhe uma gratificação e diz a senhor Machado que precisa de descansar, adiando o resto da conversa para mais tarde. Alberto fecha a porta do quarto com uma volta na chave e, sem desfazer a mala, semi-cerra a persiana e deita-se, em cima da cama feita, estendido de barriga para cima.

FLASHBACK

16 - EXT Casa da Aldeia DIA

Álvaro Soares lê o jornal ao lado do tanque numa tarde de Verão, céu limpo e sol escaldante. O pequeno Alberto, então com 10 anos, chega-se à sua beira, com um ar sereno e pergunta quem é ao pai. Surpreso e algo perturbado, o pai procura responder-lhe de uma forma objectiva e científica: Alberto é um ser-vivo, um homem. Mas a criança insiste e pergunta o que é. O pai opta por insistir na explicação científica e aborda a teoria de Darwin, que Alberto ouve atento. Finalizada a explicação, Alberto agradece ao pai e com a mesma serenidade com que chegou, vira costas e vai brincar com os irmãos.

BACK TO SCENE

17 - EXT Centro de Évora DIA

Alberto percorre sozinho as ruas do centro histórico de Évora em direcção ao Liceu. Quando lá chega, um contínuo solicita-lhe a identificação. É um homem muito moreno, com olhos redondos e um longo bigode preto, com semelhanças a um egípcio. Os dois seguem para dentro.

#### 18 - INT Liceu de Évora DIA

O contínuo segue à frente e bate à porta do gabinete do reitor, que está entreaberta. Perante a ausência de resposta, abre-a e lá dentro vê-se a cadeira vazia e um cão perdigueiro deitado junto a um maple preto. A presença do animal é, diz o contínuo, um sinal da presença do reitor, pelo que diz ao professor para se sentar numa das cadeiras do gabinete enquanto aguarda pela sua chegada. Alberto agradece mas recusa, preferindo ficar no claustro junto do gabinete. Acende um cigarro e fuma-o calmamente, contemplando o jardim e o restante movimento do Liceu. Ao fundo começa a surgir um homem já com alguma idade, alto e vagaroso. Alberto segue-o com os olhos e vê-o dirigir-se a si. O reitor pergunta-lhe se é o novo professor e, perante a resposta de confirmação, convida Alberto a entrar no seu gabinete, segurando-lhe a porta. Com os dois já lá dentro, a porta fecha-se.

#### 19 - INT Gabinete Reitor Liceu DIA

Alberto e o reitor estão sentados, com uma secretária a dividi-los. O reitor interroga Alberto sobre o seu passado profissional e informa-o das suas tarefas e das regras de funcionamento do Liceu. Atribui-lhe responsabilidades na vigilância de exames de segunda época, ainda naquela semana. Depois, o telefone preto do reitor toca. Terminada a chamada, o reitor sorri para Alberto e informa-o de que a chamada era

do Dr. Moura, a perguntar pelo jovem professor e sugerindo um encontro. Alberto pergunta ao reitor onde pode encontrar um telefone para combinar com o Dr. Moura e o reitor diz-lhe para se dirigir à secretaria.

20 - INT Secretaria Liceu Évora DIA

Alberto entra na secretaria, apresenta-se e pede ao funcionário responsável pelo atendimento na secretaria para usar o telefone instalado a um canto do balcão. O funcionário acede e Alberto liga ao Dr. Moura. Acertam um encontro no café Arcada.

21 - EXT Praça do Giraldo DIA

Alberto passeia pela Praça do Giraldo, detendo os olhos na Livraria Nazaré. Vê a montra com atenção e segue o seu caminho rumo ao café Arcada. Primeiro espreita pelo largo vidro e depois entra.

22 - INT Café Arcada DIA

Entrado no café, o professor depara-se com uma azáfama de clientes, empregados, tabuleiros, fumarada e muito, muito barulho. Mesmo sem alguma vez o ter visto, Alberto procura o Dr. Moura olhando por entre as mesas do café. Sem o ver, dirige-se a uma mesa vazia, ao canto da sala, senta-se e acende um cigarro. Pouco depois, um homem mais velho entra no café e põe-se a percorrer as mesas com o olhar, tal como Alberto havia feito pouco antes. Depois, dirige-se à mesa de Alberto, o único que estava sozinho no café e pergunta-lhe se é o Dr. Alberto Soares. A resposta afirmativa leva a um

efusivo cumprimento. O Dr. Moura senta-se, dá os sentimento a Alberto pela morte do pai e relembra quer a casa da aldeia quer as memórias da passagem de ambos pelo curso de Medicina. Depois, falam da adaptação de Alberto a Évora e o Dr. Moura informa-o de que, através dos seus livros, é uma pessoa popular entre as suas filhas, que com frequência falam dele. Quando Moura abordava as dificuldades de Sofia no Latim, é interrompido pela saudação de Alfredo, seu genro, que havia entretanto entrado no café. Alfredo fala de Chico ao Dr. Moura, como se não tivesse reparado em Alberto. Depois, o Dr. Moura apresenta-os e convida Alberto para o jantar de família a realizar no sábado à noite.

#### 23 - EXT Praça do Giraldo NOITE

Fim de tarde, início da noite. A luz foge no horizonte. Alberto sai da pensão rumo às portas de Alconchel. Antes de iniciar a sua marcha, acende um cigarro e dirige-se a casa do Dr. Moura, calcorreando o empedrado do centro histórico. Ao chegar, detém-se junto do grande portão verde escuro. Toca à campainha, a criada vem abrir e, logo atrás, surge o Dr. Moura, a receber o convidado de forma entusiástica. Entram os dois, a criada fica para trás.

#### 24 - INT Sala de Estar Dr. Moura NOITE

O Dr. Moura e Alberto entram na sala de estar onde já há uma mesa posta com aperitivos. Alberto é apresentado a Madame Moura, Ana e Cristina e cumprimenta Alfredo, que já havia conhecido no café Arcada. A conversa fluía com Alberto a ser o alvo da curiosidade dos Moura, especialmente de Ana, sua leitora. Até que subitamente, Sofia aparecia, roubando por completo a atenção do professor, maravilhado com a beleza da

filha do meio dos Moura. Consciente do seu poder de provocação, a jovem destilava charme num vestido branco, de cinta fechada, sorrindo docemente para Alberto enquanto lhe apertava a mão. A conversa deriva depois para as dificuldades da filha do meio dos Moura na aprendizagem do Latim e sobre as intenções do professor em conhecer o Alentejo. Entretanto, a criada entra e anuncia o jantar. Passam todos então para a sala ao lado.

25 - INT Sala de Jantar Dr. Moura NOITE

Os Moura e Alberto vão tomando os seus lugares à mesa, nunca deixando de conversar. Mas subitamente a porta da sala abre-se e Chico entra, para alegria dos Moura, que o recebem com alegria e ternura. O engenheiro da Direcção dos Monumentos saúda todos sem cumprimento personalizado e toma o seu lugar à mesa, ao lado de Alfredo. O marido de Ana interpela-o para que lhe relembre uma frase de uma conversa tida noutra dia - quer contá-la ao professor -, mas Chico desvia o assunto. Entretanto, acabam de comer e o Dr. Moura insta a filha mais nova, Cristina, a tocar um pouco de piano para Alberto. A menina, apesar dos seus sete anos, levanta-se e assume o piano com a mestria dum profissional, deixando o professor Alberto deliciado com a sua interpretação do Nocturno nº20 de Chopin. Quando Cristina acaba de tocar, todos aplaudem e a pequena dirige-se a Ana, que lhe dá um terno abraço.

Depois é a vez do próprio Dr. Moura se levantar, pôr a mão no ombro da filha Sofia e pedir-lhe que o acompanhe. Os dois cantam com grande afinação, merecendo também a aprovação de todos os convivas.

Terminado o jantar, Alberto levanta-se para se despedir, mas antes de se ir embora oferece-se a Madame Moura para dar explicações de Latim a Sofia. A mulher do médico aceita e

agradece, dizendo a Sofia para agradecer também. Dr. Moura ironiza, dizendo ao professor que se vai meter numa grande carga de trabalhos mas Alberto sorri, concentrado na beleza magnética de Sofia. Chico levanta-se também e acompanha o professor à saída.

26 - EXT Centro histórico Évora NOITE

Alberto e Chico conversam sobre a cidade e as suas teias político-sociais enquanto seguem a pé desde as portas de Alconchel até à Praça do Giraldo. Ao chegarem à pensão Machado, Chico e Alberto despedem-se. Alberto sobe as escadas da pensão.

27 - EXT Entrada Pensão Machado NOITE

Alberto bate à porta da pensão em vez de tocar à campainha. É uma da manhã. Ninguém vem abrir. Alberto insiste e começa a ouvir-se barulho no interior da pensão. Pouco depois, o Sr. Machado abre-lhe a porta, em pijama e com ar de poucos amigos. Repreende-o. Alberto desculpa-se e entra para o quarto.

28 - EXT Quarto Pensão Machado NOITE

Alberto tira o fato, veste o pijama e deita-se. Apaga a luz mas deixa a persiana meia aberta, deixando entrar um pouco de luz da rua pelas frestas. Está de olhos abertos e barriga para cima, a olhar para o tecto.

FLASHBACK

29 - INT Quarto Alberto Casa Aldeia DIA

Fim da tarde. Alberto está deitado na cama, de barriga para cima, com os olhos abertos. A luz está apagada. Batem à porta. Tomás abre-a porta até metade e diz ao irmão que precisa de ajuda para vestir o pai para o funeral do dia seguinte. Alberto tem um arrepio mas logo depois levanta-se da cama e, vagarosamente, com ar penoso, dirige-se para o quarto dos pais.

30 - INT Quarto Pais Casa Aldeia DIA

Quando Alberto chega ao quarto dos pais, já lá estão Tomás e Evaristo. Os três tentam despir o pai para depois lhe vestirem o fato mas não conseguem mover o corpo. Posto isto, Evaristo recusa-se a colaborar mais e, chamado à atenção por Tomás, grita-lhe e sai. É então que Tomás chama por António, o criado. Alberto e Tomás seguram o corpo do pai e António puxa as botas. Sem sucesso. Alberto e Tomás largam o corpo. Depois, António aproxima-se e fala ao ouvido do cadáver, em surdina. Volta a aproximar-se das botas e, sem ajuda, puxa-as novamente. Saem com suavidade para espanto dos irmãos. António acaba de vestir Álvaro, enquanto os irmãos ficam a olhar para o cadáver, em contemplação. É então que Alberto tem novo ataque de comoção e desata a correr para o quarto.

31 - INT Quarto Alberto Casa Aldeia NOITE

O sol já se pôs. A lua cheia ergue-se na montanha. Alberto, já no quarto, abre as portadas da janelas e apoia-se no beiral da janela, ainda com as lágrimas a escorrerem-lhe na face. Depois, vira-se para o espelho que está ao lado, olha-se por

segundos e, num gesto incontido de frustração, atira-o ao chão, partindo-o.

BACK TO SCENE

32 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto toca à campainha de casa do Dr. Moura. Vai dar mais uma lição de latim a Sofia. A criada abre-lhe a porta e condu-lo ao escritório.

33 - INT Escritório Dr. Moura DIA

Alberto senta-se e espera um pouco por Sofia. Sofia entra, com um vestido verde, decotado e justo, como se estivesse preparada para sair. Saúda o professor com o seu sorriso sempre provocante e fecha a porta. A meio da lição, Sofia inicia uma série de perguntas sobre a vida, às quais Alberto se obriga a responder com profissionalismo. Depois, quando o professor tenta retomar a aula, Sofia começa a errar propositadamente os exercícios e vai sorrindo. Perante a natural reprimenda de Alberto, Sofia fica séria e sai do escritório a correr. Logo de seguida, incomodada com o sucedido, Madame Moura aparece no escritório, para se desculpar com o professor. Aceites as desculpas, Alberto pega nos papéis e sai.

34 - EXT Centro Histórico Évora DIA

Alberto sai de casa do Dr. Moura e ruma à Pensão, a pé, pelas ruas do centro histórico. Vai com um ar grave, refletindo no que tinha acabado de se passar com Sofia.

35 - EXT Entrada Pensão Machado DIA

Quando Alberto acaba de subir a escadaria da pensão, toca à campainha. Rapidamente aparece o sr. Machado, que abre a porta, sai e encosta-a, para surpresa do professor. Machado informa Alberto de que Sofia está no interior, à sua espera, e não esconde o seu medo de ali estar a preparar-se um incómodo romance. Alberto responde com indignação, abre a porta por si e entra, perante o ar envergonhado de Machado.

36 - INT Quarto Alberto Pensão Machado DIA

Com a porta entreaberta para que não subsistissem dúvidas a Machado sobre a sua seriedade, Alberto questiona Sofia sobre a sua visita. Esta refere ter vindo para se desculpar pela sua atitude e aproveita para informá-lo de que o Dr. Moura está lá fora à sua espera para um passeio.

37 - EXT Praça do Giraldo DIA

Sofia despede-se do professor e acena ao pai, retomando o seu caminho para casa. Moura espera Alberto com o motor a trabalhar e a porta do passageiro do seu Fiat 500 aberta. A praça estava enfeitada de crisântemos coloridos com tons outonais, dando-lhe um toque ainda mais romântico. Moura fecha

a porta de Alberto e dá a volta para entrar no lado do condutor. O carro segue rumo às muralhas.

38 - INT Carro Dr. Moura DIA

Durante a viagem - um misto de passeio e ronda do Dr. Moura pelas povoações mais isoladas -, o médico aproveita para pedir a Alberto para ter paciência com Sofia. Conta-lhe alguns episódios da rebeldia da filha enquanto criança, e da sua tendência para abraçar a morte, quer em conversa, quer em duas tentativas de suicídio falhadas. Moura acaba por falar no casamento como a solução para a loucura da filha, mas Alberto contrapõe. Subitamente, num dos inúmeros montes, um homem faz sinal de paragem ao carro. Dr. Moura sai do carro .Alberto fica a observar a conversa com o vidro aberta.

39 - EXT Monte - Estrada do Redondo DIA

Moura ouve as queixas de Bailote um antigo sementeiro, desesperado pela possibilidade de ser despedido por já não ter uma mão capaz de semear. Moura diz-lhe que faça ginástica com os dedos, exemplificando, mas Bailote não fica mais animado. Diz-lhe também já o ter tentado, exibindo a mão agora inútil. Moura tenta dar-lhe uma palavra positiva e reentra no carro para continuar as consultas. O carro desaparece no horizonte.

40 - EXT Monte - Estrada do Redondo DIA

Moura fala com Alzira, uma sua paciente, maravilhada por ter recuperado de uma enorme dor lombar. Alzira agradece ao doutor, de forma efusiva e não o deixa ir embora sem o presentear com um enorme pão e alguns enchidos. Moura agradece

e reentra no seu carro. Alberto está sentado, novamente com o vidro aberto, tentando enfrentar o calor.

41 - EXT Monte - Estrada do Redondo DIA

No caminho de volta, Alberto avisa um aglomerado de gente no monte onde Bailote os tinha interpelado. Há 7 ou 8 pessoas a circundar um sobreiro, em silêncio. Moura, intrigado, aproxima-se. Desta vez, também Alberto sai do carro, curioso. Quando conseguem ver para além do círculo gerado em torno da árvore, percebem que Bailote se enforcou. Moura, triste mas sereno, informa os populares que lhe podem cortar a corda que lhe torneia o pescoço e diz-lhes que chamará os Bombeiros e o Delegado de Saúde para tratar da burocracia e da remoção do corpo. Depois, reentra no carro, onde já está Alberto, mudo e alheado. O professor fica em estado de choque com aquele episódio fatal.

42 - EXT Casa de Chico DIA

É fim da tarde. Alberto procura Chico na sua casa. Bate à porta mas só à segunda tentativa o engenheiro a abre. Aparece de roupão e com um cigarro na boca, surpreso por ali ver o professor, mas convida-o a entrar. Alberto acede.

43 - INT Quarto de Chico DIA

Enquanto entra no quarto, Alberto informa Chico que já o havia procurado na sua repartição e no café que costumava frequentar, sem sucesso. Chico senta-se atrás da secretária, refastelado. Intrigado com as razões da visita, Chico questiona Alberto, que lhe responde querer discutir a temática

das conferências político-sociais que Chico organiza e nas quais Alberto crê poder ir a participar. Depois de alguma discussão ideológica, ouve-se bater à porta. Chico levanta-se para a abrir e regressa pouco depois, na companhia de Carolino, seu primo. O também aluno de Alberto fica um pouco embaraçado com a presença do professor. Chico e Carolino têm uma conversa rápida relacionada com dinheiro para livros que os pais de Carolino haviam enviado. Depois, Chico vira-se para o professor e continua a conversa que haviam interrompido, mas desta feita na presença adicional de Carolino. Alberto e Chico falam de Bailote, assunto que rapidamente faz surgir a curiosidade de Carolino. Alberto conta-lhe resumidamente a história e Carolino começa uma sucessão de perguntas às quais Alberto vai respondendo com o seu pensamento existencialista. De súbito, a conversa é interrompida pelo telefone. Chico atende: é do trabalho. Depois, retomam novamente a conversa, em que Alberto recorda um episódio ocorrido com um espelho em criança. Carolino fala dos potenciais sentimentos dos animais. O telefone toca novamente e mais uma vez do emprego de Chico. Depois de o desligar, Chico lembra que tem um jantar em casa de Ana e Alfredo. Compreendendo a mensagem de Chico, Alberto inicia despedidas e pergunta a Carolino onde mora e propõe ao seu aluno que saiam os dois. Despedem-se de Chico e abandonam a sua casa, rumo às ruas do centro histórico. Já vai ficando escuro. O sol põe-se e a lua vai-se erguendo.

#### 44 - EXT Centro Histórico de Évora NOITE

Alberto e Carolino, lado-a-lado nas ruas empedradas, continuam a sua conversa. Alberto conta a Carolino a morte de Mondego, o seu cão e fala do significado das palavras. Depois, despede-se do aluno na Praça do Giraldo, com o pretexto ir à livraria Nazaré antes que esta encerre.

45 - EXT Rua da Selaria DIA

Alberto sobe a rua da Selaria. Um cão velho ladra para uma janela. Ao passar por ele, Alberto detém-se e dá-lhe um pedaço de pão que traz consigo. Entretanto, ao seu lado pára Alfredo no seu jeep, ironizando com a conversa do dia anterior que Alberto tinha tido com Carolino. Depois de alguns segundos à conversa, Alfredo propõe uma boleia a Alberto.

46 - INT Jeep de Alfredo DIA

Enquanto percorrem as ruas do centro de Évora até ao Liceu, Alfredo conta a Alberto a discussão que tinha havido entre Chico, Sofia e Ana sobre a conversa de Alberto e Carolino. Chegados ao Liceu e ainda antes de o professor sair do carro, Alfredo diz a Alberto que Ana manifestou interesse em falar consigo, embora não lhe saiba dizer qual o seu assunto em concreto.

47 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto toca à porta e a criada vem abri-la prontamente. Saúda-o e pergunta-lhe se vem dar lição a Sofia. Perante a resposta afirmativa, informa-o de que Sofia já o espera no átrio.

48 - INT Átrio Dr. Moura DIA

Sofia tem um vestido de veludo preto. À chegada de Alberto, estende-lhe a mão direita para que a beije. Alberto acede,

encantado com a beleza da filha do meio do Dr. Moura. Sofia convida Alberto a dar a lição no seu escritório privativo. Alberto aceita e os dois encaminham-se para lá.

49 - INT Escritório Privativo Sofia DIA

Alberto entra primeiro e perde alguns segundos a olhar aquele recanto. Sofia acende a luz e fecha a janela. Alberto, algo tenso, tenta quebrar o gelo, elogiando o espaço e perguntando a Sofia se estudou a lição. De forma surpreendente e ao mesmo tempo provocante, Sofia responde que não. Depois de um pequeno diálogo, Sofia desafia Alberto a beijá-la e este não resiste. Os dois trocam carícias e beijos apaixonados até que, subitamente, Alberto se apercebe da inconveniência daquela relação, reúne os papéis e com um ar sério, prepara-se para sair. Sofia pede-lhe que fique mas Alberto desvia o tema e fala da conversa que Sofia, Chico e Ana teriam tido acerca de Carolino e do episódio da galinha. Os dois fumam. Entretanto, ouve-se o barulho da porta da entrada e Alberto, preocupado, manifesta vontade em ir-se embora. Sofia tranquiliza-o, dizendo ter dado ordens expressas para que ninguém entrasse. Mais calmo, Alberto procura então voltar-se para a lição, mas Sofia dá a volta à tradução, regressando ao seu canto de provocação. Alberto dá a lição por terminada, tenso e sentindo-se estranho. Abandona o escritório de Sofia sem um cumprimento efusivo e sai para o corredor. No entanto, é logo interrompido por Madame Moura, que finge passar ali por acaso. Questiona-o sobre o sucesso das lições. Alberto elogia a evolução de Sofia. Junto à porta entreaberta, Sofia sorri, confirmando as palavras do professor.

50 - EXT Centro histórico de Évora DIA

É domingo. Alberto passeia junto ao Jardim Público pelo mercado matinal de São Francisco. A azáfama criada pelo corropio de vendedores e clientes é muita. Alberto procura afastar-se da confusão e ruma, em passo tranquilo, ao Rossio de São Brás. A caminho, encontra Cristina, que passeia também na companhia da criada. Alberto pergunta-lhe o que faz por ali, se foi à lição de piano e Cristina diz-lhe que acabou de ir visitar a irmã Ana, que está doente com febre. Alberto despede-se de Cristina, que é entretanto também saudada por um par de senhoras de classe alta que ali passam, e segue para casa de Ana, a fim de a visitar.

51 - EXT Casa de Ana DIA

Alberto bate à porta de casa de Ana. Vem a criada à porta e Alberto pergunta-lhe por Ana. Entretanto, Alfredo vem a sair de casa, reconhece o professor e convida-o para entrar.

52 - INT Átrio Casa de Ana DIA

Alberto está no átrio, sozinho. Até que Alfredo sai da sala e diz a Alberto para entrar: Ana espera-o lá dentro.

53 - INT Sala Estar Casa de Ana DIA

Alberto cumprimenta Ana, que está sentada ao fogão e Alfredo despede-se dos dois, aproveitando para dizer que Chico aparecerá mais tarde. Alberto trata Ana de forma formal, num sentido respeitoso mas esta pede-lhe que não a trate por "dona" e aproveita para o descansar quanto à sua doença, que não passa de uma dor de cabeça e alguma febre. Alberto deixa então a formalidade de lado e começam os dois a falar sobre o

curso de Letras que Ana deixou por acabar. É então que Ana pega na sua cigareira e acende um cigarro. Subitamente, confronta o professor sobre a sua relação com Sofia. Alberto, apanhado de surpresa, refugia-se na sua covardia e responde de forma politicamente correcta. Começam então a desviar-se para uma acesa discussão sobre as temáticas religiosas e existencialistas, confrontado as suas visões pessoais. Pelo meio da conversa, o gato preto de Ana vai-se passeando pela sala, acabando sempre por retornar ao seu regaço. Ana serve um uísque com sifão a Alberto e volta à carga. Depois de lhe chamar pantomineiro quanto às suas ideias existencialistas, volta a interrogá-lo sobre as intenções que tem com a sua irmã Sofia. A discussão sobe de tom. Alberto enerva-se e manda mesmo Ana calar-se. O confronto acaba aí. Alberto arranja-se para sair mas, ao mesmo tempo, ouve-se a porta da entrada bater. Alfredo chega e diz ao professor para ficar: tem uma notícia que lhe interessa. Senta-se numa cadeira, estende as botas para o lume e convida o professor a sentar-se também. Ana apoia o pedido do marido e junta-lhe um convite para que Alberto jante com eles. Alfredo revela então que a família de Bailote pretende processar o Dr. Moura, para espanto de Ana, que não vê esse nome como familiar. Alfredo fala de forma desinteressante, roçando a grosseria. Ana e Alberto alheiam-se da conversa, olham-se num silêncio cúmplice. Alfredo cala-se sem que reparam, captando o peso daquele silêncio. Ana apercebe-se e desvia o assunto, reprimindo o marido por um casaco sem botão que ainda não arranjou. Alfredo convida Alberto a conhecer o resto da casa, obrigando o professor a uma visita ao resto da casa e cometendo a deselegância de se deter no seu quarto e de Ana e falar da cama nova que o casal adquiriu há pouco tempo, inclusive instando Alberto a palpar as molas. Quando regressam à sala, Chico está lá com Ana. Alfredo cumprimenta-o e chama-o para lhe mostrar uma coisa. Alberto fica a sós com Ana e enquanto esta pega no termómetro para verificar a febre, o professor informa-o que está de

saída, ainda agastado com a discussão prévia. Ana, determinada, volta a insistir para que fique. Alberto acede.

#### 54 - Sala de Jantar Casa Ana NOITE

Chico, Alberto, Ana e Alfredo estão sentados à mesa, excessivamente grande para apenas quatro convivas. Alberto e Chico estão frente-a-frente, nas laterais e Alfredo e Ana ocupam os topos. A criada serve o jantar. Ana, Alberto e Chico estão em silêncio, o que incomoda Alfredo, que começa a falar sozinho de questões agrícolas. Ana, Alberto e Chico, alheios à conversa superficial de Alfredo, trocam olhares de cumplicidade. A criada vem tirar os pratos vazios de sopa. Ana levanta-se, arranca três flores do centro de mesa e coloca uma na lapela de cada homem. Enquanto a criada serve o prato seguinte, Chico aproveita para questionar Ana sobre a sua ausência nas reuniões do Comitê de Salvação. Enquanto os dois conversam, Alberto observa-os, interessado. Depois, começa a fazer algumas perguntas. É então que Chico começa a atacá-lo, com referências irônicas ao seu pensamento, que não é bem-vindo naquela cidade. Alfredo, completamente afastado da conversa, tenta reentrar, abordando a mulher com perguntas cotidianas. Alberto é o único a comer sobremesa, uma laranja com chantilly. Acabado o jantar, voltam à sala de estar.

#### 55 - INT Sala de Estar Casa Ana NOITE

Ana alimenta o fogão com cepos e pinhas. Alberto, Chico e Alfredo estão sentados. Ana toma o seu lugar na cadeira. Alberto sente a hostilidade dos olhares dos dois homens. Chico retoma a conversa, que apesar de educada vai ganhando traços de violência na troca de argumentos. A criada serve café, mas os convivas nem olham para ela, tal é a dinâmica da conversa.

Entretanto, Alfredo começa a cabecear de sono. Chico bebe cálices de Macieira, uns atrás dos outros. O telefone toca. Ana vai atendê-lo: é o pai que lhe pergunta se se sente melhor. Ana informa Alberto de que Sofia pergunta por si. Alberto fica corado e tira uma longa passa de um charuto que Alfredo entretanto distribuiu pelos homens. Chico pergunta agora a Alberto pelas suas crenças religiosas. Enquanto Alberto responde, Alfredo volta a cabecear de sono, sendo repreendido pela mulher. Percebendo o incômodo da situação, Chico e Alberto levantam-se e despedem-se. Ana incentiva Alberto a voltar, para continuarem as suas discussões. Chico e Alberto saem.

56 - EXT Casa de Ana NOITE

Logo que saem de casa de Ana, Chico dá um aperto de mão seco a Alberto e separa-se dele. Já com cada um a seguir o seu caminho, Chico vira-se para trás e avisa Alberto de que será responsável por coisas más que venham a acontecer. Alberto não responde. Encolhe os ombros, indiferente, e segue a sua marcha.

57 - EXT Portas de Alconchel NOITE

Sem vontade de ir logo para casa - a noite ainda não vai demasiado longa - sai da cidade rumo ao Alto de São Bento. Contempla a cidade de forma silenciosa e paciente durante algumas horas. Quando regressa já a noite vai alta.

58 - EXT Rua da Lagoa NOITE

Alberto percorre a Rua da Lagoa em direcção à Pensão. Pelo caminho, avista um vulto que anda irregular como se de um dançarino se tratasse. À medida que se aproxima, reconhece Manuel Pateta, ébrio. O moço-de-fretes pede-lhe uma moeda. Alberto acede e continua a sua marcha.

59 - EXT Entrada Pensão Machado NOITE

Alberto repara que mais uma vez se esqueceu das chaves e bate à porta. O Sr. Machado abre-lha, irritado com as horas tardias a que o professor chega e chama-lhe novamente a atenção. Alberto ouve, sem grande interesse e entra.

60 - INT Sala de Aula - Liceu Évora DIA

Alberto está na sala 8, com a sua turma de Língua Portuguesa. No quadro preto, está escrito a giz: "Redacção: «Eu sou groom no café Lusitano...»". Os alunos escrevem em silêncio. A campainha toca para o intervalo. Alberto dá permissão aos alunos para que párem a sua tarefa. Os alunos saem da sala e Alberto segue atrás deles, encostando a porta.

61 - EXT Jardim Liceu Évora DIA

Alberto passeia sozinho pelos claustros. Passam por ele dois alunos, sem nada lhe perguntarem. Alberto acende um cigarro e debruça-se frente ao jardim. O reitor aproxima-se dele e aborda-o, aproveitando para lhe perguntar como está a ser a sua adaptação à cidade. Perante as respostas evasivas de Alberto, o reitor avisa-o para a necessidade de adoptar métodos de ensino mais tradicionais. Alberto sorri e promete esforçar-se nesse sentido. A campainha toca para o regresso.

62 - INT Sala de Aula - Liceu Évora DIA

Um dos alunos acaba de ler a sua composição sobre a personagem de groom no café Lusitano. O professor pede aos outros estudantes que lhe entreguem a composição: quer lê-las e corrigi-las em casa. A campainha toca para o final da aula. Alberto permite que os alunos saiam mas Carolino deixa-se ficar para trás. "Bexiguinha" aborda Alberto de uma forma nervosa e evasiva. O professor entende que o aluno não se sente à-vontade e pergunta-lhe se tem mais aulas. Perante a resposta negativa, convida Carolino para o acompanhar num passeio pelo campo.

63 - EXT Jardim Liceu Évora DIA

Apesar de ter combinado acompanhar o professor, Carolino deixa-se seguir em passo mais atrasado, olhando à sua volta, com medo que os colegas o vejam a sair com o docente. Alberto olha para trás e compreende, voltando a retomar a sua marcha como se nada fosse.

64 - EXT Entrada Liceu Évora DIA

Mal transpõem o portão, Carolino acelera o passo e junta-se a Alberto. Os dois descem a rampa lado-a-lado.

65 - EXT Estrada do Redondo DIA

Alberto e Carolino seguem em silêncio. Atravessam a linha-férrea. Carolino começa então a desabafar com o professor os

seus dilemas interiores, questionando-o primeiro sobre o peso das palavras. Depois, continuam a andar junto a uma ribeira e Carolino fala-lhe da sua reflexão sobre a morte de Bailote, fazendo a conversa descambar para uma estranha abordagem do valor da vida. Entretanto, professor e aluno avistam uma manada de vacas que seguem com um cão a guardá-las. Subitamente, o cão começa a correr na direcção de Alberto e Carolino, como se os viesse atacar. Para se defenderem agacham-se à procura de pedras. O cão percebe o gesto e parou. Volta para trás mas logo se vira novamente em posição de ataque. Então, Carolino agacha-se e atira uma pedra com muita força, que passa rente à cabeça do cão e acerta em cheio numa galinha, matando-a sem notar. Os seus olhos estão fixos no cão. É então que Alberto o informa das consequências do seu acto. Carolino corre para a galinha, agarra-a pela asa inerte e sorri fascinado com aquela assumpção de poder próprio. O professor, incomodado, ordena-lhe que ali deixe a galinha e seguem de volta à cidade.

66 - EXT Montanha - Aldeia DIA

É véspera de Natal. Vemos as montanhas da Serra da Estrela manchadas com neve. Um velho comboio corta a paisagem.

67 - EXT Estação de comboios - Aldeia DIA

Alberto desce do comboio. À sua espera está António, o criado, numa carroça. António saúda Alberto e entrega-lhe o jornal. Alberto sobe para a carroça e os dois partem rumo à casa da aldeia.

68 - EXT Carroça DIA

António tenta fazer conversa com Alberto para quebrar o silêncio, mas o professor pede-lhe que se cale. Alberto está pensativo, a absorver as recordações da montanha.

69 - EXT Casa da Aldeia DIA

António conduz a carroça à entrada da casa. Alberto desce, sem ajuda, e põe a mala aos pés. Bate à porta de casa. A criada vem abrir e pede-lhe que espere pela mãe na sala de jantar. Mas Alberto diz-lhe que vai antes até ao seu quarto. Curioso, entra, sobe as escadas e dirige-se àquele que outrora fora o seu espaço.

70 - INT Quarto de Alberto - Casa da Aldeia DIA

O quarto de Alberto está exactamente como o deixara. A cama está feita, a manta no mesmo lugar, como se a mãe esperasse eternamente pelo seu regresso a casa. Alberto abre as portadas e fuma um cigarro na janela com vista assombrosa para a montanha. A criada bate à porta entreaberta, para informar Alberto de que a mãe o espera no seu quarto. Alberto atira a beata do cigarro pela janela e sai, deixando as portadas abertas.

71 - INT Quarto dos Pais - Casa da Aldeia DIA

Alberto bate à porta. Perante a autorização da mãe, entra e depara-se com ela com ar frágil, sentada na cama, de camisa de noite e um robe azul claro por cima. Alberto aproxima-se da mãe e esta abraça-o com ternura. Diz-lhe que está muito magro. Alberto sorri. Não é novidade para si. O professor manifesta à mãe a preocupação com o seu estado de saúde e o seu isolamento. A mãe diz-lhe que não há motivos para isso mas Alberto insiste em dar conhecimento a Tomás. A mãe volta a dizer que não há necessidade e insiste na magreza de Alberto. Este propõe-lhe que o acompanhe no regresso a Évora. Susana sorri longamente e, em silêncio, deita-se e apaga a luz. Alberto, entristecido, abandona o quarto da mãe de regresso ao seu.

72 - INT Quarto de Alberto - Casa da Aldeia NOITE

O fim de tarde cai sobre a montanha. A luz do Sol é muito pouca e a lua já aparece no horizonte. Alberto, enquanto puxa de um cigarro, está pensativo; compara a vivacidade de outrora daquela casa com o vazio agora sentido. A criada bate à porta e anuncia a sua saída. Diz que o jantar está pronto, que a sua mãe o espera à mesa e deseja-lhe um Feliz Natal. Alberto agradece de forma sôfrega, como que envergonhado da tristeza em que se havia tornado aquela quadra.

73 - INT Sala de Jantar - Casa da Aldeia NOITE

Alberto entra na sala de jantar. A mesa está posta de forma faustosa, exactamente como na noite de Natal em que o seu pai faleceu. A mãe ocupa o mesmo lugar, num dos topos da mesa e está com um vestido de festa. Convida Alberto a sentar-se e a ocupar o outro topo, o que acentua ainda mais a sensação de vazio. Para servir a mãe, Alberto tem de levantar-se da mesa,

tal é o comprimento da mesa. Entre os largos períodos de silêncio, Alberto e a mãe vão falando do que se deverá estar a passar nas ceias de Natal de Evaristo e Tomás. Sorriem de incómodo e continuam a comer, com expressões faciais claramente depressivas.

74 - EXT Casa da Aldeia DIA

O sol nasce tímido na aldeia. Os primeiros raios iluminam o largo da entrada. Ouvem-se cascos de cavalo. Pouco depois, surge Tomás a dirigir a sua carroça, vazia. Sem que Tomás bata à porta, esta abre-se. Alberto segura a porta, para que Susana saia. Tomás desmonta o cavalo e vem ajudar a mãe a subir para a carroça, cumprimentando-a primeiro de forma carinhosa. Alberto saúda também o irmão e sobe para a carroça, sentando-se ao lado da mãe. Os três partem rumo à igreja da aldeia.

75 - EXT Igreja da Aldeia DIA

Susana entra para a igreja. Alberto e Tomás ficam junto da carroça a conversar. Em pano de fundo, começam a ouvir o coro da igreja entoar "Messias" de Haendel. Sob esse pretexto, Tomás pergunta a Alberto pelas suas crenças religiosas ou falta delas. É o ponto de partida para uma discussão sobre as suas vidas e os seus conceitos de felicidade. Sempre debaixo de um frio gélido, polvilhado por rajadas de vento cortante.

76 - EXT Estação de Évora DIA

Na estação, vazia, ouve-se o anúncio da chegada de um comboio com procedência de Vendas Novas. A automotora surge, vagarosa, até parar na plataforma. Depois de descerem seis passageiros, surge Alberto, de mala na mão. Rapidamente aproxima-se Manuel Pateta, que pergunta ao professor se pode carregar a sua mala. Alberto acede e Manuel Pateta questiona-o se irá para a pensão Machado. Perante nova resposta afirmativa, seguem a pé rumo às muralhas.

#### 77 - EXT Centro Histórico de Évora DIA

Enquanto caminham, lado-a-lado, Manuel Pateta diz a Alberto que a pensão fechou por causa de um escândalo envolvendo o sr. Machado. Surpreso, Alberto insiste, mesmo assim, em ir até à Pensão, para testemunhar o seu fecho com os seus próprios olhos. Chegado à Praça do Giraldo, sobe as escadas da pensão.

#### 78 - EXT Entrada Pensão Machado DIA

Alberto toca à campainha da pensão. Só à terceira tentativa a porta se abre. Uma mulher gorda, com ar de poucos amigos, diz-lhe que o Sr. Machado teve de ir à aldeia-natal, tratar de uns assuntos, e que a pensão não voltaria a abrir tão cedo. Fecha a porta. Manuel Pateta sugere então a Alberto que se hospede na Pensão Eborense, também situada no Giraldo. O professor aceita e os dois descem as escadas.

#### 79 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto toca à campainha. Espera um bom bocado e quando está prestes a desistir e dar meia-volta, ouve o trinco da porta abrir-se. Logo depois, a criada abre o portão e saúda Alberto. O professor pergunta por Sofia mas a criada diz que a menina não está. Perante a resposta, Alberto agradece, cumprimenta a criada e parte de novo rumo ao centro da cidade.

80 - EXT Praça do Giraldo DIA

Ao chegar à Praça do Giraldo, Alberto avista Ana e Alfredo, que passeiam. Ana está muito bem vestida, com um aspecto atraente e sedutor, em contraste com Alfredo, que se apresenta de trajes agrícolas. Alfredo repara em Alberto e dirige-se ao professor, cumprimentando-o. Ana imita o gesto e Alfredo convida Alberto a acompanhá-los num café. O professor acede.

81 - INT Café Lusitânia DIA

Sentados numa mesa do café, que se apresenta com meia-casa, os três são interpelados pelo empregado que anota o seu pedido. Ana toma chá e come bolos finos, Alberto pede um galão e uma torrada e Alfredo pede um bife com batatas fritas e uma cerveja, deixando a mulher envergonhada. O casal pergunta a Alberto pelas suas férias na montanha e depois Alfredo começa a falar de cavalos. Entretanto, para surpresa de Alberto, Sofia surge no café. Alberto não esconde o contentamento mas logo se serena, já que Sofia o informa que logo a seguir chegarão também Chico e Carolino. Enquanto os dois não chegam, Sofia pede um lanche. Alberto bem tenta mas não consegue tirar os olhos dela. Chico e Carolino irrompem então no café. Chico com ar de poucos amigos para com o professor, Carolino com um

ar inquieto. Chico junta uma mesa à dos quatro convivas que já estavam sentados e senta-se com o seu primo. Alberto repara numa cumplicidade estranha entre Sofia e Carolino, que apresentam os dois um ar de quem partilha um segredo. Depois Ana começa a perguntar ao professor pelos seus planos para o futuro e sobre a sua mudança para o Alto de São Bento. A conversa descamba quando Chico começa nova discussão com o professor sobre os seus ideais. Alfredo interrompe a conversa e tenta desviar o assunto mas Chico responde-lhe torto, fazendo o marido de Ana sentir-se humilhado. Alberto, para acabar com aquele triste espectáculo chama o criado e pede a conta. Mas não sai antes de perguntar a Sofia quando continuam as aulas de latim. Sofia responde-lhe com uma pergunta: se Alberto não falou com o Dr. Moura. À resposta negativa do professor, Sofia, intrigada, questiona-o sobre a ida a sua casa naquela tarde. Alberto nega, envergonhado, mas Sofia diz que fora a sua criada a passar-lhe a informação. Num assomo de coragem, Alberto levanta-se e, antes de sair, diz a Sofia que não foi o Dr. Moura que foi procurar, mas a si. Depois, corado, sai. Os outros ficam na mesa, num silêncio de surpresa.

82 - INT Gabinete Reitor Liceu Évora DIA

Alberto bate à porta do gabinete do reitor. Ouve-se autorização para entrar. Alberto abre a porta e espreita lá para dentro. O reitor saúda-o, dizendo que o mandara chamar. Alberto senta-se. O reitor pergunta a Alberto pelas aulas privadas de latim a Sofia. Alberto confirma. O reitor diz ter tomado conhecimento das aulas, alegadamente proibidas por lei, através de uma carta anónima. Depois, havia telefonado para Moura, que tinha confirmado as lições em questão. Alberto tenta camuflar a raiva e concorda com o reitor quanto à necessidade de cessar as lições. Sai do gabinete a engolir a

fúria, mas logo que se vê nos claustros solta um esgar de raiva e dirige-se à saída do Liceu.

83 - EXT Centro Histórico de Évora DIA

Alberto percorre o empedrado do Centro Histórico em passo apressado. Passa por Cristina, que lhe acena, mas, de tão furioso que vai, nem a vê. Está ansioso e revoltado porque quer descobrir o autor da carta anónima.

84 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto toca ostensivamente à campainha. A criada demora a abrir. Quando Alberto ouve o trinco assusta-se, com medo de ter exagerado e de vir a ser repreendido. A sua fúria refreia-se um pouco. A criada abre a porta e sem deixar sequer que Alberto a cumprimente, informa-o com modos sêcos que Sofia está na lição. Alberto, orgulhoso, diz à criada que não quer saber, que o objectivo da sua visita é falar com Moura e sua esposa. A criada acede e manda-o entrar e subir para o escritório.

85 - INT Escritório Dr. Moura DIA

Alberto espera em pé, pensativo. Sente-se agora inseguro sobre a oportunidade da sua visita. Entretanto, Madame Moura entra e sorri com um ar de compaixão para com o professor. Depois de um breve silêncio, introduz o tema das lições, dizendo que por ela poderiam ter continuado - o problema havia sido a denúncia. Madame aguça a curiosidade de Alberto, apontando como potenciais culpados Chico, Alfredo, Ana ou até a própria Sofia. A conversa flui na especulação, mas num tom mais calmo.

O som do piano de Cristina começa a ouvir-se em fundo. A criada bate à porta e com esta entreaberta informa a Madame de que Sofia saiu. Alberto pergunta a Madame se o professor de Sofia é agora Carolino, mas esta ri-se, negando. Madame convida então Alberto para ir ouvir o piano de Cristina. Alberto aceita e os dois saem rumo à sala.

86 - INT Sala Estar Dr. Moura DIA

Madame e Alberto entram sem que Cristina se aperceba. Com apenas 7 anos, Cristina toca Bach, Mozart, Chopin e Beethoven com o virtuosismo das eleitas. Alberto ouve embevecido. Sente um arrepio na espinha. Cristina acaba de tocar, vira-se para trás e repara na presença dos dois adultos. Sorri e vem para Alberto, como que pedindo a sua aprovação. Alberto afaga-lhe o cabelo e parabeniza-a mas Cristina responde com modéstia, falando-lhe nas correcções feitas pela tutora.

87 - EXT Liceu Évora DIA

Alberto sai do Liceu com a sua pasta na mão, ar triste mas sereno e um andar apressado.

88 - EXT Centro Histórico Évora DIA

Alberto conduz um carro da escola de condução, com o instrutor ao lado a dar-lhe indicações.

89 - INT Carro Escola Condução DIA

As ruas do centro histórico são estreitas, pelo que, entre dois dedos de conversa, o instrutor vai fazendo chamadas de atenção, sugestões e correcções. Alberto conduz bem e o instrutor diz-lhe que não terá dificuldades em passar no exame.

90 - EXT Estrada São Bento DIA

Um Volkswagen Beetle surge na estrada que conduz ao Alto de São Bento. À medida que se aproxima, percebemos que é Alberto quem está ao volante. O professor passa pelos moinhos de São Bento e pára numa casa um pouco mais à frente.

91 - EXT Alto de São Bento DIA

Alberto sai do carro e dirige-se à entrada de uma casa onde está uma placa onde se pode ler "VENDE-SE/ARRENDA-SE". Arranca-a e deita-a no chão, virada para baixo. Depois tira uma chave do bolso e abre a porta.

92 - INT Casa Alto de São Bento DIA

Alberto passeia-se pela casa vazia. Abre todas as portas, espreita todas as divisões. Abre e fecha os armários. Depois, sai para o terraço e acende um cigarro. Enquanto fuma, contempla a vista de Évora ao longe.

93 - EXT Casa Alto de São Bento NOITE

O sol põe-se. A noite cai sobre a casa do Alto de São Bento, que vemos ao longe. A luz da casa apaga-se. Alberto sai e dirige-se para o carro e conduz monte abaixo, em direcção a Évora.

94 - EXT Rua da Selaria DIA

Alberto sobe a rua. O tempo está chuvoso e a cidade escura. O cão velho do costume está a ladrar para uma janela, à espera que lhe deitem um osso. O professor continua o seu caminho rumo à Pensão Eborense.

95 - INT Átrio Pensão Eborense DIA

Quando Alberto se dirige ao recepcionista para lhe pedir a chave, é informado de que há uma mensagem para ele. O recepcionista entrega a Alberto um envelope. Lá dentro está um bilhete de Sofia, a pedir a Alberto que vá ter com ela ao Museu. Alberto volta a entregar a chave ao recepcionista e sai do hotel.

94 - EXT Museu de Évora DIA

Alberto entra nos claustros do Museu e vê Sofia, a um canto, a tentar ler uma inscrição em latim num túmulo funerário. Ao ver o professor chegar, sorri de forma entusiástica, como se nada se houvesse passado. Quando Alberto se abeira da filha do meio do Dr. Moura, para tentar ler a inscrição, uma multidão de turistas ingleses invade os claustros. Incomodado e com medo de ser visto ali, Alberto propõe a Sofia que vão para outro

lado. Sofia pergunta para onde e Alberto diz-lhe que primeiro quer saber a razão daquele encontro. Sofia fala-lhe de uma ida da família ao Carnaval do Redondo. Alberto sorri levemente e pergunta a Sofia se não quer sair e dar uma volta no seu carro. Sofia aceita e os dois saem.

95 - EXT Escadas Sé-Catedral DIA

Sofia e Alberto descem as escadas da Sé, lado-a-lado, na direcção do Largo de São Francisco. Vão os dois entretidos a conversar, com olhares cúmplices e sorridentes.

96 - EXT Jardim Público Évora DIA

Alberto adianta-se a Sofia e diz-lhe que vai à garagem do Jardim buscar o carro. Sofia diz-lhe que espere e vai com ele. Pouco depois, surgem os dois no Volkswagen do professor. Viram em direcção à estrada de Reguengos.

97 - EXT Estrada de Reguengos DIA

O Volkswagen de Alberto emerge ao fundo na estrada de Reguengos. À medida que o carro se vai aproximando vê-se Sofia e Alberto em silêncio, fitando a estrada.

98 - INT Volkswagen Alberto DIA

Alberto conduz com ar grave, concentrado na estrada. Vê-se o desvio para Viana do Alentejo. Sofia diz-lhe para continuar em frente. Alberto agradece e voltam a calar-se. Vêm agora um eucaliptal e logo à frente uma clareira. Ao aproximarem-se da clareira, Sofia diz a Alberto para virar. É uma estrada esburacada, que sacode o carro. Assim que chegam à clareira, Sofia põe a mão no braço direito de Alberto e diz-lhe para parar ali. Subitamente, Sofia lança um olhar provocante ao professor, que não resiste e puxa-a para si. Beija-a, põe as mãos no corpo dela mas pouco depois apercebe-se que ela não reage. Alberto pára e encosta-se para trás. Sofia acende um cigarro e pergunta a Alberto por quem a toma. Alberto irrita-se, sai do carro e bate a porta. Vem para o lado de Sofia, bate-lhe no vidro. Sofia desce-o. Alberto pergunta-lhe o que se passou nas férias, pede-lhe as razões do seu afastamento. Ao fundo, ouve-se barulho de carros. Sofia assusta-se mas logo se volta a calmar. Sofia e Alberto começam então a falar de Carolino, até que Sofia se assume como autora da carta anónima enviada ao reitor.

99 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto está ao lado do seu carro, junto ao portão dos Moura. Pouco depois surge o jeep de Alfredo, que se faz acompanhar da esposa e de Chico. Alfredo saúda o professor com um aceno e uma buzinadela. Madame, Cristina e Sofia saem de casa. A criada fecha o portão. Cristina está fantasiada de holandesa, com uma saia folhada de barras e uma blusa de rendas. Alberto pergunta a Cristina se vai no seu carro, mas a pequena diz que vai com Alfredo. Sofia e Madame entram no carro de Alberto: Sofia entra para a frente e diz à mãe para ir para trás, o que deixa Alberto tenso. Cristina vai no outro carro. O jeep de Alfredo arranca e Alberto vai atrás.

100 - EXT Volkswagen Alberto DIA

Enquanto percorrem a estrada do Redondo, Sofia e Madame falam a Alberto da dureza do Verão no Alentejo. Tenso, Alberto ouve e responde com monossílabos, tentando fingir-se interessado na conversa.

101 - EXT Estrada do Redondo DIA

À medida que os carros se aproximam do largo central do Redondo, Cristina abre a janela do carro de Alfredo e começa a atirar rolos de serpentina pelas searas. Ao fundo, vê-se um braço a acenar aos carros. Mais à frente, apercebem-se que é Carolino que os espera.

102 - EXT Largo Central - Redondo DIA

Carolino faz uma saudação geral, não cumprimenta ninguém individualmente. Convida os presentes a irem a casa dos seus pais, ali mesmo no largo, para subirem à varanda e dali verem o desfile de Carnaval. Todos aceitam menos Alberto, que diz preferir ficar ali mesmo. Carolino encolhe os ombros e encaminha os convidados. O desfile começa. Na primeira volta, os carros passam e os foliões acenam. Na segunda, de repente, inicia-se uma verdadeira batalha campal, ao estilo de famosa "Tomatina". Alberto refugia-se num café até avistar Alfredo, que o procurava. O marido de Ana faz-lhe sinal para o acompanhar. Alberto acede e segue-o até Casa dos pais de Carolino.

103 - EXT Jardim Casa Carolino DIA

Duas mesas desmontáveis de madeira fraca estão colocadas no jardim com uma grande toalha aos quadrados brancos e vermelhos a uni-las. Por cima, rissóis, bola de carne e fatias de bolo de mármore acompanham sumo de laranja e garrafas de vinho barato. Em torno das mesas há cadeiras e todos estão sentados. Alfredo canta, animado pela bebida. Alberto cruza o olhar com Sofia, que ao sentir o professor a olhar para si se aproxima e faz conversa. De repente, sentem Carolino olhá-los com raiva contida. Alberto não esconde o seu desconforto perante a situação e comenta-o com Sofia.

104 - EXT Largo Central - Redondo DIA

Os convivas despedem-se de Carolino e dos pais, já no exterior da casa, em pleno largo central, agora já cheio de lixo e vazio de gente. A distribuição pelos carros é a mesma da vinda. Alfredo arranca sorridente, em grande velocidade. Alberto, ainda novato na condução, decide não acompanhar a aceleração e segue mais lento. O carro desaparece no horizonte.

105 - INT Volkswagen Alberto - DIA

Alberto acende o rádio e sintoniza-o com a ajuda de Sofia. Os três trocam opiniões sobre o Carnaval. Depois de uma sucessão de curvas e contracurvas, Sofia alerta Alberto para dois vultos a acenarem ao longe. Na aproximação, apercebem-se de que os vultos eram Alfredo e Chico a agitar os braços. Estão com sangue na face. Alberto trava a fundo, perante o desespero de Sofia e Madame. Alberto sai do carro, que fica a trabalhar em ponto morto

106 - EXT Estrada Redondo - DIA

Depois de sair do carro, Alberto corre para a beira da estrada onde, no fundo de uma ravina, vê o jeep de Alfredo a fumegar, destruído. Chico ampara Madame, que desmaia e Alberto começa a correr ravina abaixo. Sofia segue-o. Ao fundo da ravina, Ana, ferida, está com a irmã Cristina ao colo a chorar. Cristina está sem sentidos, coberta de sangue mas ainda respira. Alberto pega-a no seu colo e corre com ela ravina acima. Mete-a no seu carro, ao colo de Madame. Ana entra também para trás. Sofia fica com Chico, Alfredo. Alberto entra no carro e arranca a toda a velocidade.

107 - INT Volkswagen Alberto - DIA

Enquanto Alberto guia a alta velocidade, Madame Moura suplica a Cristina que acorde. Está desesperada. Ao seu lado, Ana segue em silêncio com as lágrimas a escorrer-lhe na face. Alberto está hirto, como que em transe, concentrado apenas na estrada. A noite levanta-se. Alberto acende os faróis. Ao fundo, avista-se Évora. Um carro surge no retrovisor de Alberto, ainda a maior velocidade. Sofia arranjara boleia de conhecidos e está com Alfredo e Chico. Alberto abre o vidro e Sofia diz-lhe que vão à frente avisar o hospital para preparar tudo para a sua chegada. Alberto acena a sua concordância e o carro desaparece à sua frente.

108 - EXT Urgência Hospital Évora - NOITE

Alberto pára o carro à porta da urgência. Cá fora, dois enfermeiros já o esperam com uma maca. Assim que o carro se

imobiliza, abrem eles próprios a porta e retiram Cristina, que levam de imediato para dentro. Um terceiro enfermeiro surge e acompanha Ana, que se desloca para o interior da urgência pelo seu próprio pé.

109 - INT Urgência Hospital Évora - NOITE

A urgência está com metade das cadeiras ocupadas. Alberto e Sofia andam aos círculos, em pé. Madame está sentada, ladeada de Alfredo e Chico. Alberto lembra-se então de perguntar pelo Dr. Moura. Madame lembra-se então que o marido está na Sé, num ensaio do coro. Alberto prontifica-se a ir lá informá-lo do sucedido e sai em passo acelerado.

110 - EXT Escadas da Sé Évora - NOITE

Alberto sobe as escadas duas a duas, na pressa de chegar à Sé. Mas ao chegar ao largo da entrada, detém-se por instantes. Compõe a roupa e afaga o bigode: reflecte sobre a melhor forma de dar a notícia ao pai de Cristina. Entra enfim.

111 - INT Sé de Évora - NOITE

Na Sé ouve-se o ecoar dos cantos do coro. Os bancos da nave central estão vazios. Um homenzinho com ar de sacristão passa por Alberto que lhe pergunta por Moura. O homem indica-lhe o fundo da nave central e aponta para a esquerda. Alberto segue até lá mas não interrompe o ensaio. Espera até que Moura repare em si. Mal vê Alberto, Moura desce do coro e pergunta-lhe se está tudo bem. Alberto conta-lhe de Cristina. Em sobressalto, o médico abandona a Sé em corrida. Os seus passos fortes ecoam na catedral. Alberto acompanha-o mais atrás.

112 - INT Urgência Hospital Évora NOITE

Quando Alberto e Moura entram na sala de espera, deparam-se com um cenário de choro colectivo. Sofia está agarrada à mãe, que grita pela filha Cristina. Chico consola Ana e Alfredo está a um canto, também a chorar, com um enorme sentimento de culpa. Desesperado, Moura abana a mulher, até esta lhe berrar que Cristina morreu. Moura fica branco como a cal e deixa-se cair de joelhos no chão. Alberto fica em estado de choque, em pé, completamente fermo.

113 - EXT Casa de Ana DIA

Fim da tarde. Alberto, de pull-over preto em bico e gravata da mesma cor por baixo sai do carro e bate à porta. As janelas estão fechadas, as persianas para baixo. Alberto bate novamente mas ninguém abre. Dirige-se à cabine telefónica mais próxima. Liga para casa do Dr. Moura mas ninguém atende também. Pega no carro e segue para as portas de Alconchel.

114 - EXT Casa Dr. Moura NOITE

À semelhança do que fez em casa de Ana, Alberto sai do Volkswagen e toca à campainha. Ninguém atende. Repete o gesto. Bate com a mão cerrada no portão. Silêncio profundo. Frustrado, Alberto dá meia-volta, reentra no carro e segue para casa.

115 - EXT Casa Alto São Bento NOITE

Alberto está a abrir a porta da garagem quando sente um vulto atrás de si. Depois de um susto inicial, apercebe-se que é Carolino. Acende um lampião, e convida-o a entrar.

116 - INT Cozinha Casa Alto São Bento NOITE

Alberto acende um fogareiro e atira para lá jornais velhos e tábuas de caixotes de fruta. Serve um brandy ao agora ex-aluno e pergunta-lhe as razões da sua vinda. Carolino, frio e distante, está parado no meio da cozinha. Exige a Alberto que não o trate por "tu", mas por "você". Carolino começa então a discursar, evidenciando uma imensa revolta e ódio pelo ex-professor. Quando Alberto pronuncia o nome de Sofia, Carolino lança-lhe um olhar de raiva, manda-o calar-se e avança, apoiando-se na borda da mesa. O professor não se fica e manda-o dizer o que pretende duma vez por todas. Enfrenta-o com um tom de voz determinado. Perante esta reacção enérgica, Carolino deixa-se cair na cadeira e ri-se sozinho como um louco. Alberto pensa para si mesmo que Carolino estará embriagado. Depois de um silêncio de segundos, Alberto tenta retomar a conversa sobre as razões da visita de Carolino, que lhe volta a responder em voz alta, amargurado. O professor convida-o então a sair. Carolino ri-se e recusa. Alberto enche um cálice de brandy e estende-o a Carolino, dizendo-lhe para o beber: levá-lo-á a casa de seguida. Carolino pega no cálice e atira-o ao chão. O vento no exterior dá ao episódio contornos de filme de terror. É então que Carolino puxa de uma navalha de ponta-e-mola e aponta-a ao pescoço do professor. Num gesto instintivo, Alberto agarra o pulso do aluno com muita força e

fá-lo soltar a navalha. Assim que esta cai no chão, Alberto pisa-a e com a mão livre acerta um soco sêco no queixo de Carolino, que fica prostrado no chão, a sangrar. O primo de Chico começa então a chorar convulsivamente e foge dali a correr, humilhado.

Alberto vai à porta, tranca-a à chave e regressa à cozinha. Enche um copo de água com brandy e bebe-o dum trago. Senta-se na cadeira e adormece ali mesmo.

117 - INT Gabinete do Reitor Liceu Évora DIA

Alberto bate à porta do gabinete. O reitor manda-o entrar. Alberto senta-se. O reitor puxa de um charuto e acende-o. Oferece outro ao professor, que recusa. O reitor pergunta então a Alberto pelos resultados do concurso do ano seguinte. Alberto diz que não ficou classificado em Lisboa. O reitor fala-lhe de outro concurso, em Agosto, dando-lhe a entender que não é benvindo em Évora. Depois, começa a puxar o assunto Sofia. Alberto percebe então que a sua luta com Carolino já é do domínio público. Alberto aperta a mão do reitor e despede-se.

118 - EXT Estrada das Alcáçovas DIA

Alberto passeia, sozinho, junto a um riacho. Tem o seu carro por perto. Um jeep aproxima-se e pára ao pé do seu Volkswagen. É Alfredo. Sai do carro. No braço direito exhibe uma braçadeira de luto. Saúda o professor com alegria sincera e pergunta-lhe o que é feito de si. Depois puxa pela história de Carolino fala-lhe de Sofia. Alberto desvia. Pergunta por Ana. Alfredo diz-lhe que esteve por fora e que por agora não é boa altura para ser visitada. Alberto não resiste a perguntar por Sofia e

fica a saber que foi para um colégio em Lisboa. Alberto olha para o relógio e diz que tem que ir para Évora, deixar o carro a lubrificar na garagem. Os dois despedem-se e entram nos respectivos carros. Seguem em sentidos contrários.

119 - EXT Biblioteca - Jardim de Diana DIA

A tarde está chuvosa. Alberto está a pé. Abriga-se à entrada da biblioteca, de gola do sobretudo levantada. Depois, sai em passo apressado, farto de ali estar. Mas ao passar junto à Sé, um temporal levanta-se e Alberto refugia-se no seu interior.

120 - INT Sé-Catedral Évora DIA

O tempo no exterior não melhora. Alberto decide por isso entrar. Contempla os túmulos medievais e vai avançando na nave central. Subitamente, Alberto repara que ao fundo, Ana está imóvel num dos bancos, vestida de negro dos pés à cabeça e de olhar fixo no altar. Aproxima-se dela e interpela-a. Os dois começam por falar baixo, até que Alberto pergunta a Ana como se sente. Irritada, Ana grita a plenos pulmões que se sente bem, fazendo Alberto estremecer de espanto. Depois, acalma-se e continua a falar com Alberto. A chuva pára e raios de Sol alumiam a catedral. Alberto propõe-se acompanhar Ana a casa. Inicialmente, esta recusa mas depois acaba por se deixar convencer.

121 - EXT Casa Alto São Bento DIA

Alberto estaciona o carro, fecha a porta e entra em casa.

122 - INT Casa Alto São Bento DIA

Alberto está a pousar o casaco quando lhe batem furiosamente à porta. Espreita pela janela e vê Chico. Dirige-se à porta e abre-a. Cumprimenta Chico e pergunta-lhe porque veio. Chico mantém-se calado e entra sem autorização. Perante a investida, Alberto encolhe os ombros e fecha a porta. Chega-se a Chico e tenta iniciar uma conversa civilizada. Chico, de maus modos, manda-o calar-se e ouvir. Repreende-o mais uma vez pelas suas ideias e pela forma como terão influenciado o estado de Ana. Alberto recusa mas Chico insiste, fazendo-o entender que não é benvindo a Évora depois das férias. Depois, Chico cala-se e sai, batendo a porta com violência. Alberto dirige-se ao quarto e começa a fazer as malas. Ao início da noite, carrega o carro.

123 - EXT Casa Alto São Bento NOITE

Alberto acaba de pôr as malas no carro e volta atrás para trancar a porta de casa. As persianas estão fechadas e as portadas também. Alberto põe o motor a trabalhar, fecha a porta do carro. Liga as luzes e arranca para férias.

124 - EXT Praça Marquês de Pombal DIA

Alberto passa de carro pelo centro de Lisboa.

125 - EXT Estrada de Sintra DIA

Alberto passa de carro pela estrada de Sintra. Reflecte sobre a sua vida em Évora e sobre as suas experiências e pensamentos existencialistas.

126 - EXT Convento de Mafra DIA

Alberto passa de carro pelo convento de Mafra. Pára. Sai do carro. Dá uma volta a pé. Continua a dissertar internamente sobre os seus pensamentos existencialistas.

127 - EXT Praia Areia Branca DIA

Fim de tarde. Alberto passa de carro pelo miradouro da Praia da Areia Branca e detém-se junto duma capela românica. Sai do carro e continua o seu debate pessoal sobre vida, morte e religião. Volta a entrar no carro e arranca.

128 - INT Casa Alto de São Bento DIA

Com as malas ainda feitas, pousadas no chão do hall de entrada, Alberto abre todas as persianas e portadas para a casa arejar. Depois, abre a mala e troca de camisa, para uma de manga curta. Sai de casa com as malas hirtas no mesmo sítio.

129 - EXT Casa Alto de São Bento DIA

Alberto entra no carro e parte em direcção a Évora.

130 - EXT Centro Histórico de Évora DIA

À entrada de Évora, Alberto passa pelo Dr. Moura, de carro. Apita-lhe mas este finge não o ver primeiro e depois solta-lhe um aceno tímido, visivelmente incomodado. Alberto segue a sua marcha e estaciona no Giraldo. Sai do carro e entra no Banco.

131 - INT Banco de Portugal Évora DIA

Alberto está na fila do banco. À sua frente tem uma fila com seis pessoas. Subitamente, sente uma mão tocar-lhe nas costas. Vira-se. É Alfredo. Alberto pergunta-lhe o que é feito de si e da esposa e Alfredo conta-lhe que se mudaram. Convida-o para naquela noite ir jantar à herdade - diz que tem duas surpresas. Alberto acede.

133 - EXT Volkswagen Alberto NOITE

Na estrada do Redondo, Alberto chega a uma bifurcação e vê uma herdade do lado esquerdo da estrada. Detém-se por momentos, até ver um braço a acenar-lhe de lá. Estaciona o carro na berma e sai. Alfredo aproxima-se.

134 - EXT Herdade Cerqueiras NOITE

Alfredo recebe Alberto de forma entusiástica e relembra-lhe as surpresas que tem para si. Conduz Alberto - que vai ficando

ansioso - à entrada, onde vislumbra duas crianças, muito morenas, com ar curioso. Quando Alberto se apresta a perguntar quem são, Alfredo responde imediatamente: são os filhos de Bailote, o homem que se enforcou. Ana e Alfredo adoptaram-nos e Ana está feliz novamente. Pouco depois, Ana aparece com um ar efectivamente mais tranquilo e sorridente, afagando a cabeça dos petizes, que se aproximam dela com ar ternurento. Antes que Alfredo a revele, Ana fala a Alberto da presença de Sofia. Alberto arregala os olhos. É a segunda surpresa. Ana e Alfredo conduzem Alberto à sala de jantar.

135 - INT Sala de Jantar Herdade Cerqueiras NOITE

Alberto fica tenso ao ver Sofia mas cumprimenta-a com cortesia, tentando disfarçar o nervosismo. Pergunta-lhe pelos estudos e Sofia responde, também como se nada fosse. Sofia fala da vontade de cursar Direito e Alberto elogia-lha a escolha. Alfredo e Ana mantêm-se em silêncio, testemunhando os olhares de encanto mútuos que os dois solteiros trocam. No final do jantar, Ana sugere a Alberto que leve Ana, justificando-o com motivos práticos. Alberto acede prontamente.

136 - EXT Herdade Cerqueiras NOITE

Sofia entra para o carro de Alberto. Este, ainda fora, despede-se de Ana e Alfredo, entusiasmado. Ana pisca-lhe o olho. Alberto entra para o lado do condutor, fecha a porta e o carro arranca.

137 - INT Volkswagen Alberto NOITE

Sofia acende um cigarro. Alberto tenta puxar conversa mas é invadido de uma gaguez inicial. Depois, pergunta a Sofia pelo processo de adoção desenvolvido por Alfredo e Ana. Sofia começa por responder mas logo a conversa descamba para a profundidade existencialista. Subitamente, Sofia ordena a Alberto que páre. Alberto trava bruscamente. Sofia diz a Alberto, emocionada, que estão no preciso local em que Cristina faleceu. Sofia sai do carro, contempla em silêncio aquele sítio, como se rezasse e volta a entrar. Num repente, olha Alberto nos olhos e confessa-lhe o desejo de conhecer a sua casa de São Bento. Alberto sorri levemente e retoma a marcha.

138 - EXT Casa Alto de São Bento NOITE

Alberto estaciona o carro. Sofia sai primeiro e corre para a porta. Sorri de forma provocante. Alberto vem logo atrás e roda a chave ansioso. A porta abre e os dois entram. A porta bate.

139 - INT Casa Alto de São Bento NOITE

Logo no hall de entrada, com as malas de Alberto ainda por desfazer, Sofia e Alberto beijam-se e tocam-se intensamente. Os dois caminham sem nunca se largarem até ao terraço.

140 - EXT Terraço Alto de São Bento NOITE

Sofia e Alberto estão deitados no terraço abraçados. Alberto fala a Sofia das constelações. Sofia ouve, sorridente, em silêncio.

141 - INT Café Arcada DIA

Alfredo e Ana estão sentados à mesa do café com as duas crianças. Tomam o pequeno-almoço. Alberto entra e saúda-os com entusiasmo. Ana sorri-lhe, cúmplice. Alberto pergunta-lhes por Sofia. Dizem não saber dela. Não os tinha voltado a visitar. Dizem-lhe para passar por casa do Dr. Moura. Estará lá por certo. Alberto despede-se sem sequer chegar a consumir e sai do café.

142 - EXT Casa Dr. Moura DIA

Alberto toca à campainha. A criada vem abrir. Cumprimenta-o. Alberto responde ao cumprimento e pergunta-lhe por Sofia. A criada diz que não sabe dela, não dormiu em casa. Diz-lhe que a procure junto de Ana e Alfredo. Alberto estranha. O seu coração começa a acelerar. Despede-se da criada e dirige-se ao centro histórico.

143 - EXT Centro histórico de Évora DIA

Alberto percorre o centro, rua-a-rua, café a café, loja a loja, à procura de Sofia. Começa a ficar cansado, aparece o suor, mas não desiste. A sua procura não tem sucesso. Vai então para o Rossio de São Brás, é época da feira de São João.

144 - EXT Rossio de São Brás DIA

Alberto percorre, já com alguma aflição, as bancas e diversões da Feira de São João. O seu ar grave, carregado, contrasta com a animação e êxtase dos visitantes.

145 - INT Volkswagen Alberto DIA

Desesperado com o mau pressentimento e com o desaparecimento repentino de Sofia, Alberto alarga as suas buscas ao exterior da cidade e fá-las agora de carro. Subitamente, depara-se com um carro da GNR e algum aparato na berma, junto do Chafariz d'El-Rei. Ainda com o carro em movimento, vê Carolino algemado seguir com dois guardas. Pára subitamente o carro, numa travagem brusca que capta o olhar dos três. Ao aperceber-se que é Alberto, Carolino larga-lhe um sorriso.

146 - EXT Chafariz d'El-Rei DIA

O professor sai do carro e desata a correr desenfreado para o chafariz, onde já há uma pequena aglomeração de populares. Afasta-os bruscamente e depara-se com Sofia morta, com um punhal atravessado no corpo. Os guardas tentam demovê-lo de se aproximar mas Alberto afasta-os e abraça-se ao cadáver, de joelhos, num pranto inconsolável.

FADE TO BLACK

CRÉDITOS

FIM.

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

ESCOLA DAS ARTES

2º CICLO EM SOM E IMAGEM - ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA E  
AUDIOVISUAL - ARGUMENTO

PRÉ-PRODUÇÃO DE PROJECTO FINAL

2010/2011

Prof. Paulo da Rosária

**TEASER**

**"APARIÇÃO"**

FRANCISCO MIGUEL COSTA LEITE DE SÁ FARDILHA

375409006

PORTO

Janeiro 2011

1. INT. SALA DE JANTAR CASA FAMÍLIA SOARES NOITE

Com a família toda à volta da grande mesa de madeira maciça os semblantes são de alegria, ou não fosse Natal. A mesa principal está decorada com uma grande toalha vermelha, copos de cristal e talheres de prata. Em cima dela há bacalhau e polvo com fartura e travessas com cenouras, batatas cozidas e grelos. Numa mesa de apoio há bolo-rei, leite-creme, sonhos e pão-de-ló numa mesa contígua. A lareira está acesa e confere uma luminosidade dourada ao espaço. As crianças estão inquietas e Álvaro, sentado à cabeceira da mesa e com as bochechas ligeiramente coradas, não esconde o contentamento por ter a família reunida.

ÁLVARO

Bom. Agora que vocês vieram, já é mais fácil recomeçar. A vossa mãe ainda não se resignou com o facto de terdes crescido. Quanto a mim, acho que...

Com um súbito esgar de dor, Álvaro agarra-se ao peito e a sua cabeça prostra-se sobre a mesa, fazendo saltar um prato para o chão. O seu copo cai na toalha, derramando o vinho que continha.

As crianças começam a gritar.

CLOSE EM ALBERTO

Alberto está em choque, com as mãos entrelaçadas na nuca, como que não querendo acreditar no que está a acontecer.

Ouve-se Júlia exclamar, em pânico, "Está morto! Está morto!". Enquanto uma lágrima começa a escorrer, lentamente, pela face de Alberto, este começa a ouvir vozes no interior da sua própria cabeça, entrando numa espécie de transe que vai acelerando progressivamente.

ALBERTO - VOICE OVER

Problema...a vida...a morte...saber...saber  
a minha condição...o valor que se  
perde...um fim...um meio...o  
limite...morte...morte...uma por  
outra...morte...são iguais...

PLANO CONJUNTO DA SALA DE JANTAR

Há uma azáfama em torno do pai. Susana, Júlia, Evaristo e Tomás estão em torno dele. No outro canto, as crianças choram junto a Isaura. Alberto está sentado no seu lugar, imóvel. De repente levanta-se e começa a correr em direcção à porta da sala de jantar.

2. INT. CORREDOR CASA FAMÍLIA SOARES \_\_\_\_\_ NOITE

Alberto corre em grande velocidade rumo ao seu quarto, ofegante. Continua a ouvir vozes na sua cabeça.

ALBERTO (V.O.)

A carne...o corpo...a vertigem sufocante...

Muita coisa a arrumar, a harmonizar...

3. INT. QUARTO ALBERTO CASA FAMÍLIA SOARES\_\_\_\_\_ NOITE

PLANO DE ALBERTO DE FRENTE A ENTRAR NO QUARTO

Alberto entra no quarto. Fecha a porta à chave com duas voltas desajeitadas, apressadas. Pára.

PLANO DA VISÃO DE ALBERTO

A janela está aberta. Ao fundo vê-se a montanha, solene, com a luz cheia a iluminá-la. Alberto está cada vez mais ofegante. O seu coração está mais acelerado do que nunca.

PLANO DE ALBERTO DE FRENTE A PARTIR DA JANELA

Alberto continua imóvel, ofegante, com lágrimas e suor a fundirem-se na sua face. Regressam as vozes. Alberto começa a correr em direcção à janela.

ALBERTO (V.O.)

Muita coisa ainda a morrer...

Sou eu que me habito..vivo...

sou uma entidade...

PLANO MOVIMENTO CÂMARA EM DIRECÇÃO A ALBERTO

4. INT. \_\_\_\_\_COMBOIO\_\_\_\_\_ DIA

Alberto corre dentro da carruagem como se continuasse a ser perseguido. Está com a mesma roupa, com a cara suja das lágrimas e do suor. Continua ofegante. As vozes prosseguem.

ALBERTO (V.O.)

Uma presença total...Uma  
necessidade do que existe  
Porque só há eu a existir...  
Porque estou aqui...

Passa para outra carruagem. Do lado direito está o sr. Machado de óculos no nariz, irritado, virado para Alberto a apontar para o relógio e a agitar uma chave na outra mão.

Do lado esquerdo o Dr. Moura está sentado numa mesa de café, com um jornal e uma chávena. Levanta-se e estende a mão para cumprimentar Alberto. Este continua a sua corrida sem responder a nenhum.

Passa para outra carruagem.

ALBERTO (V.O.)

EU!!!Este vulcão, sem começo  
nem fim!!! EU!!!  
Só actividade, só estar  
sendo...EU!!!

Do lado esquerdo Cristina está sentada ao piano, de vestido, a tocar serenamente, compenetrada. Do lado direito está o agricultor, Bailote, enforcado.

Alberto continua a correr, cada vez mais ofegante depois de ver Bailote enforcado.

Passa para outra carruagem.

ALBERTO (V.O.)

EU!!!Obscuro...Incandescente...  
Fascinante...Terrível...EU EU EU!!!  
Terrível presença...atrás de tudo...  
Tudo o que digo...Tudo o que faço...

Alberto prossegue a sua corrida. As vozes não cessam. Do lado esquerdo encontra Carolino, sentado numa carteira da escola, com uma galinha no braço. Mais à frente, do lado direito, Sofia está com um vestido justo, apertado, seios proeminentes. Tem a perna esquerda em cima duma cadeira. Dobra-se ligeiramente para evidenciar o decote e puxa o vestido para cima a deixar ver uma liga. Sorri maliciosamente.

ALBERTO (V.O.)

EU!!!Mãos impuras...Lavar-me!!!

Morrer...intimidade...certeza...

Equilíbrio..EU!!! Sou o espírito...A  
evidência!!! EUUUU!!!

Alberto continua a correr, em direcção a nova carruagem.

FADE TO BLACK

Aparece a frase: "Há um segredo em nós que nós mesmos não sabemos"

Aparece o título do filme: "Aparição".

THE END

## BIBLIOGRAFIA

Para a elaboração deste dossier consultámos:

SANT'ANNA, Dionísio, *Guia de Portugal: Estremadura, Alentejo, Algarve*, vol.II, ed. Fundação Calouste Gulbenkian, 1927.

ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal: Concelho de Évora*, vol. VII, Ed. Academia Nacional de Belas-Artes, Lisboa, 1966.

GAGEIRO, Eduardo e SARAMAGO, José, *Évora: património da humanidade*, Ed. CM Évora, 1997, 190pp.

## FOTOGRAFIA

Para além dos suportes fotográficos ilustrativos da bibliografia supra-citada, consultámos também:

- Arquivo Fotográfico CM Évora
- Espólio Particular David Freitas - fotógrafo Évora
- Projecto "Memória" CM Évora

## **2 Dossier Produção Projecto Final**

UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
2º CICLO EM CINEMA E AUDIOVISUAL  
2009/2011  
ESPECIALIZAÇÃO EM ARGUMENTO

# "APARIÇÃO"

PROJECTO FINAL

Francisco Miguel Costa Leite de Sá Fardilha

Aluno nº 375409006

ffardilha@gmail.com

Orientador: Prof. Paulo da Rosária

Maio de 2011

**Voto Vencido:** O autor apenas deixa esta página em branco porque assim o obrigam.

Por cada tonelada de papel impresso matam-se 12 árvores.

O mundo consome 300 milhões de toneladas de papel por ano.

## PRIMEIRO EPISÓDIO

1. EXT. CASA ALFREDO - SALA JANTAR DIA

---

2011. Vemos duas crianças a entrarem na sala - as luzes estão apagadas - com um bolo de aniversário. Há duas velas em cima do bolo - uma com um 9 outra com um 7. No meio da sala, de cadeira de rodas, está um Alfredo Cerqueira envelhecido, com a mão direita trémula, e cheio de rugas na cara e no pescoço. Uma equipa de reportagem do programa "Portugal em Directo", da RTP, aproxima-se de Alfredo. A repórter faz um vivo.

REPÓRTER

Estamos em casa de Alfredo Cerqueira, o homem mais idoso do distrito de Évora e que cumpre hoje o seu 97º aniversário rodeado de duas dezenas de familiares.

Vamos tentar falar com este verdadeiro recordista!

A repórter vira-se para o aniversariante.

REPÓRTER (CONTD)

Então, sr. Alfredo? Está feliz por fazer 97 anos? Como se sente? Qual é o segredo para a sua longevidade?

Alfredo mal ouve as perguntas. Uma sobrinha grita-lhe então as perguntas ao ouvido.

SOBRINHA

Oh Ti Fredo, a senhora está a perguntar-lhe se está feliz!

ALFREDO

Hã?Hein?

SOBRINHA

Se está FELIZ!!!

Alfredo baba-se. Muito grande plano da cara.

ALFREDO (v.o.)

97 anos. Estou esta vergonha por fora. Parece que tenho bicho. Há pouco tempo andava, mexia-me, o raio do braço estava quieto. Conseguia tomar banho sozinho. E agora olhem, estou esta vergonha por fora. Mas por dentro, estou morto há mais de um quintal de anos. Não sei se fui eu que me matei ou se me mataram. Sei é que antes vivia bem e depois já não conseguia.

Passaram 60 anos. Não sei se foi culpa minha ou se foi do mentiroso do Sartre. Bem vistas as coisas, acho que foi mais culpa do Vergílio. Porque se é certo que morri, também é certo que ele nunca me deixou ressuscitar. O raio do homem chapou a minha morte em livro. Cada vez que tentei viver outra vez, morri outra vez.

(pausa)

FADE TO BLACK

FADE IN

FLASHBACK

2. EXT. CENTRO HISTÓRICO ÉVORA DIA

Vemos um filme a preto e branco sobre a cidade de Évora nos anos 50.

ALFREDO (V.O.)

Antes do Alberto chegar, a minha terra era a mais linda do Mundo. Não é que conhecesse muito Mundo mas foi aqui que nasci; brinquei nesta terra desde catraio. Tínhamos o templo de Diana, a Sé-Catedral, o Jardim Público, a

Feira de São João no Rossio de São Brás, o café Arcada, o Liceu, o Carnaval do Redondo.

A minha terra era a mais linda do meu Mundo, onde conheci a Ana, onde me casei com ela e fui feliz.

Antes do Alberto chegar.

3. EXT \_\_\_\_\_ ESTAÇÃO C.F. ÉVORA \_\_\_\_\_ DIA

---

Na plataforma da estação de Évora meia dúzia de pessoas espera a chegada do comboio oriundo de Vendas Novas. O guarda-linha, de bandeira vermelha na mão, coloca-se em posição e manda as pessoas deslocarem-se para trás da linha de segurança. Surgem, lado-a-lado, dois transportadores de malas conduzindo os seus carrinhos de mão em direcção ao centro da plataforma. Ouve-se um apito e o comboio começa a surgir ao longe. A INSTALAÇÃO SONORA da estação informa a chegada: "Vai dar entrada dentro de momentos na linha 1 o comboio com procedência de Vendas Novas e destino a Évora. Évora, estação terminal. Estação terminal. É favor respeitarem a distância de segurança. Obrigado. Vai dar entrada dentro de momentos na linha 1...".

O comboio vai-se aproximando lentamente do seu ponto de paragem até que se imobiliza de vez. As pessoas aproximam-se das portas. O guarda-linha APITA e manda-as afastar-se e deixar os passageiros sair com calma. Começam a sair os primeiros passageiros. Alberto é dos últimos a descer da composição, carregado com uma mala grande e um saco mais pequeno. Manuel Pateta oferece-lhe ajuda para descarregar as malas.

MANUEL PATETA

É preciso alguma coisa, senhor  
engenheiro?

ALBERTO

Tenho um caixote de livros ali  
dentro ainda, é para trazer também  
por favor.

MANUEL PATETA

Então é dar-me a senhazinha,  
senhor engenheiro.

ALBERTO

Oh homem, páre lá com o engenheiro  
que eu não sou engenheiro nenhum.  
Sou professor do Liceu!

MANUEL PATETA

Ah desculpe desculpe desculpa  
senhor engenheiro...uh!doutor!!

Alberto encolhe os ombros e saem juntos pela Av. Barahona.

4 EXT \_\_\_\_\_ CENTRO HISTÓRICO DE ÉVORA \_\_\_\_\_ DIA

Alberto e Manuel Pateta caminham rumo à pensão, já dentro das muralhas, numa rua estreita de paralelo.

MANUEL PATETA

E então senhor eng..doutor, é a primeira que está por estas bandas?

ALBERTO

Não, mas a última vez que cá vim foi há muitos anos...viagem de família...

MANUEL PATETA

Olhe que esta terra é muito linda senhor doutor...e enganadora também!

Alberto mostra-se impaciente para com a conversa fiada do moço de fretes e enquanto fazem o caminho até à Praça do Giraldo, onde fica a Pensão Machado, o professor concentra-se no movimento de cavalos tripulados nas ruas laterais e nas lojas de louças, artigos domésticos, mercearia e venda de produtos agrícolas com preçários afixados em cartazes apoiados no chão. Há também casas típicas alentejanas, caiadas de branco com um risco no fundo, predominantemente azul-céu. A Sé de Évora é um fundo constante. O professor vai-se adiantando, mantendo o ar distante e ignorando o esforço físico de Manuel Pateta. Vendo o professor quase desaparecer da sua linha de vista, o jovem eborense grita-lhe, num misto de melindre e ironia.

MANUEL PATETA

OH SENHOR ENGENHEIRO! Tenha lá calma!!!

Espere aí que aqui o burro tem as patas gastas!

ALBERTO

Oh homem, desculpe lá, ia aqui  
distraindo.

MANUEL PATETA

Pois, mas esquece-se que eu sou o  
único dos dois que sabe onde é a  
Machado.

ALBERTO

Tem razão homem, tem razão.  
Adiante, adiante.

Os dois voltam a seguir lado-a-lado por entre as ruas do  
centro de Évora.

5 EXT \_\_\_\_\_ ESCADARIA PENSÃO MACHADO \_\_\_\_\_ DIA

Manuel Pateta e Alberto chegam à entrada da Pensão Machado.

MANUEL PATETA

É aqui senhor doutor!

Olham para as escadas íngremes e começam a subi-las rumo ao 3º  
andar, onde está a entrada da pensão. Manuel Pateta segue à  
frente, deixando as malas do professor em plena rua, sem lhe  
dar nenhuma justificação. Espantado com tamanho à-vontade,  
Alberto segue-o pelo labirinto claustrofóbico de escadas.

Chegados ao 3º andar, tocam a uma pequena CAMPAINHA situada no lado direito da porta, por baixo de um pequeno letreiro que diz "PENSÃO MACHADO - QUARTOS/ROOMS/CHAMBERS", escrito à mão, de forma cuidada. Depois de algum tempo de espera, o Sr. Machado abre a porta, olha Alberto de cima a baixo, como que tentando examinar a priori as suas intenções. Depois cumprimenta Alberto e Manuel, saudando com maior efusividade este último.

MANUEL PATETA

Senhor Machado, aqui o senhor  
engenheiro é professor do Liceu.  
Trouxe-o cá.

Manuel Pateta pisca o olho a Machado, como que lembrando-o da comissão que lhe fica a dever. Mas Machado ignora-o e vira-se para Alberto.

MACHADO

Ora então, o senhor vem dar aulas  
no Liceu não é?

ALBERTO

Sim, venho.

MACHADO

Aulas de quê?

ALBERTO

Língua Portuguesa.

A face de Machado fica mais cerrada. Fala mais devagar.

MACHADO

Sabe senhor professor, não tenho nada contra si. Nada pessoal. Mas para ser honesto, hoje em dia preciso de pensar duas ou três vezes antes de aceitar professores de Liceu.

ALBERTO

Tudo bem, eu procuro outra pensão para ficar.

Machado fica embaraçado e na sua face vê-se agora uma expressão de recuo. Levanta a mão e abana a cabeça.

MACHADO

Não sôtor, não, não...O sôtor não percebeu bem, não...eu é que se calhar não me expliquei bem...o que eu queria dizer é que esta casa é de respeito, de gente humilde mas muito séria...e aqui há uns tempos tive aqui um professor de Liceu...ó sôtor..ele trazia para aqui uma senhora...

Alberto, irritado, interrompe e vira-se para Manuel Pateta.

ALBERTO

Manuel, estás à espera de quê?  
Anda. Mexe-te.

Manuel Pateta olha para o professor e para Machado. Depois novamente para o professor. Segue em direcção às escadas mas depois de dar o primeiro passo na descida olha para trás.

MANUEL PATETA

Oh..senhor professor...as malas  
então sobem para cima, ou o senhor  
desce comigo para baixo?

Alberto leva a mão à cabeça, farto da burrice de Manuel.

ALBERTO

Sobem rapaz, sobem! Para cima!!  
Mexe-te lá!

Manuel desata então a correr escadas abaixo. Machado abre a porta que dá acesso ao corredor dos quartos. A sua cara está menos tensa, vai olhando para o professor como que a pedir aprovação ou simpatia.

MACHADO

Oh senhor doutor, desculpe lá  
aquilo há bocadinho...Mas é que  
até...uma vez ia eu no corredor e...

Alberto não deixa Machado acabar a frase e insurge-se irritado.

ALBERTO

Oh Sr. Machado, já chega! Eu não  
quero saber de nada disso, mostre-  
me lá mas é o quarto que eu quero  
é descansar um bocado.

Machado volta a ficar embaraçado.

MACHADO

Desculpe sôtor, desculpe...Está aqui  
o seu quartinho, fique com a  
chavinha...fique à vontade sôtor,  
disponha, disponha.

7 INT \_\_\_\_\_ QUARTO ALBERTO PENSÃO MACHADO \_\_\_\_\_ DIA

Machado retira-se e Alberto fecha a porta e fica então sozinho  
no quarto. Dá uma volta e verifica as persianas, o quarto-de-  
banho e senta-se na borda da cama a testar o colchão. Pouco  
depois ouve bater à PORTA mas mantém-se sentado.

ALBERTO

Sim?

MANUEL PATETA

Senhor professor, sou eu, o  
pateta!

ALBERTO

Entre homem, pode entrar.

Manuel Pateta roda a maçaneta. A porta está destrancada. Entra e pousa as malas. Alberto levanta-se, põe a mão ao bolso e tira uma moeda. Manuel estende a mão e recebe a moeda.

MANUEL PATETA

Quando precisar, senhor professor,  
quando precisar!

É só chamar pelo Manuel Pateta!

ALBERTO

Sim, não se preocupe. Obrigado.

O moço de fretes levanta a pala do boné. Depois sai e Alberto fecha a porta. Vira-se e dirige-se à cama. Pelo meio, fecha melhor as persianas e deita-se na cama, de barriga para cima.

FLASHBACK

Alberto está deitado na cama, de barriga para cima, olhos fechados e mãos cruzadas junto à barriga.

ALFREDO (V.O.)

Só soube depois de tudo ter acontecido, mas havia uma razão para o Alberto ser assim.

(ouve-se o som de alguém a bater a uma porta ao longe)

Já não me lembro quem me contou, mas parece que as coisas correram para o torto lá

na aldeia dele, no Natal antes de ele vir para cá.

(ouve-se a porta a abrir e barulho imperceptível de conversa)

EVARISTO

(eufórico, quase aos gritos)

O MONGE??? ONDE É QUE ANDA O MONGE?  
ESTÁ CÁ O MONGE?

Alberto abre os olhos e solta um suspiro. Começa a levantar-se e a vestir um casaco.

ALFREDO (V.O.)

O monge era ele, era um tipo estranho. Muito calado..

Parecia que estava sempre a pensar na morte da bezerra.

A própria família dele reparava nisso. Tinha a mania que era mais do que os outros. Ele é que estava certo, era um sabichão, era sempre o dono da verdade.

Os outros só existiam para ele ter a certeza disso.

Alberto abre a porta do quarto e sai.

9 INT \_\_\_\_\_ HALL ENTRADA CASA ALDEIA \_\_\_\_\_ DIA

Susana, Evaristo, Júlia e Alberto Jr. estão à conversa num círculo quando se começam a ouvir PASSOS junto à escada. Os quatro olham para cima.

EVARISTO

Olha o monge!!! Dá cá um abraço!

Evaristo dá um abraço muito apertado ao irmão, que revira os olhos momentaneamente de espanto. Evaristo e a mulher começam então a bombardear Alberto, que nem tem tempo de ensaiar respostas.

EVARISTO (CONTD)

Então monge? Conta-nos lá, o que tens feito?

JÚLIA

Que tal as colheitas? Boas?

EVARISTO

Já arranjaste mulher?

JÚLIA

Olha que elas andam aí...

EVARISTO

A minha mulher tem umas amigas...Se  
quiseres apresenta-te...

JÚLIA

Sim, Alberto, é só vires ter  
connosco...Anda lá...

EVARISTO

Anda lá monge, senão ainda ficas  
sozinho...

Alberto olha-os, alheado, e é salvo pela chegada do pai, que abre a porta da entrada e limpa as botas ao tapete. Evaristo dirige-se até junto dele e abraça-o.

EVARISTO (CONTD)

Então velhote!! Estás rijo?

ÁLVARO

Cá andamos filho, cá andamos.

E vocês? Estão com bom ar!

JÚLIA

Cá andamos também senhor Álvaro.  
Aqui o Bertinho é que anda sempre  
constipado...é muito fraquinho...

Álvaro aproxima-se do neto, agacha-se e abre-lhe bem os olhos,  
põe-lhe a mão nas amígdalas e faz-lhe uma festa no cabelo.

ÁLVARO

É dar-lhe umas colherzinhas de  
óleo de fígado de bacalhau e o  
cachopo põe-se fino num instante!

Alberto Jr. faz um esgar de nojo perante a sugestão do avô. O  
avô dá-lhe um cachaço amigável mas o neto, fraquinho, dobra-se  
para a frente e começa a TOSSIR.

10 EXT \_\_\_\_\_ PÁTIO CASA ALDEIA \_\_\_\_\_ DIA

A tarde avança. No pátio, de terra batida, repousa o carro de  
Evaristo, estacionado perpendicularmente à porta de casa, com  
a vista da montanha, imponente, a parecer um quadro  
fotográfico.

TIMELAPSE

Com o Sol a baixar, ouve-se o barulho de cavalos. Entretanto, aparece uma charrete com Tomás ao comando do cavalo e um dos filhos sentado a seu lado. Na traseira estão Isaura e os outros dois rebentos. Assim que Tomás faz parar o cavalo os dois filhos que seguem com a mãe saem da charrete e começam a correr desenfreadamente pelo pátio, num jogo de perseguição só parado por um berro da mãe.

ISAURA

Já chega!!!Meninos, párem quietos agora! Façam favor de vir já para aqui. Não vos quero todos suados na véspera de Natal!

À janela da sala de estar aparece Susana, que ao ver o filho, a nora e os netos a abre e se debruça, acenando-lhes sorridente.

11 INT\_\_\_\_\_ \_ SALA ESTAR CASA ALDEIA \_\_\_\_\_ DIA

Susana, debruçada à janela, vira-se para trás e ordena à criada que lhes abra a porta.

SUSANA

Gracinda, faça o favor de abrir a porta aos pequenos.

GRACINDA

Com certeza minha senhora. É para já.

A criada baixa a cabeça com um leve sorriso, acatando a ordem, e sai da sala.

Susana recolhe-se e fecha a janela grande.

12 INT \_\_\_\_\_ \_SALA JANTAR CASA ALDEIA \_\_\_\_\_ DIA

A mesa grande, oval, em madeira maciça e escura, da sala de jantar, está repleta de travessas com bacalhau, peru, couves e ovos cozidos. Os copos de cristal reluzem e dois grandes candeeiros em forma de globo dão imponência ao espaço. Os onze convivas celebram o Natal. Evaristo fala dos seus feitos no trabalho.

EVARISTO

Vocês não fazem ideia mas em  
Lisboa andam todos loucos comigo!  
Sabem a casa Varela?

Ninguém responde. Os olhares permanecem centrados em Evaristo.

EVARISTO (CONTD)

Já vi que não...Também...são gente da  
aldeia...Em Lisboa fiz um grande  
negócio com a Casa Varela...500  
contos em encomendas há? Digam lá  
se não sou o maior!

À mesa Álvaro, Susana, Tomás, Isaura e Alberto entreolham-se e soltam sorrisos, acenando com a cabeça anuindo quase de forma

forçada à gabarolice de Evaristo. Mas Júlia não esconde o entusiasmo com o marido.

JÚLIA

És o maior meu querido, o melhor de todos.

Júlia vira-se para a restante família.

JÚLIA (CONTD)

E vocês não sabem mas ele já conseguiu muito mais encomendas! Foram aos 20 contos em Aveiro, aos 400 no Porto!! Trouxeste o livrinho amor? Mostra-lhes, mostra-lhes!

Evaristo enche o peito de ar, todo emproado e saca da algibeira um livro de facturas que passa pelos dedos, qual maço de notas. Incomodada com o exibicionismo do filho do meio, mas sem querer desanimá-lo, Susana vira-se para Tomás.

SUSANA

E tu meu filho, como tem estado a terra? Tens conseguido alguma coisa que se aproveite?

Tomás sorri e começa a falar, alternando os olhos ternos entre a mãe, a mulher e os filhos.

TOMÁS

Vai-se indo mãe, vai-se indo...este tempo está sempre a mudar mas acho que o vinho vai ser bom...tenho medo é das próximas manhãs, parece que aí vem geada...

Vendo o irmão calado, Evaristo pergunta a Alberto pelo futuro no liceu, com um ar de ironia.

EVARISTO

E tu monge, essa carreira brilhante de professor vai ou não? Já mudaste o mundo e não nos avisaste?

Alberto percebe o tom de gozo do irmão e responde-lhe, sério, irritado.

ALBERTO

Não mudei o Mundo mas tenho apanhado uns miúdos armados em chicos-espertos como tu. Mas com estes não sou como a D. Cremilde contigo e acerto-lhes um par de estalos se for preciso.

Ao ver a conversa azedar, Álvaro resolve falar. As crianças estão divertidas a brincar entre si. Álvaro vira-se para Alberto.

ÁLVARO

Bem, gostava de vos dizer uma coisa.

O silêncio é geral. Todos olham fixamente o patriarca, inclusive as crianças que páram de brincar.

ÁLVARO (CONTD)

Estamos todos aqui reunidos mais um ano. Estás tu, o Tomás, o Evaristo. Estamos nós, está a Júlia, a Isaura e os pequenitos. Gostava muito que no próximo Natal estivéssemos todos aqui outra vez...esta casa é grande demais só para nós dois..

Álvaro põe a mão no ombro da mulher com ternura e vira-se para ela.

ÁLVARO

Não é assim, Suse?

SUSANA

Não me chames Suse.

ÁLVARO

Não é assim Susana?

Álvaro percorre a mesa toda com os olhos e depois de uma pausa continua.

ÁLVARO

Está-me a correr mal o discurso  
não está?

Susana não responde, esboçando um sorriso curto. Mas Evaristo, novamente com o ar ansioso e emproado põe um cotovelo na mesa e dirige-se ao pai.

EVARISTO

Não não...não senhor...Estás a ir  
muito bem...Estamos todos calados  
porque estamos a gostar de te  
ouvir...Vá, diz lá o resto...Estás  
bem.

ÁLVARO

Bom, então é assim: agora que  
vocês vieram, já é mais fácil  
recomeçar...A vossa mãe ainda não  
conseguiu aceitar que vocês já não  
sejam nenhuns meninos, mas  
eu...(pausa)...eu penso que...

Álvaro agarra-se subitamente ao peito e cai prostrado sobre a mesa, entornando o copo de vinho tinto sobre a toalha e fazendo com que um prato se estilhaçasse no chão. O pânico é geral. A falta de sentidos do patriarca faz os restantes familiares julgá-lo morto. Júlia tenta apanhar os sentidos do sogro e vendo que não reage grita histérica.

JÚLIA

Está morto!!! Está morto!!!

Júlia corre para o filho e juntamente com Isaura, que também agarra os seus petizes, conduzem as crianças para fora da sala de jantar, à pressa, tapando-lhes os olhos. Susana chora desconsolada junto ao filho Evaristo.

SUSANA

Porquê??Porquê??

Tomás vira-se para Alberto.

TOMÁS

Sabes onde está a chave do carro do pai?

ALBERTO

Acho que sim, acho que está na entrada...

TOMÁS

Vamos lá então..vamos à vila buscar o Dr. Martins.

Tomás e Alberto saem à pressa, rumo à vila, em busca do médico.

Alberto entra no carro de Álvaro, pelo lado do passageiro. O veículo já está com o motor a trabalhar. Tomás está sentado ao volante e mal o irmão bate a porta, arranca a grande velocidade, fazendo os PNEUS chiar na terra batida e levantando uma nuvem de pó testemunhada pela lua cheia que se ergue junto à montanha.

Ainda sem o carro estar completamente parado, Alberto abre a porta e sai com um ar desesperado, tropeçando no passeio embora sem cair. Bate sucessivamente à PORTA do médico, que aparece à porta em pijama, ensonado.

MÉDICO

Alberto?! O que é que fazes aqui a esta hora? Passa-se alguma coisa?

Com Tomás no carro, à espera, Alberto comunica a emergência ao médico.

ALBERTO

O meu pai desmaiou...  
...estava agarrado ao coração...  
...não respira!

MÉDICO

(com ar surpreso)

O quê? O Álvaro? Dá-me só 1  
minuto, já vou convosco! 1 minuto!

Passado um pouco, o médico sai de casa com a camisa por fora das calças e o estetoscópio a sair da mala.

MÉDICO

Pronto, já está! Vamos, vamos  
rápido!

Junta-se a Alberto. Os dois entram apressadamente no carro, que arranca novamente com pujança em direcção à casa da aldeia.

15 INT                      QUARTO DOS PAIS CASA DA ALDEIA                      NOITE

Álvaro está deitado na cama, ainda sem sentidos, ladeado de Susana e Evaristo. Chegados da vila, Tomás, Alberto e o Médico irrompem pelo quarto, para alívio de Susana.

SUSANA

Dr. Martins! Salve o meu Álvaro  
por favor! Salve-o! Não sou nada  
sem ele!!

MÉDICO

Tenha calma Susana...afastem-se  
agora por favor, deixem-me  
trabalhar!

O médico procura sinais vitais em Álvaro mas não os consegue detectar e acaba por confirmar o óbito.

MÉDICO

Não respira...Não tem pulsação...

(engole em seco)

Está morto...não há mais nada a  
fazer...

O ambiente é de consternação geral e algum histerismo. Susana deita-se sobre o corpo do marido a chorar desalmadamente.

SUSANA

Álvaro!!

Não me deixes!!Ouviste?

Não me deixes!! Ordeno-te!!

Não me deixes...Proíbo-te!

...por favor...Álvaro!!!

Tomás e Alberto aproximam-se da mãe, puxam-na carinhosamente e abraçam-se a ela. Evaristo está abraçado a Júlia, também de pé, a chorar.

Alberto entra no seu quarto, de rosto fechado, e dirige-se à janela. Abre-a e contempla em silêncio a lua cheia e a montanha. O seu rosto começa a tremer. Alberto bem tenta segurar as lágrimas mas acaba por desatar, repentinamente, num choro convulsivo. Aproximamo-nos da montanha, à medida que a luz vai clareando.

FADE TO BLACK

FINAL PRIMEIRO EPISÓDIO

### SEGUNDO EPISÓDIO

17 EXT MONTANHA DIA

---

Começando num campo vazio, em plena montanha, vemos surgir uma automotora vermelha e branca, que corta a paisagem.

18 EXT CARRUAGEM COMBOIO DIA

---

Alberto está sentado num dos bancos de quatro lugares da composição que segue preenchida a metade. Não tem ninguém a ladeá-lo. Segue com um ar soturno, vestido de fato preto. Leva o jornal na mão mas vai passeando os olhos distantes pela paisagem.

ALFREDO (V.O.)

Quis Deus que o Alberto viesse para cá e chegasse cheio de mágoas. Se o pai soubesse o que ele vinha para cá fazer não se perdoava nunca por ter morrido.

Plano fechado na cara triste e pensativa de Alberto.

DISSOLVE

BACK TO SCENE

19 INT QUARTO PENSÃO MACHADO DIA

Alberto lava a cara e seca-a com a toalha. Põe a gravata e o blazer. Pega na mala e sai.

20 EXT CENTRO DE ÉVORA DIA

Alberto percorre sozinho as ruas do centro histórico de Évora em direcção ao Liceu.

21 EXT ENTRADA LICEU ÉVORA DIA

Alberto chega ao Liceu e um contínuo solicita-lhe a identificação.

CONTÍNUO

Boa tarde. Que posso fazer pelo senhor?

ALBERTO

Sou novo aqui. Venho para dar aulas, fui colocado cá.

CONTÍNUO

Se calhar o melhor é levá-lo ao senhor reitor.

ALBERTO

Com certeza, aproveito e apresento-me já.

CONTÍNUO

Sim senhor, vamos lá então. Venha comigo se faz favor.

Os dois seguem para dentro. O contínuo vai à frente. Alberto fica um pouco para trás e vai olhando à sua volta.

22 INT

CLAUSTROS LICEU ÉVORA

DIA

---

O contínuo bate à porta do gabinete do reitor, que está entreaberta. Perante a ausência de resposta, abre-a e lá dentro vê-se a cadeira vazia e um cão perdigueiro deitado junto a um maple preto.

CONTÍNUO

Se o canito aqui está é porque o senhor reitor também está. Deve

ter ido fazer alguma coisita mas  
decerto não demora.

ALBERTO

Não se preocupe, eu tenho tempo.

CONTÍNUO

Oh Senhor Professor, sente-se aí  
nessa cadeira, ele não deve  
demorar.

ALBERTO

Deixe estar, não se preocupe. Eu  
espero aqui fora, fumo um  
cigarrito enquanto espero.

CONTÍNUO

O senhor é que sabe, qualquer  
coisa estou lá fora na entrada.

ALBERTO

Obrigado, eu fico bem.

O contínuo sai. Alberto acende um cigarro e fuma-o calmamente, contemplando o jardim e o restante movimento do Liceu. Ao fundo começa a surgir um homem já com alguma idade, alto e vagaroso. Alberto segue-o com os olhos e vê-o dirigir-se a si.

REITOR

Boa tarde. É o senhor professor  
Alberto Soares?

ALBERTO

Sou sim, presumo que seja o senhor  
reitor.

REITOR

Presume muito bem. Venha, venha  
até ao meu gabinete.

O reitor segura a porta do gabinete, em sinal de cortesia. O  
professor entra mas fica de pé.

REITOR

Sente-se, sente-se. Não faça  
cerimónia!

Alberto senta-se. O reitor encosta a porta e dirige-se ao seu  
cadeirão. Pelo meio afaga o pêlo do cão.

23 INT

GABINETE REITOR LICEU ÉVORA

DIA

O reitor e Alberto estão frente-a-frente. O reitor está  
encostado à cadeira, relaxado. Alberto está hirto, como se  
estivesse desconfiado do interrogatório.

REITOR

Então Alberto...

desculpe, permite-me que o trate assim?

ALBERTO

Claro, não há problema nenhum. Chame-me Alberto senhor reitor.

REITOR

Pronto. Então diga-me, Alberto, onde deu aulas o ano passado?

ALBERTO

Em lado nenhum senhor reitor. Só fiz o serviço de exames em Coimbra.

REITOR

Então este é o primeiro liceu onde dá aulas a sério?

ALBERTO

Sim, pode-se dizer que sim. É o primeiro liceu em que ensino.

REITOR

Sim senhor...Se cumprir tudo o que lhe pedirmos, se for dedicado, vai ver que gosta de aqui estar. Os alunos não costumam dar problemas.

ALBERTO

Ainda bem.

O reitor faz então uma pausa e remexe o monte de folhas que estão em cima da secretária. Detém-se sobre um grupo de quatro ou cinco e ajeita-as, olhando novamente para Alberto.

REITOR

Ora Alberto, vamos lá ver então o seu horário e as suas cadernetas de serviço.

Alberto mantém-se em silêncio.

REITOR

As aulas a sério só começam daqui a quinze dias. Vai vigiar meia dúzia de exames antes disso. Tem aqui o papel com a listinha, tem os dias, as horas e as salinhas. Se quiser o contínuo mostra-lhe onde são.

ALBERTO

Muito obrigado senhor reitor.

REITOR

Vai ser bom para se ambientar com calma. Vai ver que isto é tudo boa gente.

ALBERTO

Ainda bem, ainda bem.

REITOR

Ótimo, é bom que esteja entusiasmado porque começa já esta semaninha com os exames da segunda época. Mas não vai ter dúvidas, está tudo aí direitinho na listinha com...

O reitor é interrompido pelo toque do TELEFONE que soa alto no gabinete. Antes de atender, o reitor olha para Alberto hesitante.

ALBERTO

Atenda, atenda. Não se preocupe.

O reitor acena com a cabeça em sinal de agradecimento e pega no telefone.

REITOR

Estou sim? Quem fala? Oh Doutor Moura!! Há quanto tempo?

(pausa)

Está tudo bem obrigado! Estamos quase a começar! E consigo? Como vai a vidinha? Muito trabalhinho?

(pausa)

Olhe...que grande coincidência...Já tive o prazer de o conhecer sim senhor...está aqui mesmo à minha frente!

(pisca o olho a Alberto)

Sim sim, eu digo-lhe eu digo-lhe, esteja descansadinho!

(pausa)

Sim senhor, sim senhor, depois falamos então...vá, um abraço, saúdinha!

Terminada a chamada, o reitor sorri para Alberto.

REITOR

Era o Doutor Moura, ligou a perguntar por si! Não sabia que se conheciam!

ALBERTO

Pois, acho que já nos conhecemos, mas eu ainda era pequeno. Segundo sei, era um bom amigo do meu falecido pai.

REITOR

Ah! Desculpe...os meus sentimentos.  
Não tive intenção de...

Alberto interrompe o reitor.

ALBERTO

Não faz mal, não se preocupe com  
isso.

REITOR

Bom, mas voltando ao Dr.  
Moura...ligou a pedir que lhe fale,  
diz que gostava de se encontrar  
consigo...deixo-lhe o número dele...

ALBERTO

Obrigado...e há alguma cabine  
pública aqui perto?

REITOR

Qual cabine pública senhor  
professor? Nada disso! Vá à  
secretaria e diga que quer usar o  
telefone. Agora o Alberto é da  
casa! Vá lá...por mim estamos  
conversados! Qualquer coisa que  
precise é só vir aqui falar  
comigo.

ALBERTO

Muito obrigado senhor reitor.

Vamos falando então. Dá-me  
licença?

REITOR

Dou com certeza. Pode ir Alberto.  
Vemo-nos por aí.

ALBERTO

Obrigado.

Alberto levanta-se e sai. O reitor permanece sentado e acende  
uma cigarrilha.

24 EXT

PRAÇA DO GIRALDO

DIA

---

Alberto passeia pela Praça do Giraldo, detendo os olhos na  
Livraria Nazaré. Vê a montra com atenção e segue o seu caminho  
rumo ao café Arcada. Primeiro espreita pelo largo vidro e  
depois entra.

25 INT

CAFÉ ARCADA

DIA

---

Entrado no café, o professor depara-se com uma azáfama de  
clientes, empregados, tabuleiros, fumarada e muito, muito  
barulho. Mesmo sem alguma vez o ter visto, Alberto procura o  
Dr. Moura olhando por entre as mesas do café. Sem o ver,  
dirige-se a uma mesa vazia, ao canto da sala, senta-se e

acende um cigarro. Pouco depois, um homem mais velho entra no café e põe-se a percorrer as mesas com o olhar, tal como Alberto havia feito pouco antes. Depois, dirige-se à mesa de Alberto, o único que estava sozinho no café e aborda-o.

DR. MOURA

Desculpe, por acaso é o Dr.  
Alberto Soares?

ALBERTO

Sou sim senhor.

DR. MOURA

Eu logo vi! O filho do grande  
Álvaro! O seu pai...que pena...os meus  
sentimentos, fomos grandes colegas  
e amigos na faculdade!

Lembro-me de si ainda pequenino,  
lá na vossa casa da  
aldeia...recorda-se?

ALBERTO

Lembro-me de algumas coisas mas  
ainda era pequeno...

DR. MOURA

Pois, o Alberto não se lembra de  
mim mas olhe que lá em casa estão  
sempre a falar de si!

Alberto arregala os olhos, surpreendido e ao mesmo tempo intrigado.

ALBERTO

Estão sempre a falar de mim?

Quem?

DR. MOURA

As minhas filhas! Já ouvi muitas vezes o seu nome lá por casa!

ALBERTO

Mas como? Não me lembro de as conhecer...também foram à casa da aldeia?

DR. MOURA

Oh amigo Alberto, que humilde você me está a sair. Então o senhor não tem uma veia de escritor?

Alberto sorri.

ALBERTO

Ahhh! Pois, escrevi uns livritos sim...é um passatempo!

DR. MOURA

Passatempo? As minhas filhas falam  
de si como um escritor, não! Como  
um pensador de referência!

ALBERTO

Oh, que exagero...

Alberto cora.

DR. MOURA

Vá, não quero envergonhá-lo!

Diga-me lá, que tal se está a  
ajeitar aqui em Évora?

Já conhece a cidade?

ALBERTO

Mais ou menos senhor doutor. Vou  
conhecendo. Vou indo aqui e ali e  
vou ficando a conhecer as coisas.  
Mas também não tenho pressa, vou  
ficar aqui pelo menos um ano  
inteiro a dar as minhas aulas se  
tudo correr bem...

Enquanto o diálogo prossegue vemos Alfredo olhar pelo vidro, em  
busca do Dr. Moura. Acaba por encontrá-lo e vai entrando.

DR. MOURA

Há-de correr se Deus quiser, há-de  
correr. Mas nem me fale em aulas...

Alberto recupera o ar intrigado.

ALBERTO

Porquê?

Moura sorri levemente, descansando o professor.

DR. MOURA

Esteja descansado Alberto, não é nada consigo!

É a minha filha Sofia, tem uma luta há anos com o Latim mas perde sempre...

ALBERTO

O Latim...há quem não se...

Alfredo aproxima-se da mesa e interrompe o diálogo. Vira-se primeiro para a câmara. O restante plano à sua volta congela.

ALFREDO

O bom Moura não faz ideia com quem se está a meter. Olha-se para este professor Alberto e parece um anjo. Um verdadeiro cordeirinho...Um sacana enganador!

Alfredo aproxima-se do Dr. Moura e pousa-lhe a mão no ombro.

ALFREDO

Então, tudo bem? Vim aqui dizer-  
lhe que o Chico está melhor.  
Passei agora lá por casa.

DR. MOURA

Ainda bem, então já não preciso de  
lá passar...

ALFREDO

Não é obrigatório mas se fosse a  
si dava lá um salto na mesma. Ele  
arma-se sempre em forte, acha-se o  
maior...ainda ontem estava todo  
partido e hoje já se pôs com  
politiquices e tretas da cultura...

Alfredo vira-se então para Alberto.

ALFREDO (CONTD)

Estou a ver que tem aqui um novo  
amigo...doutor...

ALBERTO

Alberto Soares. Prazer.

ALFREDO

Alfredo Cerqueira. Como está  
senhor doutor?

Dr. Moura interrompe o diálogo, virando-se para Alberto.

DR.MOURA

É meu genro.

ALBERTO

Marido de Sofia?

Alfredo e Moura sorriem cúmplices.

DR. MOURA

Não, não...marido de Ana...Tenho três  
filhas, a Sofia, a Ana e a  
Cristina, que é a mais pequenota.

(pausa)

Oh Alberto, que me diz a ir jantar  
lá a casa no fim-de-  
semana?...hum...sábado!Que me diz?

Alberto sorri tentando disfarçar o misto de surpresa e  
incómodo.

ALBERTO

Uhhh...hmmm...ok..acho que pode ser...

Dr. Moura dá uma palmada amigável no ombro de Alberto.

DR. MOURA

(irónico)

Ótimo, assim fica a conhecer a família toda e a família fica a conhecer finalmente o grande best-seller lá da casa!

Dr. Moura começa a rir sozinho. Alfredo acaba por acompanhá-lo. Alberto mantém-se sereno, indiferente.

26 INT

SALA ESTAR DR.MOURA

NOITE

---

Fim de tarde, início da noite. A luz foge no horizonte. As criadas andam de um lado para o outro com pratos, copos e talheres. Carregam toalhas, ouvem-se PANELAS. Prepara-se o jantar. Ana está sentada no sofá com a mãe. Enquanto a primeira lê, a segunda tricota. Cristina está no chão, com um vestido de folhos azul, a brincar com uma boneca de porcelana. Alfredo está junto à janela. Alfredo vira-se para a câmara.

ALFREDO

Quando estávamos no café,  
não achei lá muita piada a  
esta ideia de jantar.

O meu sogro é demasiado boa  
pessoa e não percebe que não se  
metem lobos num galinheiro.

(enquanto fala vai seguindo com  
os olhos um carro que se  
aproxima do portão)

Por falar em lobo...

Ouve-se tocar a CAMPAINHA, e ouvem-se também os PASSOS da criada. Alfredo continua à janela a ver Alberto à espera que o portão se abra. A criada aproxima-se do portão, abre-o, e, logo atrás, surge o Dr. Moura. Moura cumprimenta Alberto entusiasticamente. A criada fecha o portão e sai. Os dois seguem-na, rumo ao interior da casa, lado-a-lado, a conversar. Entram na sala de estar. Alfredo continua à janela mas vira-se para trás. Ana, Madame e Cristina levantam-se. Dr. Moura faz as apresentações.

DR. MOURA

Alberto, apresento-lhe a minha  
senhora.

Alberto vira-se para Madame e beija-lhe a mão.

ALBERTO

Muito prazer em conhecê-la.

Madame baixa o queixo em sinal de respeito.

MADAME

O prazer é todo meu.

DR. MOURA

Esta é a minha filha Ana,  
uma das suas grandes admiradoras  
aqui de casa.

Ana sorri maliciosamente.

ANA

Para mal dos meus pecados não é  
papá?

Dr. Moura fica corado e surpreendido.

DR. MOURA

Uh..ah...nada disso, sabes bem  
Que não é nada disso...

Alberto sorri e beija também a mão de Ana.

ALBERTO

Muito obrigado pela estima.  
É um prazer conhecê-la.

Dr. Moura vira-se para Cristina.

DR. MOURA

Esta é a nossa Cristininha,  
a nossa bébézinha...

Cristina cora e cerra os olhos com vergonha sem dizer palavra.  
Alberto afaga-lhe o cabelo.

DR. MOURA (CONTD)

Só falta a Sofia, a minha do meio...  
Nunca está, é sempre a mesma  
coisa, às vezes esta casa mais  
parece uma casa de  
hóspedes...desculpe Alberto!

ALBERTO

Não faz mal, senhor doutor.  
Não se preocupe. Sofia está  
por certo ocupada. Não levo a mal.

DR. MOURA

Desculpe...mas é sempre a mesma  
coisa...

Sofia entra na sala, com um vestido branco, justo e decotado.  
Alberto estremece e fita-a por instantes. Sofia vira-se para o  
pai.

SOFIA

Estava a falar de mim papá?

DR. MOURA

Estava claro, é sempre a mesma  
coisa. Chegou o senhor doutor,  
apresentei-lhe a família, e tu,

como sempre, não estavas aqui...

SOFIA

Oh papá, desculpe, não foi por  
mal, estava ás voltas com o  
maldito latim..

Dr. Moura fica embaraçado e levanta a voz irritado.

DR. MOURA

Sofia, não fales assim!!!

Chegas atrasada e ainda falas  
nesses modos...

Não sabes que aqui o doutor  
Alberto é precisamente professor  
de Latim?

Sofia, meia envergonhada, meia a sorrir, vira-se para Alberto.

SOFIA

Desculpe, não o quis magoar...

Começamos mal, culpa minha...perdoe-  
me...

(estende a mão a Alberto para que  
este a beije)

Sofia Moura, prazer.

ALBERTO

(beijando a mão de Sofia)

Alberto Soares. O prazer é todo  
meu.

DR. MOURA

Alberto, perdoe a minha filha, ela  
é inconsciente, não sabe o que  
diz.

Alberto sorri e olha para Sofia.

ALBERTO

Não há problema, até para mim por  
vezes o latim é maldito.

Dada a deixa, Sofia atira divertida.

SOFIA

Mas então como há no mundo, e  
ainda pior, como há aqui ao pé  
quem ensine tal coisa?

Dr. Moura vira a cara de repente, surpreendido e embaraçado,  
mas Alberto ri-se.

ALBERTO

Às vezes também me pergunto isso.  
Mas descanse, não sou um professor  
exemplar...A minha profissão não é  
nenhum bilhete de identidade...Foi a  
forma que encontrei de sair da  
iliteracia da aldeia...Assim posso

escrever os meus livros, os meus versos...são os meus vícios...para mim a arte não é uma invenção estúpida, não é um passatempo, não é vaidade...é a minha forma de me encontrar com as evidências, de ir à verdade das origens...

Sofia sorri ao de leve, atenta, tal como Ana, que se prepara para colocar uma questão.

ANA

Mas...

Alfredo interrompe-a, cortando-lhe a palavra e falando por cima.

ALFREDO

Ó senhor doutor. O senhor doutor vai ver que o Alentejo é...olhe, eu tenho uma herdade, ainda o vou lá levar...Vai ver...dois aninhos aqui e não quer outra coisa...dois aninhos!

O silêncio é geral. Alfredo olha em volta com um sorriso repuxado e ingénuo e o resto da família olha-o como se o achassem idiota. Entretanto aparece a criada, corada e suada.

CRIADA

Senhor Doutor, Madame, o jantar está pronto.

A mesa está cheia. Os convivas vão sendo servidos pela criada. Há um silêncio inicial, enquanto começam a comer a sopa, mas logo Ana interrompe a tranquilidade da refeição.

ANA

Li dois livros seus.

Publicou mais algum?

Todos os olhares da mesa se centram em Alberto.

ALBERTO

Não, mais nenhum.

ANA

Que se passou em si do primeiro  
para o segundo?

Parece que o seu deus também  
ressuscitou ao terceiro dia.

Irritado com a conversa, Moura interrompe de garfo em riste.

DR. MOURA

Não, não, não não não minha filha.

Hoje não me vais pôr a discutir.

(pousa o talher na mesa)

Oh Alberto, sabe, isto é comigo!

ALBERTO

Pensei que fosse comigo...

DR. MOURA

Não...é mesmo comigo. Sabe, eu sou religioso, creio em Deus, creio em

Cristo, no Papa, no dogma, acredito em tudo que me ensinaram.

E não perco mais tempo com isto.

Há um Deus lá em cima a tomar conta da minha vida e da minha morte e pronto. Assim fico com tempo livre para tomar conta dos doentes...

Perante esta resposta, Alberto e Madame sorriem. A criada retira as sopas, fazendo abrandar a conversa. Mas Sofia volta à carga, embora com mais leveza que a irmã.

SOFIA

Que lhe passa pela cabeça quando se põe a escrever?

ALBERTO

Boa pergunta...não sei bem, é um processo muito estranho. Às vezes sento-me e levanto-me porque não tenho nada para dizer. Não sei nada. Outras, às vezes até de madrugada, acontece-me levantar-me da cama a correr porque acordei sobressaltado com um pensamento e esqueço-me se não for logo pô-lo no papel...

ALFREDO

(interrompendo)

Oh Alberto, tem é que ir à herdade comigo, ver as laranjinhas! Gosta de fruta?

ALBERTO

Gosto...

ALFREDO

Ai as laranjinhas da Baía...nunca provou nada assim de certeza...os gominhos tão doces...mmmm...até dá para chupar o dedinho depois de a comer.

(chupa os dedos simulando que acabou de comer uma laranja).

Oh Sofiazinha, tu gostas tanto da frutinha da Baía não gostas?

Agora é Ana que interrompe e fala por cima do marido, irritada. Alfredo fica estupefacto perante a atitude da esposa.

ANA

Há uns versos no seu livro que me  
intrigam profundamente. Dizem  
qualquer coisa deste género: Do  
sangue nascem os deuses/que as  
religiões assassina/Ao sangue os  
deuses regressam/e só aí são  
eternos

Depois desta quadra, Dr. Moura pára de comer a sobremesa e dá um murro na mesa, que faz saltar o copo e não consegue esconder a sua raiva.

DR. MOURA

(com a face vermelha)

Ah não!!!Párem lá com os deuses e  
a religião! É possível comer  
sossegados? Deixem o Alberto  
sossegado e a mim também por amor  
de Deus!

Dr. Moura pega no guardanapo, enrolá-o e levanta-se da mesa, dirigindo-se para a sala de estar. Após uma breve troca de olhares, Madame quebra o gelo.

MADAME

Bom, o meu marido já nos indicou o  
caminho...senhor professor, vamos ao  
cafézinho ali na salinha?

Os restantes convivas levantam-se e Madame e Alberto ficam um  
pouco mais para trás. Madame agarra levemente o braço de  
Alberto e detém-no por instantes, dizendo-lhe em surdina:

MADAME

Deixe ver se percebi bem,  
O senhor doutor então não é  
crente?

ALBERTO

Exactamente minha Senhora. (sorri  
ao de leve)

Madame leva a mão à cabeça, em sinal de desilusão.

MADAME

Ai estes jovens de hoje, valha-me  
Nossa Senhora...

Madame segue então sozinha para a sala de estar. Alberto vai  
atrás, divertido.

28 INT

SALA ESTAR DR.MOURA

NOITE

---

A família Moura e Alberto estão na sala de estar a tomar café,  
quando de repente Chico entra na sala, deixando os Moura com  
largos sorrisos.

ANA

Chico!! Já estás bom? Afinal o que  
é que te aconteceu?

CHICO

Perguntem ao vosso pai!

DR. MOURA

(com ar paternal)

Enfim, aqui este malandro andava  
um bocadinho nervoso...às vezes  
cometem-se uns excessos, enfim...ele  
sabe, ele sabe..mas com juizinho  
vai ficar fino num instante!

De repente, Ana e Alberto trocam olhares. Ana vê o professor  
algo alheado e dirige-se a Chico.

ANA

Oh Chico, ainda não conheces aqui  
o professor Alberto! É novo na  
cidade!

Chico dirige-se a Alberto de mão estendida e e dá-lhe um  
aperto de mão com força.

CHICO

Muito prazer. Já li coisas suas,  
temos muito que conversar! Há  
tanto por fazer aqui!

ALFREDO

Ouve lá, ó Chico, como era aquela  
frase que disseste outro dia?  
"Anda a gente em cavalarias e mal  
se descuida põe-se logo a pensar  
na morte"...Não, não era  
assim...Queria dizê-la aqui ao  
doutor mas não me consigo lembrar...

ANA

(embaraçada com o marido)  
Bebe o teu café mas é. Anda lá,  
cala-te e não digas tolices!

ALFREDO

(stressado)

Lá estás tu a querer deixar-me  
ficar mal outra vez, que raio!

DR. MOURA

Bem, párem lá com isso..  
(vira-se para Cristina)  
Cristina, filhota, toca um  
bocadinho para o senhor doutor,  
toca!

Cristina cora, mas levanta-se do chão onde brinca com uma boneca e dirige-se para o piano. Senta-se ao piano, que é bem maior do que ela, ajeita o vestido e começa a tocar um NOCTURNO DE CHOPIN. Alberto fica estarecido, arrepiado. O

silêncio é geral. Quando Cristina acaba, ecoam palmas emocionadas de todos os presentes. Cristina levanta-se do banco, com as faces rosadas, e recebe desde logo os beijos dos pais e um abraço apertado da irmã Ana, que lhe segreda algo imperceptível ao ouvido. Alberto afaga o cabelo de Cristina e aproveita a oportunidade para se despedir.

ALBERTO

Bem, não acho que possa haver  
melhor momento do que este para me  
despedir...têm um prodígio aqui em  
casa...mas está a pôr-se tarde.  
(começa a cumprimentar os Moura)  
Madame, quando a sua filha  
precisar de lições de Latim falem-  
me, tenho todo o gosto...

De repente, Madame Moura, surpreendida, solta um largo sorriso.

MADAME

Oh senhor doutor...a sério?? Olhe  
que aceito já! Sofia, não  
agradeces ao senhor professor??

SOFIA

(sorrindo, vira-se para Alberto)

O Alberto não tem noção no que se vai meter...não sou má a Latim, sou péssima! Olhe que ainda vai a tempo de desistir!

ALBERTO

(sorrindo, emproado)

Não se preocupe, gosto de desafios. Mas já agora, por acaso não tem uma palmatóriazinha para ajudar?

(ri-se, divertido)

SOFIA

Ah ah...uma palmatória...olhe que se calhar até ajudava...

(sorri maliciosa)

A câmara vira-se para Alfredo, que está sentado ao fundo, no sofá. O professor continua as despedidas e sai entretanto.

ALFREDO

Isto promete. Ainda agora chegou e já faz olhinhos à maluca da Sofia e ainda para mais ela dá-lhe bola. Quem é que pensa que é? Este professor Alberto, com a mania que escreve baboseiras, com a mania que não tem deus...este pavão deve-se achar maior que Ele. Que Deus nos proteja desta criatura...

PLANO GERAL DA SALA.

FADE TO BLACK.

FINAL SEGUNDO EPISÓDIO

## TERCEIRO EPISÓDIO

29 INT \_ ESCRITÓRIO CASA DR.MOURA DIA

---

Alberto e Sofia estão em volta da escrivaninha rectangular. Alberto está de um lado, Sofia de outro. Sofia ensaia as declinações de latim.

ALFREDO (V.O.)

O professor Alberto chegou, viu e começou logo a fazer da suas. Veio de manso, vestido de cordeirinho, mas aos lobos vê-se a pele num instante...maldito jantar. Bem se vê que veio apostado em pôr bichos na cabeça da gente...maldito seja...

ALBERTO

Nominativo singular.

SOFIA

Filia.

ALBERTO

Plural.

SOFIA

Filiae.

ALBERTO

Muito bem.

Genitivo singular agora.

SOFIA

Filiae.

ALBERTO

Plural.

SOFIA

Fi...li...uum?

ALBERTO

(levanta a voz)

Não!!! FiliARUM!

SOFIA

(sorri)

Oooooops!

Sem perder o sorriso, Sofia fecha o caderno e olha Alberto nos olhos.

SOFIA

Porque é que a vida há-de mandar  
sempre em nós? Porque é que temos  
de ser sempre nós a obedecer?

ALBERTO

Oh Sofia...se cada um fizesse o que  
lhe apetece...

SOFIA

Mas então porque é que numa vida  
certa o verbo studeo tem de pedir  
dativo?

ALBERTO

Oh Sofia, mas o que é que queria  
fazer?

SOFIA

(olhando para o horizonte, séria)  
Sei lá...sei lá...

ALBERTO

Bem, então enquanto não descobre  
vamos lá voltar ao latim. Outra  
vez.

Nominativo singular.

SOFIA

Filia.

ALBERTO

Plural.

SOFIA

Filiae.

ALBERTO

Certo. Genitivo singular agora.

SOFIA

Filiae.

ALBERTO

Plural.

SOFIA

Fi...li...am?

ALBERTO

(irritado)

Chega Sofia!!

Chega!! FILIARUM!!! Você sabe  
perfeitamente!! Não quer é dizer!!

Está farta de gozar comigo e com  
isto tudo!

SOFIA

(em crescente nervosismo)

Gozar??Eu?? Não diga asneiras!  
Faça um esforço, um esforçozinho  
só para pôr as regras de lado um  
bocadinho...as regras e as  
excepções! Se calhar só assim é  
que vai perceber que há dias em  
que eu tenho de não poder saber!!  
E não sei, não sei, não sei e não  
sei! Não me pergunte porquês! Não  
sei!

Sofia, quase a chorar, sai do escritório a correr. Logo de  
seguida, aparece aflita a Madame à porta, perante a  
estupefacção de Alberto.

MADAME

Desculpe senhor doutor. Mil  
desculpas. Ela não sabe o que  
faz...Ela não fez por mal.

ALBERTO

(fala enquanto mete os papéis da  
lição na pasta)

Mas desculpa porquê minha senhora?  
A Sofia hoje não está muito bem-

disposta...temos todos os nossos  
dias maus...

Alberto levanta-se, beija a mão de Madame e vai-se embora.

30 INT                      \_                      QUARTO ALBERTO PENSÃO MACHADO                      DIA

Alberto está na casa de banho a acabar de fazer a barba. Batem à PORTA. Alberto pega na toalha e enxuga o rosto. Ajeita o cabelo e dirige-se à porta. É Machado, que não está com cara de muitos amigos.

MACHADO

Doutor, está ali uma senhora à sua procura.

ALBERTO

Uma senhora?

MACHADO

É a filha do doutor Moura, um grande amigo meu, uma pessoa de bem...O doutor sabe que esta casa é de respeito...

ALBERTO

(indignado)

É melhor ficar por aí senhor Machado. Isto é algum convento? Não pode vir aqui uma senhora?

MACHADO

(com sinais de arrependimento)

Nada disso, senhor  
doutor...obviamente que não é nenhum  
convento...

ALBERTO

Está melhor, parece que nos  
começamos a entender.

Machado vira costas e sai a grunhir sons imperceptíveis. Ao fundo do corredor surge Sofia. Alberto encosta a porta do quarto e sai para o corredor.

---

31 INT                      \_                      CORREDOR PENSÃO MACHADO                      DIA

ALBERTO

Sofia!

SOFIA

(admirada, em voz baixa)

O que é que fez ao senhor Machado?  
Passou por mim com cara de quem  
tinha visto o demónio!

ALBERTO

Ficou todo indignado por cá  
vir...Veio-me com uma conversa de  
que esta casa é de respeito e que  
é muito amigo do seu pai!

SOFIA

(a rir)

Amigo do meu pai? Ahah! O meu pai  
bem que se ri dele. Enfim, o homem  
também faz parte das Conferências  
de São Vicente de Paula como o  
papá. Mas não vamos ficar aqui a  
dizer mal dele!

ALBERTO

Vamos dizer mal então para onde?

SOFIA

Eu não vou para lado nenhum...você é  
que vai...o meu pai está lá em baixo  
à sua espera!

ALBERTO

(subitamente sério)

Sofia...

SOFIA

(agarra o braço de Alberto)



Já está cá há tempo suficiente  
para conhecer um bocadinho mais da  
terra. Mas se ainda não o fez por  
vontade própria eu vou dar-lhe um  
empurrãozinho...acompanha-me na  
consulta?

ALBERTO

Acompanho, não vejo nada de mais  
aliciante para fazer.

DR. MOURA

Óptimo, então sente-se ali do  
outro lado e vamos que já não se  
faz cedo.

Alberto desloca-se para a porta do passageiro, abre-a e com  
alguma dificuldade lá consegue entrar no pequeno Fiat. Moura  
acaba o cigarro e atira-o discretamente para o chão, liga a  
ignição e arrancam para fora da Praça, pela Avenida Barahona.

33 EXT

— ESTRADA REDONDO

DIA

O pequeno Fiat atravessa as linhas férreas e a cidade vai  
ficando para trás qual postal ilustrado. O carro sobe para um  
alto e pára. Moura e Alberto saem do carro.

DR. MOURA

Veja professor, tão serena e tão  
triste...

ALBERTO

É bonito, nunca tinha visto Évora  
assim...

DR. MOURA

Parece tão aberta...mas há lá tantos  
segredos...

ALBERTO

(intrigado)

Como assim?

DR. MOURA

Com o tempo vai-se aperceber  
disso...E acredite no que lhe  
digo...as maiores casas escondem os  
maiores segredos...mas vá...vamos indo  
mas é que estou a ficar atrasado...

Os dois voltam a entrar no carro. Alberto está com um ar pensativo. O carro volta a arrancar estrada fora, perdendo-se no horizonte.

34 INT

CARRO DR. MOURA

DIA

---

Enquanto conduz estrada fora, Moura puxa conversa com Alberto.

DR. MOURA

Oh Alberto, a minha esposa disse-me que Sofia lhe está a dar que fazer...

ALBERTO

Oh, é exagero...é uma aluna normal...

DR. MOURA

O Alberto é boa gente...sei muito bem que a minha filha é tudo menos normal...é preciso ter muita paciência...

ALBERTO

É o pão-nosso de cada dia quando se é professor...

DR. MOURA

(irónico)

Pão-nosso? Converteu-se e não me disse nada?

Eheh! Mas agora a sério...sabe que a Sofia desde pequena que não tem sido uma filha nada fácil...Houve uma vez em que fez uma à mãe que ela nunca mais esqueceu...

ALBERTO

Então?

DR. MOURA

Tinha para aí 7 anos...Tinha estado a tarde toda a brincar lá no pátio, ficou toda suja, rasgou o vestido...e nessa noite tínhamos um jantar com visitas lá em casa...uma coisa fina...

ALBERTO

(com ar interessado)

Hm hm...

DR. MOURA

Então a minha senhora, como é óbvio, vestiu-a com uma roupinha lavada, mas arranjadinha...e não é que à hora do jantar, quando já toda a gente estava à mesa, ela nos aparece na sala com o vestido todo roto e sujo que tinha usado à tarde?

Alberto esboça um sorriso mas logo se detém, para não criar celeuma ao médico.

ALBERTO

Que peste!

DR. MOURA

Peste? Estamos a falar da  
Sofia...claro que não podia ficar só  
por aqui!

ALBERTO

Ah! A história tem continuação?

DR. MOURA

Ah tem tem! A mãe puxou-a por uma  
orelha, deu-lhe um valente ralhete  
e ela caladinha...mandou-a para o  
quarto e ela caladinha...quando  
depois de jantar foi vê-la...ela  
simplesmente não estava...tinha  
desaparecido...chamamos a Guarda, a  
Polícia, ligamos para hospitais,  
estações de comboio e  
camionetas...nada! Apareceu na tarde  
do dia seguinte outra vez  
calada...só disse que tinha passado  
a noite em cima de uma chaminé de  
um forno abandonado...Ai a minha  
rica filha...que diabo!

ALBERTO

É natural...quando somos crianças,  
fazemos todos asneiras...

DR. MOURA

Natural? A minha filha é tudo menos natural! Acha natural? Então olhe mais esta...outra vez, prendeu um nastro ao braço e ficou sem circulação...quando reparei já tinha o braço todo roxo, da falta de circulação...quando lhe disse que podia ter perdido o braço todo à csuta da brincadeira a catraia ainda se pôs a rir...aquilo não é uma mulher, é um bicho!

Alberto tenta minimizar a situação.

ALBERTO

Quando somos crianças não temos noção das nossas acções...das consequências...

DR. MOURA

Pois, mas de certeza que o seu falecido pai - que Deus o tenha - não recebeu nunca um filho de volta de um colégio interno, expulso por se tentar matar duas vezes...

Alberto engole em seco.

ALBERTO

(surpreso)

A Sofia tentou matar-se??

DR. MOURA

Aos doze anos...aos doze anos...enfim,  
ela devia mas é casar-se a ver se  
assentava numa vez...

Alberto cora. Ao reparar, vira-se discretamente para a janela,  
para Moura não se aperceber.

ALBERTO

Oh, até pode não ter nada a ver  
com casamento...

DR. MOURA

Oh Alberto, eu digo-lhe uma  
coisa...às vezes gostava de não ser  
médico, mas infelizmente sou...e vou  
sabendo umas coisas...

ALBERTO

Mas o que é que a fisiologia tem a  
ver com os sonhos numa pessoa?

DR. MOURA

Alberto, seja lá razoável...quando o  
corpo está tranquilo, os sonhos  
também são mais tranquilos...

Entretanto, Moura vê ao fundo um homem a acenar-lhe numa pequena povoação situada num monte.

DR. MOURA

Parece que me estão a dizer adeus...

ALBERTO

É um senhor de idade...pelo menos parece...

DR. MOURA

Que raio...não me dão descanso...

Moura encosta o carro à berma e abre o vidro. Bailote aproxima-se com um ar carregado. Moura reconhece-o. Bailote tira a boina em sinal de respeito.

DR. MOURA

Você outra vez? Então o que é que se passa agora?

BAILOTE

Eu sabia que o senhor doutor ia ali à dona Alzira e deixei-me ficar aqui à espera que passasse...

DR. MOURA

Mas então desembuche...que se passa?

Bailote baixou os olhos e fitou Alberto como quem procura perceber se pode confiar um segredo. Depois voltou a levantá-los sem perder o ar abatido e cabisbaixo.

BAILOTE

Oh...é que agora, na altura da sementeira...o senhor Arnaldo, meu patrão, virou-se para mim e disse: "Ó Bailote, tu já não tens a mesma mão para semear...". Sabe senhor doutor, é que eu tive sempre uma mão funda, grande, como um cocho de cortiça (acompanha a explicação com gestos). Metia a mão no saco e ela vinha cheinha de sementes...atirava-as à terra e crescia tudo pequitinho... Agora o patrão diz que eu já não tenho mão...

Bailote abre a mão calejada e mostra-a a Moura e Alberto. Moura sorri de forma cúmplice para Alberto e volta-se novamente para Bailote.

DR. MOURA

Olhe homem, tem que fazer ginástica aos dedos. Assim (Moura exemplifica)

Bailote mantém o ar de lamento.

BAILOTE

Tenho feito senhor doutor. Tenho  
feito muita ginástica. Mas o  
patrão diz que eu já não tenho  
mão...Olhe senhor doutor, isto já  
não parece uma mão de um homem?

DR. MOURA

Oh homem, mas então que quer que  
eu lhe faça?

BAILOTE

(desesperado)

Dê-me um remédio...dê-me um  
remédiazinho que me dê a mãozinha  
de volta...

Moura, com ar paternalista, toca o braço de Bailote, não o  
levando muito a sério.

DR. MOURA

Vá, passe muito bem, a Dona Alzira  
está à minha espera. Até um dia  
destes!

Moura põe o motor a trabalhar, fecha o vidro e seguem viagem  
monte acima.

35 EXT

MONTE - ESTRADA REDONDO

DIA

O carro de Moura chega a uma casa isolada num monte. D.Alzira  
está no alpendre, vestida de preto, com a mão no rosto a tapar

o sol e a tentar aperceber-se se é o médico que aí vem. Moura sai do carro, Alberto fica. Alzira saúda efusivamente o Dr. Moura.

ALZIRA

Oh senhor doutor, abençoado seja!  
Que Deus lhe dê tudo de bom!

DR. MOURA

Então D. Alzira? A que se deve tanta alegria? Quem a viu e quem a vê!

ALZIRA

Oh senhor doutor..um milagre!! O remédiozinho que me receitou pôs-me rija num instante! Sinto-me nova!

DR. MOURA

(a rir orgulhoso)

Ainda bem! Mas não abuse, olhe que já não tem idade para andar aí de sachola na mão como quando tinha 20 anos...

ALZIRA

Oh senhor doutor...eu bem sei, mas  
quem me dera poder estar  
quietinha...as reformas agora são  
migalhas, tantos e tantos anos a  
trabalhar de sol a sol para agora  
receber migalhas...que Deus Nosso  
Senhor me dê saúde e de comer...não  
peço mais nada...

DR. MOURA

Pronto, já vi que está melhor.  
Sendo assim vou-me pôr a caminho  
que tenho outros assuntos para  
tratar. Passe bem!

(curva ligeiramente a cabeça em  
sinal de respeito)

ALZIRA

Vá com Deus senhor doutor, vá com  
Deus! Muito obrigadinha!

Moura volta costas e dirige-se para o carro. Alzira fica no alpendre, de pé, a acenar radiante. Moura responde-lhe com outro aceno, entra no carro, onde está Alberto a abanar-se com calor e arranca.

36 EXT

ESTRADA REDONDO

DIA

---

No caminho de volta, Alberto avista um aglomerado de gente no monte onde Bailote os tinha interpelado.

ALBERTO

(intrigado)

Tanta gente...não foi ali que  
falhamos com o velhote há bocado?

DR. MOURA

Foi...realmente é estranho...

O carro aproxima-se. A visão de Moura e Alberto está tapada pela gente que está em roda do sobreiro. Moura pára o carro e sai. Desta vez, também Alberto sai do carro, curioso. Quando conseguem ver para além do círculo gerado em torno da árvore, percebem que Bailote se enforcou.

Moura engole em sêco, está com um ar triste mas sereno. Alberto regressa ao carro em choque, silencioso.

Moura dirige-se aos populares.

DR. MOURA

Podem cortar-lhe a corda...Não é  
preciso prolongar esse triste  
espectáculo...chamo os Bombeiros e o  
delegado de saúde no caminho para  
a cidade..alguém que tape o  
homem...dêem-lhe ao menos um  
bocadinho de dignidade.

Moura reentra no carro, onde já está Alberto, mudo e alheado. O professor fita o horizonte, em silêncio absoluto, aterrorizado com aquela experiência.

É fim da tarde. Alberto procura Chico na sua casa. Bate à porta mas só à segunda tentativa o engenheiro a abre. Aparece de roupão e com um cigarro na boca, surpreso por ali ver o professor.

CHICO

Dr. Alberto? O que faz por aqui?

ALBERTO

Vim vê-lo...não me lembrei de mais  
nenhum sítio...preciso de falar...

CHICO

Entre lá homem...que Diabo de bicho  
lhe mordeu? Entre...

Alberto acede e entra, em silêncio, ainda abalado com o episódio de Bailote.

Enquanto entra no quarto, Alberto vai falando com Chico.

ALBERTO

Já o tinha procurado na repartição  
e no café do costume, mas nada  
feito...por isso é que aqui vim.

Chico senta-se atrás da secretária, refastelado.

CHICO

(intrigado)

Mas que cara de enterro é essa?

Morreu alguém?

Alberto não consegue disfarçar o incômodo com a pergunta, mas desvia o assunto.

ALBERTO

Está a ser um dia mau, só isso...vim cá porque quero perceber bem o que quer de mim lá quanto às tais conferências...com jeitinho pode ser que alinhe...

CHICO

Pois, já estive a tentar perceber o interesse dos senhores da Harmonia em ouvir coisas novas...Mas se não vai falar de cortiça nem de adubo não me parece que se entusiasmem muito...

ALBERTO

Vão gostar de certeza...vou falar-lhes de uma coisa nova, uma grande descoberta!

CHICO

(irónico)

Descoberta? Ui, então não é nada  
para a Harmonia, vá mas é logo à  
Academia de Ciências!

Alberto lança um sorriso amarelo a Chico. Faz uma pausa e  
acende um cigarro. Respira fundo e volta à carga.

ALBERTO

A minha descoberta é para toda a  
gente. Nem é bem uma  
descoberta...vá, pode ser uma  
descoberta, mas é mais descobrir  
uma aprendizagem...

Chico sorri mais uma vez com ar de gozo e recosta-se na  
cadeira, para ouvir mais mas batem à porta. Chico levanta-se  
para a abrir e regressa pouco depois, na companhia de  
Carolino, seu primo. O também aluno de Alberto fica um pouco  
embaraçado com a presença do professor.

CAROLINO

Boa tarde senhor professor. Vinha  
aqui ao meu primo mas já me vou  
embora, é um instantinho...

CHICO

Podes ficar pá. O doutor não se  
importa! (vira-se para Alberto)

É meu primo Alberto.

ALBERTO

Ah, coincidência engraçada, aqui o  
seu primo é meu aluno de  
Literatura.

CHICO

(para Carolino)

Bem rapaz, passei no Redondo para  
falar com o teu pai mas ele não  
estava...só estava a tua mãe e ela  
não acreditou muito na tua  
história de precisares de mais  
livros...Mandou o dinheiro na mesma  
mas não foi muito na cantiga...

Carolino entrega algumas notas a Carolino, que cora de forma  
acesa. Chico volta para trás da secretária e senta-se  
novamente. Acende mais um cigarro e volta-se para Alberto.

CHICO (CONTD)

Pronto Alberto, já podemos voltar  
à nossa conversa...continue lá a  
contar-me a sua grande descoberta!

ALBERTO

A descoberta que quero propôr na  
Harmonia é muito diferente das

ciências e das coisas...é difícil  
até para mim...mas diga lá, soube do  
homem que se enforcou?

CHICO

O Moura já me contou...

CAROLINO

(excitado)

Que foi? Que foi?

CHICO

Não foi nada que tenha piada...Aqui  
o teu professor e o Dr. Moura  
foram ver uma doente...passaram por  
um velho que se queixou que já não  
tinha mão para semear...e quando  
voltaram o homem estava pendurado  
num sobreiro...morto...coitado...

Alberto está em silêncio, a tremer ligeiramente, agoniado com a conversa. Puxa de um cigarro e acende-o, demorando a apontar bem o isqueiro.

ALBERTO

(com ar sério, convicto)

O problema nestes casos é a  
surpresa que nos esmaga assim.  
Devíamos ser capazes de aceitar,  
de estreitar os laços entre a vida  
e a morte, perceber bem o que são  
uma e outra...Acho que o homem não

sabia que estava a ser destruído  
por um milagre...mas eu, feliz ou  
infelizmente, sei...

CAROLINO

(interessado)

Como é que se sabe senhor doutor?

ALBERTO

(entusiasmado)

Olha, já experimentaste assim à  
noite, quando está tudo calado à  
volta, falar em voz alta? Porque é  
que achas que isso nos assusta?

Chico ajeita-se na cadeira, à procura de maior conforto, ouve  
atento mas em silêncio.

CAROLINO

Nunca fiz isso senhor doutor...

ALBERTO

Faz...experimenta, e vais ver que  
tenho razão.

CAROLINO

Vou fazer..mas diga-me o que se  
sente...diga lá...

ALBERTO

Tens que experimentar para perceber bem. Mas pronto, eu digo-te...vais ver que o quarto vai estar morto, os livros vão estar mortos...e tu vais estar vivo...vais sentir vertigens...porque só vais estar ali tu, mais vai-te parecer que está ali um fantasma...

Chico esboça um sorriso de gozo, mas mantém-se em silêncio.

CAROLINO

(intrigado)

Um fantasma??

ALBERTO

Sim, um fantasma...o teu fantasma.

Vais estar sozinho mas vai parecer-te que está mais alguém ali contigo. Vais perceber que tu és tu, mas que és muito mais do que pensas e...

Subitamente o TELEFONE toca e Alberto cala-se. Chico levanta-se da cadeira e vai atender.

CHICO

Estou? Sim..sou eu...Não, nada disso...Os alicer...não! Pois, porque é que não fez como lhe tinha dito? Oh! Os alicerces é que ficaram

mal! Vá, depois diga alguma coisa  
homem! Sim, sim...vá, pronto, boa  
tarde.

(vira-se para Alberto)

Desculpe professor, era do  
trabalho.

ALBERTO

Não faz mal, não se preocupe.

CHICO

Mas continue...continue lá a contar..

ALBERTO

(vira-se para Carolino)

Vou-te contar uma história a ver  
se percebes melhor...Quando era mais  
pequeno, um dia...estava na casa da  
aldeia com os meus pais e os meus  
irmãos...numa noite de Verão estava  
tanto calor que estávamos todos cá  
fora a ver as estrelas...a certa  
altura a minha mãe pediu-me para  
ir buscar uma manta ao quarto,  
estava um vento chato...lá fui eu...a  
porta estava aberta...não liguei a  
luz porque estava lua cheia e via-  
se mais ou menos...então fui  
procurar a manta e baixei-me para  
a pegar...quando me ia a levantar...vi

que estava mais alguém no quarto...dei um berro que estremeceu a casa toda, e desatei a correr nem sei bem para onde...claro que veio toda a gente ter comigo e eu só gritava que estava um ladrão lá em casa...o meu pai pegou na caçadeira, a minha mãe num candeeiro e fomos todos ao quarto...ligaram a luz, viram tudo muito bem...e a certa altura o meu pai começou a rir-se sozinho...então mandou-me pôr em frente ao espelho do quarto dele e olhar...o que eu tinha visto não era um ladrão...era eu próprio...reflectido no espelho...

Carolino ri-se com ar de troça.

CAROLINO

E então? Qual é a moral da história?

ALBERTO

(irritado)

Não percebes? Não há moral nenhuma...O que eu vi ali no espelho, naquela altura, é que não estamos sozinhos. Somos muito mais do que achamos que somos...às vezes até estranhamos ver-nos, porque na verdade somos muito maiores do que

pensamos...o problema é só termos  
dois olhos e às vezes nem com  
esses vemos direito.

Carolino olha para o professor mas não reage, como se estivesse petrificado com um nó na cabeça. Chico reage com modos rudes.

CHICO

Oh professor, isso não é uma  
descoberta, é voltar à Idade da  
Pedra...

ALBERTO

(intrigado)

Porque é que diz isso homem?

CHICO

Porque o Homem já sabe que existe  
há muito tempo, não é novidade  
nenhuma...

ALBERTO

É mentira...mas mesmo que o soubesse  
há muito tempo, hoje não me parece  
que saiba...se sabe, disfarça muito  
bem...

Chico levanta-se da cadeira, com ar emproado.

CHICO

A única coisa que o homem tem de  
saber hoje em dia é que tem  
direito a comer...toda a gente tem  
direito ao pão.

ALBERTO

(indignado)

Mas quem é que disse que o homem  
deve passar fome? Eu não fui de  
certeza! Mas agora só se pensa na  
economia, não se pensa em mais  
nada...parece que já não somos  
homens, somos máquinas de calcular  
ou caixas registadoras. O meu  
humanismo não é só pão na mesa...é  
consciência.

Carolino continua petrificado e o primo repara e decide  
interpelá-lo.

CHICO

Oh Carolino, o que é que achas  
disto tudo? Desempata lá.

Carolino arregala os olhos e endireita as costas, como se  
fosse começar um discurso. Alberto senta-se num banco que está  
atrás de si.

CAROLINO

Eu acho bem. Aliás, já muitas  
vezes estava lá em casa...e pus-me a

pensar como é que devia ser uma  
galinha a pensar...o que é que o  
raio do bicho sente?

CHICO

Uma galinha??

CAROLINO

Sim, uma galinha...e aquilo do  
espelho...também já me pus a pensar  
nisso uma vez ou outra...quando nos  
pomos a fazer caretas em frente ao  
espelho parece que não somos só  
nós...parece, sei lá, que estamos a  
ralhar connosco ou a chamar  
palhaço a outro tipo qualquer...mas  
nunca falei em voz alta sozinho no  
escuro...

Por momentos, Alberto e Chico ficam em silêncio, a fitar  
Carolino, que se sente intimidado.

CAROLINO

Que foi??Estão a olhar assim  
porquê? Não sou nenhum maluco!!

De repente, Chico perde o ar sério e explode de riso.

CHICO

Com que então uma galinha!!! Oh  
Carolino...

O primo reage mal, vermelho de raiva e irritação.

CAROLINO

Eu não sei qual é a piada. Tanta gente que pensa "e se eu fosse um cão? E se eu fosse uma galinha"? Uma galinha tem um olho para cada lado, tem um bico, dorme empoleirada num pau e não cai...já pensaste que ela pode ter uma forma diferente de ver o Mundo só por ser assim?

CHICO

(sorri de troça)

Pronto pronto Carolino...não te chateies...temos muitas galinhas por perto para depois conversares...agora vê mas é se não gastas o dinheiro dos livros no que não deves...e deixa lá a galinha...pensa numa vaca...só para variar!

(ri alto, sozinho)

Alberto mantém a seriedade, quebrada por novo toque do TELEFONE de Chico. O engenheiro tira novamente as costas da cadeira, endireita-se na secretária e atende.

CHICO

Estou? Sim...não, não me esqueci...estou só um bocadinho atrasado...tenho aqui visitas...ainda cá estão...o professor Alberto e o Carolino...Sim, sim, não te preocupes, já vou. Vá, até já.

Chico pousa o telefone e vira-se para Alberto.

CHICO

Com a história da galinha...esqueci-me que tenho uma cabidela em casa dos Cerqueiras...

Alberto levanta-se e prepara-se para sair.

ALBERTO

Já vão sendo horinhas de ir então.

CHICO

Já vão sendo horinhas já...Também tenho de me pôr a andar.

Alberto e Chico encaminham-se então para a porta do quarto. Carolino segue-os, cabisbaixo, em silêncio.

O sol está a pôr-se. Alberto e Carolino saem, Chico sai por último e bate a porta. Chico dá um aperto de mão a Alberto e estende a mão ao primo, que a aperta com leveza.

CHICO

Então Carolino, amuaste?

CAROLINO

(voz baixa)

Não, não...

CHICO

É que não parece...vá, tenho mesmo  
de ir...vemo-nos por aí!

Chico toca o ombro de Alberto em sinal de companheirismo e dá um pequeno cachaço a Carolino, que levanta ligeiramente a mão, despedindo-se sem vontade. Chico vai-se embora e Alberto e Carolino permanecem à porta de casa do engenheiro. Alberto interpela Carolino, que continua de face fechada.

ALBERTO

Vais para casa Carolino? Onde é  
que moras?

CAROLINO

Vou...moro na Rua da  
Mouraria...porquê?

ALBERTO

Faço-te companhia então...Não tenho  
nada para fazer, assim damos uma  
volta aqui pelo centro, fico a  
conhecer mais qualquer coisa...

Carolino fica em silêncio, não responde ao professor, e põe  
pés ao caminho. Alberto encolhe os ombros e segue-o.

40 EXT

CENTRO HISTÓRICO ÉVORA

NOITE

---

Carolino caminha alguns metros em silêncio, a simular pontapés  
nas pedras, até que reergue a cabeça, pára por momentos e  
questiona Alberto.

CAROLINO

O senhor professor acha que o que  
eu disse foi assim tão estúpido?

ALBERTO

Não Carolino, não é nada  
estúpido...aquilo que disseste não  
tem nada de estúpido...olha, quando  
eu era mais pequeno, senti uma  
coisa parecida com um cão...e com um  
gato...parecia que eram começos de  
pessoas...o cão chamava-se  
Mondego...mas o António matou-o.

CAROLINO

Quem era o António?

ALBERTO

Era um criado...

CAROLINO

Ah...mas por acaso lembrei-me agora  
que já experimentei outra coisa!

ALBERTO

Que coisa?

CAROLINO

Não sei muito bem explicar...é do  
estilo mastigar as palavras...

ALBERTO

(franzindo o sobrolho)

Mastigar as palavras?

CAROLINO

É...por exemplo, se dissermos pedra,  
madeira, estrelas...ou qualquer  
coisa assim do género...e  
repetirmos...pedra, pedra,  
pedra...muitas muitas vezes...depois,  
pedra já não quer dizer nada!

Alberto sorri enternecido com a descoberta de Carolino. Afagasse o ombro como que exaltando o seu feito, com um ar paternal.

ALBERTO

Oh Carolino, diz-me lá, quantos anos tens?

CAROLINO

Dezassete senhor professor.

ALBERTO

E gostas de escrever e fazer versos ou coisas assim?

CAROLINO

Nunca fiz nada disso...Não sou muito de escrever...Eu gosto é de pensar!

ALBERTO

Mas percebeste o que te quis dizer?

CAROLINO

Sim...acho que sim, acho que percebi tudo!

(sorri)

Vou pensar muito nisso, olhar bem  
para mim, ver-me com olhos de ver,  
sentir-me bem de dentro para  
fora...descobrir quem sou de  
verdade.

Alberto sorri. Aproximam-se a passos largos da Praça do  
Giraldo.

ALBERTO

Vá, pensa então nisso que eu agora  
tenho de ir ali à Nazaré...e vê se  
não deixas de estudar a lição!

CAROLINO

Sim senhor professor, não se  
preocupe!

ALBERTO

Eu não me preocupo Carolino...não  
quero é que depois fiques  
preocupado com a tua nota!

CAROLINO

(com ar sério)

Não senhor professor, não vai ser  
necessário. Tenha uma boa noite.

ALBERTO

Boa noite para ti também. Vemo-nos  
no liceu. Juízo!

Os dois seguem caminhos diferentes. Alberto segue para a Praça do Giraldo, Carolino para a Rua da Mouraria.

41 EXT PRAÇA DO GIRALDO DIA

Um jeep surge na Praça do Giraldo, sujo de pó, com Alfredo Cerqueira ao volante. Pára para duas velhotas atravessarem a rua, com sacos de sarapilheira nas mãos.

42 INT JEEP ALFREDO DIA

Enquanto as velhotas atravessam a estrada, Alfredo vira-se para a câmara.

ALFREDO

Ando a ficar farto deste  
"professor Alberto". Primeiro  
escreveu a porcaria dos livros,  
depois veio para cá atazanar-nos o  
juízo ao jantar e agora vem com  
balelas de galinhas para cima da  
cachopada...Que não se ponha a pau,  
que um dia destes ainda lhe tiram  
a tosse...e as filosofias...Eu ach...

Alfredo é subitamente interrompido pelo barulho de uma buzina atrás de si. Alfredo olha para o retrovisor e vê um carro parado atrás à espera que retome a marcha.

Alfredo abre o vidro até meio, coloca o braço fora da janela como que a pedir desculpas, volta a fechar o vidro e prossegue a marcha, virando à esquerda para a Rua da Selaria. Aí vê Alberto a dar um pedaço de pão a um cão velho.

ALFREDO

Fala-se no Diabo...

Alfredo abre o vidro e coloca o cotovelo na porta, dirigindo-se ao professor.

ALFREDO

Oh se não é o grande professor  
Alberto Soares em acção de  
caridade!

Alberto volta-se para o carro, apercebe-se que é Alfredo e esboça um sorriso incomodado.

ALBERTO

Olá Alfredo, então tudo bem?  
Estava aqui a dar uma buchazita ao  
bicho, passo por ele todos os  
dias, mete pena de tão velho que  
está...

ALFREDO

Muito bem...faz você muito bem.

(sorrindo com ironia)

Qualquer dia ainda aparece nos  
candidatos ao Nobel dos  
animaizinhos! Ontem era a galinha,  
hoje é o cão..

Mas agora mais a sério, vai para o  
Liceu?

ALBERTO

Sim, por acaso vou!

ALFREDO

(abre a porta do passageiro por  
dentro)

Então entre aí que eu deixo-o lá!

Alberto não responde e acaba por entrar no carro em silêncio.  
Alfredo arranca. Depois de alguns segundos a olhar a paisagem,  
Alberto vira-se para Alfredo.

ALBERTO

Então já sabe da galinha..

ALFREDO

(a rir)

Sim, já há muito tempo que não me  
ria assim!Aquele Chico tem cada  
uma...

ALBERTO

Grande galhofa estou a ver...

ALFREDO

(sério)

Não...nem lhe passa pela cabeça o 31  
que se armou lá em casa do  
doutor...A Sofia começou a discutir  
com o Chico...a minha mulher estava  
caladinha mas depois também meteu  
a sua colherada...primeiro que  
aquilo sossegasse...e eu é que pago  
sempre...tentava acalmar aquilo e só  
me mandavam estar calado...e eu  
pronto, lá me calava...a guerra não  
era minha!

ALBERTO

(intrigado)

Mas afinal, riram ou discutiram?

ALFREDO

Oh, o único que se riu fui  
eu...Aquele Chico, enfim, não tem  
emenda, é cada história...tem piada!

O carro aproxima-se da rampa do Liceu, Alfredo começa a subi-la e a ir em frente ao portão. Alberto põe a mão esquerda de forma leve no braço de Alfredo como que a dar-lhe indicação para parar.

ALBERTO

Páre aqui, escusa de ir mais à  
frente, faz a manobra melhor  
assim...

ALFREDO

Eu levo-o mesmo ao portão, ora  
essa! Era o que faltava!

ALBERTO

Não, a sério, insisto! Fico aqui!

ALFREDO

Pronto, o doutor é que sabe, não  
quero que se chateie... Passe muito  
bem!

ALBERTO

Muito obrigado pela boleia!  
Alberto bate a porta e começa a  
afastar-se. Alfredo baixa o vidro  
à pressa.

ALFREDO

Oh doutor!!! Esqueci-me de lhe  
dizer uma coisa!

Alberto reaproxima-se do carro.

ALBERTO

Sim?

ALFREDO

A minha mulher quer falar consigo!

ALBERTO

Ok!Quando quiser...mas de quê?

ALFREDO

Não me disse...Mas com jeitinho é  
por causa da galinha (ri de gozo)

Alberto faz um sorriso amarelo e entra no portão do Liceu, desaparecendo. Alfredo, sem desligar o motor, vira-se novamente para a câmara.

ALFREDO

Palhaço...já anda a meter bichos na  
cabeça da minha Aninha...e eu a vê-  
lo passar...maldita a hora em que  
este doutor cá se atravessou na  
nossa vidinha...

Alfredo volta a concentrar-se no volante e começa a fazer a manobra para regressar ao centro.

O jeep de Alfredo dá a volta no largo do Liceu e desce pela rampa, desaparecendo no horizonte.

Alberto toca à porta e a criada vem abri-la prontamente.

ALBERTO

Boa tarde.

CRIADA

Boa tarde senhor doutor.

Vem dar a liçãozinha à menina

Sofia?

ALBERTO

Sim, venho!

CRIADA

Entre faz favor...a menina já está à  
sua espera no átrio!

Alberto entra, a criada segura a porta. Depois de Alberto passar, a criada fecha a porta.

Sofia tem um vestido de veludo preto. À chegada de Alberto, estende-lhe a mão direita para que a beije. Alberto acede, encantado com a beleza da filha do meio do Dr. Moura.

SOFIA

Hoje damos lição no meu  
escritório?

ALBERTO

No seu escritório?

SOFIA

Sim, no meu...tenho um...

ALBERTO

Como queira...

SOFIA

(sorri maliciosa)

Está muito solícito hoje senhor  
professor!

ALBERTO

(sorri em troca)

Espero que a Sofia esteja mais  
quando lhe perguntar pelas  
declinações...

SOFIA

(séria)

Desmancha-prazeres...Vá, siga-me.

Sofia segue para dentro. Alberto vai atrás.

46 INT

ESCRITÓRIO SOFIA

DIA

---

Alberto entra primeiro e perde alguns segundos a olhar aquele recanto. Sofia acende a luz e fecha a janela. Alberto, algo tenso, tenta quebrar o gelo.

ALBERTO

Tem aqui um escritóriozinho 5  
estrelas...sim senhora!

SOFIA

Obrigado, foi todo feito a meu  
gosto...é o meu refúgio.

ALBERTO

Está bonito está...e a lição?  
Estudou a lição?

SOFIA

Caramba...vamos do 8 ao 80...não pode ter um segundinho de simpatia que tem logo de vir perguntar pelos deveres!

ALBERTO

A pergunta é muito simples e a resposta também: sim ou não?

SOFIA

(provocadora)

Não!

ALBERTO

(surpreendido)

Não??

SOFIA

(a sorrir)

Não peguei num livro! Não está feliz?

ALBERTO

Feliz?? Porque raio havia de estar feliz?

SOFIA

(ar sério)

Olhe doutor, se houve uma coisa de  
que sempre orgulhei foi de ser  
consequente...aquilo que faço  
costuma ser coerente com o que  
sinto...porque é que não faz o  
mesmo?

ALBERTO

Quem diz que não faço?

SOFIA

Digo eu, senão já há muito tempo  
que me tinha dado um beijo...

Sofia sorri com malícia e recosta-se para trás na cadeira.

Alberto não resiste, põe-lhe a mão na nuca, agarra-lhe o cabelo e beija-a apaixonadamente. De repente, Alberto pára, pega nos papéis da lição que estão sobre a mesa, mete-os na pasta e prepara-se para sair. Sofia põe-lhe a mão no braço e detém-no.

SOFIA

Onde vai?

ALBERTO

(nervoso)

Vou-me embora...não tenho mais nada  
para fazer aqui...

SOFIA

E a lição? Temos que dar a lição!

ALBERTO

Se não pegou num livro sequer, não  
vale a pena perdermos tempo.

SOFIA

Está a dizer que não se divertiu?  
(dá um beijo rápido ao professor,  
que fica corado novamente)

ALBERTO

Tem amis alguma coisa para me  
dizer?

SOFIA

Você não percebe nada...Não percebe  
mesmo. Aquilo que o Chico contou  
aqui eu já sabia há muito  
tempo...você não trouxe novidade  
nenhuma...aliás, o Chico nem soube  
contar direito mas eu percebi  
muito bem, porque já sei há muito  
historinhas como a da galinha...

De repente ouve-se um barulho de uma porta a abrir-se e alguém  
a limpar os pés num tapete no exterior. Alberto levanta-se  
subitamente, assustado.

SOFIA

Relaxe, ninguém vem aqui...dei  
ordens para ninguém nos incomodar...

ALBERTO

Não estou preocupado...Só estou a  
ouvi-la...

Sofia pega na mão de Alberto e continua o discurso sem mais a  
largar e olhando-o sempre nos olhos.

SOFIA

Já tive tantas noites em que me  
pus a pensar em historinhas como a  
da galinha. Acho que sinceramente  
já fazia uma ideia disso tudo  
mesmo antes de ler esses livros  
como o seu e outros. Põem-me o  
coração a bater mais rápido...Mas o  
que me irrita é que se ninguém se  
pode conhecer verdadeiramente a si  
próprio, como é que se pode  
julgar? E de que é que vale ser  
totalmente honesto quando sabemos  
que se isso acontecesse a maior  
parte de nós ia acabar na prisão?  
Falamos dos cães, dos ratos, das  
vacas e das galinhas como se  
fôssemos superiores...mas cada vez  
que dizemos a verdade cai-nos tudo  
em cima como se fôssemos  
extraterrestres ou

aberrações...somos todos muito  
livres mas cada vez que queremos  
usar esse direito somos olhados de  
lado. Preferia ser um cão, uma  
vaca, uma galinha...uma porcaria de  
animal qualquer - ao menos não  
precisava de mentir!

Sofia respira fundo e cala-se, séria, com os olhos brilhantes.  
Alberto levanta-se, abraça-a com força e beijam-se novamente.  
Sofia, a sorrir, afasta-lhe os braços e interroga-o.

SOFIA

Mas não damos a lição?

ALBERTO

(a sorrir)

Se não pegou num livro...

SOFIA

Não quer dizer que não saiba!

ALBERTO

Então traduza-me lá isto:

"Anna soror, quoe me suspensam  
insomnia terrent!Quis novus hic  
nostris successit sedibus hospes!

Sofia volta a colocar o ar grave, respira fundo e num fôlego responde.

SOFIA

Minha querida Anna, que fantasmas  
nos trazem desvairadas! Que  
assassino foi este que entrou na  
nossa casa!

Sofia pára subitamente, suspir, olha nos olhos Alberto e  
corrige-se.

SOFIA

Meu querido assassino..

ALBERTO

Mas hospes não significa..

Sofia interrompe-o e sorri.

SOFIA

Meu bom assassino..

FADE TO BLACK

FINAL SEGUNDO EPISÓDIO

## TERCEIRO EPISÓDIO

47 EXT

CENTRO HISTÓRICO ÉVORA

DIA

---

É domingo. Alberto passeia junto ao Jardim Público pelo mercado matinal de São Francisco. A azáfama criada pelo corropio de vendedores e clientes é muita. Alberto procura afastar-se da confusão e ruma, em passo tranquilo, ao Rossio de São Brás. A caminho, encontra Cristina, que passeia também na companhia da criada.

ALBERTO

Olá Cristina! Então, vens da aula  
de piano?

CRISTINA

Não não, senhor doutor, vim  
visitar a minha mana Ana que está  
doente.

ALBERTO

Doente? É alguma coisa de grave?

CRISTINA

Acho que não, senhor doutor, é só  
febre acho eu.

ALBERTO

Hum, acho que vou lá ver como ela  
está. Obrigado Cristina, gostei de  
te ver!

CRISTINA

Bom dia senhor doutor, é muito  
gentil.

Cristina e Alberto seguem caminhos diferentes. Cristina é  
saudada por um par de senhoras de classe alta que ali passam,  
e segue para casa de Ana.

48 EXT

CASA DE ANA

DIA

---

Alberto bate à porta de casa de Ana. Vem a criada à porta.

CRIADA

Bom dia senhor professor.

ALBERTO

Olá bom dia. Vinha à procura da  
senhora dona Ana, posso falar com  
ela?

CRIADA

Pois, não sei, a senhora está  
doen...

Entretanto, Alfredo vem a passar no hall de entrada, deita um olho à porta e reconhece o professor, saindo um pouco da soleira da porta para lhe apertar a mão com força.

ALFREDO

Oh se não é o grande Alberto! Mas  
a que se deve a honra desta  
presença no meu humilde lar?

ALBERTO

Passei pela Cristina a caminho do  
Rossio, acho que vinha da aula de  
piano...ela disse-me que a Ana está  
doente...

ALFREDO

Oh...doente...essa miúda...as mulheres  
já em pequenas têm tendência para  
exagerar...a Ana está com uma  
constipaçãozita, nada de mais...mas  
entre...entre! Eu vou ter que sair  
não tarda nada, mas pode ficar a  
fazer-lhe companhia! Venha homem,  
entre.



ANA

Ora essa! Não tem mal nenhum, fez muito bem em aparecer...isto de estar doente é uma chatice, ao menos com companhia o tempo vai passando mais rápido.

Alfredo, que está a olhar para a mulher e para Alberto, interrompe a conversa por momentos, para se despedir.

ALFREDO

Bem, está na minha horinha, deixovos na converseta. O Chico deve aparecer por cá mais tarde, pelo menos foi o que me disse.

(vira-se para Alberto)

Doutor, obrigadinho pela visita mais uma vez. Vá aparecendo sempre que quiser.

(aperta a mão a Alberto e vai para junto de Ana)

Minha rainha, estima-te, quero-te boa num instantinho, porque a minha vida sem ti não é nada...tu bem sabes.

ANA

Oh Alfredo, deixa-te lá dessas melosices...Vá...

ALFREDO

(frustrado)

Pronto, pronto...sou meloso porque  
tu és tãaaoo doce!

ANA

(envergonhada)

Vá, pronto...vai lá, eu fico bem,  
não te preocupes.

Alfredo afaga-lhe a cabeça, dá-lhe um beijo na testa e sai.

ANA (CONTD)

E então Alberto, como se está a  
dar por cá?

ALBERTO

Acho que bem, aos poucos vou-me  
adaptando, conhecendo as coisas...as  
pessoas...

ANA

Sabe que eu também estive no curso  
de Letras, mas como me casei  
entretanto acabei por não o fazer  
até ao fim...

ALBERTO

A sério? E nunca pensou em  
terminá-lo?

ANA

Nem por isso...o curso não me  
entretinha mais que três anos...e eu  
não quero entreter-me...

ALBERTO

Mas o curso não era para  
entreter...não é que se aprenda  
muito, mas dá sempre para firmar  
convicções, uma consciência...

Enquanto Alberto fala, em jeito de ralhete, Ana puxa dum  
cigarro da sua cigarreira de pele branca e acende-o. Está com  
um ar tremendamente sereno. Olha Alberto nos olhos e  
interrompe-o.

ANA

O que é que há entre si e a minha  
irmã?

Alberto estremece de surpresa, respira fundo e procura ser  
politicamente correcto.

ALBERTO

A Sofia sabe o que quer...

Ana assume então, perante a resposta do professor, um ar de  
ralhete semelhante àquele que ele tinha usado para a instar a  
concluir o curso.

ANA

Sabe o que quer?

Toda a gente acha que sabe o que  
quer...

Até ao dia em que um acidente  
qualquer nos vem provar que não é  
bem assim...

ALBERTO

A Ana não sabe o que quer?

Ana acusa a pergunta, com um ar algo transtornado e torna-se  
mais agressiva.

ANA

Quem é que você julga que é? Que  
grande novidade pensa que nos  
traz? Tenho a minha vida resolvida  
e não é uma pessoa nem uma ideia  
qualquer que me pode transformar.

ALBERTO

Mas Ana, eu não disse nada! Eu não  
disse nada! Você é que disse que  
um acidente qualquer nos pode  
mudar...

ANA

(muito séria)

Resolvi os meus problemas com os  
deuses ou lá o que está lá em cima  
de vez! De vez!

ALBERTO

(sereno)

Pois, de vez não sei se se  
consegue, Ana. É possível. Mas  
ninguém sabe o dia de amanhã...Se  
bem que há uma parte de nós -  
aquela das regras, dos códigos das  
ruas, dos gestos -, que se pode  
mudar sempre ou quase sempre...mas  
dentro de nós próprios, a nossa  
essência, a nossa presença dentro  
de nós próprios...mudar é bem mais  
complicado...uma vez, ainda andava  
eu no liceu, para aí no 7º ano...

Subitamente, Ana estende o braço com um dedo em riste frente à  
cara de Alberto.

ANA

(melancólica)

Páre, não conte...dói tanto...

ALBERTO

(sorri)

É tudo tão fácil, tão simples...as  
pessoas é que complicam. Tudo o

que é forte e verdadeiramente  
importante acontece como ter fome...

Ana mantém-se quieta, em silêncio, por alguns instantes. Depois levanta-se, põe um cepo no fogão e faz festas ao gato e senta-se novamente. O gato acaba por vir repousar no seu regaço. Ana volta a olhar para Alberto. Os dois estudam-se em silêncio até que Ana volta a falar.

ANA

Está a ficar escuro...é melhor  
acender a luz.

Ana levanta-se e acende a luz. Alberto permanece imóvel e em silêncio, esperando que Ana volte a sentar-se. Ana regressa ao seu lugar.

ALBERTO

Sabia que o meu pai era ateu e  
a minha mãe foi sempre uma  
beata? O meu pai explicava-nos  
sempre tudo - a vida, o  
universo -, tudo...sempre com  
razões naturais. E a minha mãe  
casou-se com ele à mesma, amou-  
o sempre, mesmo com tanta coisa  
a separá-los. Acho que via nele  
um homem forte. O meu avô, pai  
da minha mãe, era contra a  
igreja com toda a força que se  
pode ter, com pêra e tudo. E  
eu, olhe, fui à igreja, fiz a

comunhão...o padre ia a nossa casa, comia e arrotava à grande no fim. Depois vim a saber que tinha filhos...Os meus irmãos eram diferentes de mim, muito diferentes...O Evaristo uma vez estava tão bêbedo que durante o mês da Virgem foi para o meio do coro das Filhas de Maria e pôs-se a cantar desafinado...Claro que o puseram na rua mas ainda teve direito a aclamação...O meu outro irmão, o Tomás, já não punha sequer os pés na missa, mas também não dizia mal dos padres. E eu a certa altura comecei a não ir também...a missa não tinha nenhum significado para mim...mas rezava sempre antes de dormir...era tipo ler antes de apagar a luz, uma coisa automática...até que um dia pensei "que estupidez". E deixei de rezar. No primeiro dia não consegui dormir, mas no seguinte já consegui. E depois, mais à frente, da mesma forma que deixei de rezar comecei a pensar que "Deus não existe". E as coisas foram-me parecendo assim com sentido, como se fosse uma coisa natural...comecei a perceber que podia questionar as coisas, separar-me delas, negá-las...e que continuava a

existir, a estar vivo...essa foi  
a minha grande descoberta...é a  
ela que me agarro e tento  
espalhá-la onde quer que vá.

Ana não reage ao discurso do professor, mantém-se impávida, inerte mas sempre atenta. O gato preto continua no seu regaço. Ana levanta-se para pôr mais um cepo no fogão e vira-se para Alberto enquanto se aproxima dum móvel cheio de garrafas.

ANA

O que toma? Tenho uísque, brande,  
Cointreau, Porto, Madeira,  
conhaque, Carlos I, gin, genebra...

ALBERTO

Uísque...com sifão.

Ana prepara o uísque calmamente e vai abrindo latas de amendoins e pinhões. Chega-lhe o copo de uísque, coloca as latas numa mesa pequena e senta-se. De repente, volta a levantar-se num ímpeto súbito e vira-se para Alberto muito séria.

ANA

Porque é que você é tão  
pantomineiro?

Surpreendido pela pergunta, Alberto pousa o copo ao lado. O gato sai do regaço de Ana e vai para o colo de Alberto, que o sacode.

ALBERTO

Porque é que me chama  
pantomineiro?

ANA

Porque para si isto é tudo uma  
brincadeira, uma comédia! Deus  
vive no seu sangue como se fosse  
um vício. Para si deixar Deus é  
como deixar de beber ou deixar de  
fumar para os outros...Mas já vi que  
prefere o mundo do ópio e do  
álcool.

ALBERTO

Mas afinal de que é que tem medo?

Ana fica pálida e engana-se duas vezes a acender novo cigarro.  
Gasta três fósforos antes de continuar a falar.

ANA

O moralista normalmente é o maior  
pecador. A moral que importa, das  
pessoas que vivem a sério, não é  
para ser pregada. Não pense que  
vem para cá desestabilizar. O que  
mais detesto num demónio não é o  
mal que faz: é a arrogância, o ego

desmedido. Desista, estamos todos  
prevenidos...todos!

ALBERTO

(muito sério)

Ana!

Ana respira fundo, volta ao ar sereno e pega no gato e começa a brincar com ele e a afága-lo. De repente, atira-o para o tapete com estrondo, levanta o pescoço e fala com ar emproado.

ANA

E você acha que a Sofia é sua?  
Está muito enganado. Ela já teve  
vários homens...um aluno da escola  
agrícola, depois um colega dele,  
na praia meteu-se com um homem  
casado e em Lisboa, no Carnaval...

Alberto está vermelho de fúria, sentindo-se posto em causa.

ALBERTO

Cale-se mulher!

Ana sorri, fecha os olhos e encosta-se. Alberto, em silêncio, levanta-se e prepara-se para sair. Quando vai a fazê-lo, ouve-se a PORTA da entrada abrir-se e pouco depois Alfredo chega à sala.

ALFREDO

Então doutor? Já está de saída?

É por eu chegar?

ALBERTO

Não, não, nada disso. Tenho mesmo  
de ir.

ALFREDO

Espere só um bocadinho...Tenho uma  
notícia que também lhe interessa.

Alberto detém-se um pouco. Alfredo beija a mulher e instala-se numa cadeira. Estende as botas para o lume. Antes de começar a falar virar para Alberto.

ALFREDO

Sente-se doutor. Sente-se.

Ana reforça as palavras do marido.

ANA

Sente-se doutor, ouça o Alfredo.  
E fique connosco hoje para jantar.

Alberto senta-se novamente e acende um cigarro. Alfredo ajeita-se na cadeira. Alberto e Ana olham para ele.

ALFREDO

Bem, vocês nem fazem ideia.Estava  
eu no Ramiro dos electrodomésticos

a ver se o secador da minha Anicas  
tem conserto e não é que ele me  
contou que a família do Bailote  
vai processar o meu sogro?

ANA

(intrigada)

Quem é o Bailote?

ALBERTO

É o homem que se enforcou..

ANA

E o que é que o meu pai tem a ver  
com isso?

ALFREDO

(indignado)

Isso disse eu...então mas que raio  
tem o meu sogro a ver com isso?  
Dizem eles que o teu pai o  
desanimou Anicas! Que ridículo!  
Aquele Bailote tinha mesmo piada,  
raio de ladrão...a família segue-lhe  
as pisadas...

Alberto permanece em silêncio, sem opinar, interiorizando a situação. Entretanto, ouve-se bater à PORTA. Ana levanta-se mas Alfredo põe-lhe a mão no braço e levanta-se ele.

ALFREDO

Deixa-te estar Anicas, estás doentinha.

Deve ser o Chico. Vou abrir.

Alfredo volta pouco depois com Chico, que cumprimenta Alberto e depois se abeira de Ana, afagando-lhe o ombro.

Alfredo vira-se então para Alberto.

ALFREDO

O doutor já conhece aqui a nossa  
casinha?

ALBERTO

Hã? Não...quer dizer...conheço...

ANA

(embaraçada)

Oh Alfredo...

ALFREDO

Não não Aninha...o senhor doutor vai  
ter de conhecer a nossa casinha!

Venha daí!

Alfredo segue em direcção ao seu quarto. Alberto abandona a sala atrás dele, com um indisfarçável ar de frete.

Alberto está junto à porta do quarto, do lado de dentro, enquanto Alfredo se vai passeando à volta da cama com ar de vendedor. Alfredo gesticula, mexe em tudo, mostra tudo, desde os candeeiros à escrivaninha, passando pela cadeira.

ALFREDO

Já viu doutor, tudo material 5  
estrelas...a minha Aninha merece!

De súbito Alfredo atira-se para a cama, dando alguns saltos sentado e depois batendo as molas.

ALFREDO

Já viu que rica cama doutor?  
Estreadinha há 8 dias!

Alfredo pisca o olho a Alberto com malícia. Alberto esboça um sorriso amarelo em resposta. Alfredo chega-se a Alberto, pega-lhe na mão direita e como que o obriga a palpar as molas do colchão. O marido de Ana abana Alberto com o outro braço e fala-lhe entusiasmado como uma criança.

ALFREDO

Olhe doutor, quando quiser um  
colchãozinho de categoria como  
este fale comigo...digo-lhe logo  
onde fica o grande Romão das  
Portas de Moura...o homem é  
artista...não se encontra um colchão

assim em mais nenhum lado...nem em  
Lisboa!

Alberto volta a brindar Alfredo com um sorriso amarelo, não escondendo o desinteresse. Alfredo apercebe-se e remata a visita, voltando-se para a porta.

ALFREDO

Pronto, está visto não está?

ALBERTO

Sim, tem aqui uma casinha  
impecável, sim senhor!

ALFREDO

Muito obrigado! Estão aqui muitos  
dias de trabalhinho, muito suor  
investido.

ALBERTO

Acredito, acredito.

ALFREDO

Bem, vamos lá então que pareceu-me  
ouvir a Aninha a chamar para a  
mesa.

Os dois saem do quarto, Alfredo apaga a luz.

Os quatro convivas estão sentados à mesa, que é excessivamente grande. Alberto está dum lado, com Ana e Chico e Alfredo estão do outro, frente a eles. A conversa está animada.

ALBERTO

E o que é que faz esse Comitê?

ALFREDO

Redime o homem de hoje, prepara o  
de amanhã!

Não é Chico?

Chico mantém-se em silêncio. O gato de Ana passa pela sala e no silêncio irrompe o barulho do guizo. Alberto retoma o diálogo.

ALBERTO

É preciso prepará-lo todo!

CHICO

(em tom de brincadeira virado para  
Alberto)

Oh meu amigo, é precisamente por  
isso que nos irrita que ainda haja  
gente que venha para aqui com  
notícias do outro mundo: dos  
deuses e da água benta!

ALBERTO

E quem é que veio com a  
caldeirinha da água-benta?

A imagem freeza e só Alfredo se move. O marido de Ana vira-se para a câmara.

ALFREDO

É impressionante! A minha mulher  
está doente e estes dois lá vêm  
com a porcaria das conversas dos  
deuses e das águas-bentas. Será  
muito complicado acordar,  
trabalhar, comer, trabalhar, comer  
e dormir? Digam-me! É assim tão  
difícil? Vêm para aqui meter  
bichos na cabeça da minha mulher e  
depois quem se lixa sou eu...E  
depois o burro sou eu! Pelo menos  
bem vou tentando...

A imagem retoma o curso normal. Alfredo interrompe a discussão.

ALFREDO (CONTD)

Olha Ana, minha riquinha, tomaste  
o xarope antes de jantar como o  
médico disse?

Ana acena que sim com a cabeça. A criada entra na sala e volta a preencher os pratos. Chico e Alberto vão-se olhando quais

cowboys à espera do desafio final. A criada sai e Chico reacende a guerra de palavras.

CHICO

Uma palavra pode matar tanto como  
uma facada...Irira, fale claro homem:  
o que é que pretende?

Perante a pergunta, Alberto permanece imóvel durante três segundos e volta-se para Ana com um ar de extrema tranquilidade.

ALBERTO

Ana, arranja-me um cafézinho por  
favor?

ANA

Claro, mas tomamo-lo lá dentro  
pode ser?

Os quatro levantam-se, deixam a mesa posta para a criada e seguem para a sala de estar.

53 INT

SALA DE ESTAR CASA ANA

NOITE

OS três homens sentam-se. Ana põe cepos novos e pinhas na brasa. Alfredo e Chico olham Alberto com cara de poucos amigos. Ana quebra o gelo.

ANA

Oh Alberto, ainda não respondeu ao  
Chico...até eu estou curiosa...quais  
são os seus objectivos por aqui?

ALBERTO

Não sei se posso falar em  
objectivos...a única coisa que sei é  
que sou materialista...

CHICO

(a rir)

Você??Materialista?? Essa é boa!

ALBERTO

Sim, sou materialista...mas o meu  
materialismo não é materialismo de  
pedreiro...

Ana interrompe a discussão por breves instantes, chegando-se a  
Alberto com o açucareiro na mão.

ANA

Quantas colheres?

ALBERTO

Uma, se faz favor.

Ana põe o açúcar no café de Alberto, que pega na colher logo de seguida e mexe. Volta-se novamente para Chico e retoma a discussão.

ALBERTO

É precisamente por ser materialista que estou sempre a questionar o mundo. Se tivesse um deus ou vários deuses para justificar as coisas que não consigo explicar, não me maçava muito a pensar. Agora, interrogo-me...porque para mim a morte é um muro sem portas!

CHICO

(com ar de gozo)

Um muro sem portas...muito bem, que linda imagem! Muito bem visto!

Chico bebe um cálice de Macieira de golada. O gato preto entra na sala e sobe para o colo de Ana. De súbito Ana vira-se para Chico em defesa do professor.

ANA

Por acaso até é mesmo bem visto. O verdadeiro humanismo é isso mesmo, tirar os deuses dos seus aposentos

divinos e pôr lá os homens. Acho  
que li isto em algum lado...e achei  
bem...acho ainda hoje!

ALBERTO

(corado)

Fui eu que escrevi isso...

O TELEFONE toca. Ana levanta-se para ir atender. Levanta o  
auscultador.

ANA

Olá Cristininha! Estás boa?  
Sim...Diz ao pai que estou bem, já  
nem tenho febre...Sim...Hã? Ah, isso  
não sei...mas ele está aqui, está a  
jantar connosco e com o Chico!

Alberto olha para Ana e levanta o queixo, como que a perguntar  
"o quê?". Ana faz-lhe sinal com a mão para ter calma.

ANA

Vá, vai lá meu amor. Um beijinho.  
Manda um beijinho a todos. Vá, boa  
noite...beijinhos.

Ana pousa o telefone e vira-se para Alberto.

ANA

A Sofia perguntou por si.

Alberto cora de repente com violência. Acende um cigarro rapidamente e dá uma passa bem longa. Ana levanta-se e põe um disco a girar com MÚSICA CLÁSSICA muito tranquila. Alfredo, cheio de sono, cabeceia no sofá, com os olhos vermelhos. Chico volta a romper com a calma.

CHICO

Oh professor, diga-me lá: já foi crente?

ALBERTO

Já, claro que já fui. Até para aí há uns sete anos.

Chico riu-se de forma sêca, áspera.

CHICO

Eu logo vi...você não é ateu, é anti!E esse é que é o problema de tanta tormenta que aí lhe vai na cabeça.

Teve a educaçãozinha cristã típica de certeza, por isso é que ficou assim...

ALBERTO

(intrigado)

Assim como?

CHICO

Assim. Angustiado. Olhe, eu não sou anti nada. Eu é que sou o verdadeiro ateu aqui. Sempre cresci sem Deus, nunca conheci nenhum, e está complicado para conhecer nos próximos tempos.

Alfredo continua a cabecear no sofá, facto que irrita Ana que se abana o braço do marido que desperta sobressaltado.

ALFREDO

Hã? Que foi? Que é que eu fiz?

ANA

Oh Alfredo, não tens vergonha? Pareces um bebé, as pessoas a conversar e tu aí a dormir...

ALFREDO

(levemente irritado)

Olha, levantei-me às seis da manhã, até era bem normal que estivesse a dormir...Mas por acaso não estava, estava só a descansar os olhos enquanto ouvia a conversa...Estou a aprender muito. Aqui o Chico, o doutor, sim senhor...estou mesmo a aprender muito.

Logo que Alfredo acaba de falar, Alberto levanta-se.

ALBERTO

Está a ficar tarde, tenho que me  
ir embora.

ALFREDO

Oh doutor, não me diga que é por  
minha causa! Fique!

ALBERTO

Não, não se preocupe. Está é mesmo  
a ficar tarde, tenho de dormir  
como deve ser.

Chico levanta-se também.

CHICO

Sendo assim eu também vou.

Alberto aperta a mão de Alfredo, que se levanta para se despedir, enquanto Chico cumprimenta Ana. Depois Chico passa para cumprimentar Alfredo e Alberto aproxima-se de Ana.

ANA

(em voz baixa)

Apareça mais vezes. Apareça mesmo.  
Temos tanta coisa para falar..

Alberto sorri ligeiramente. Alfredo segura a porta da sala.

54 EXT

CASA DE ANA

NOITE

---

Ana está junto à porta de casa, do lado de dentro, com Alfredo atrás de si. Chico sai e Alberto sai de seguida.

ANA

Vá, boa noite, vemo-nos por aí.

Até amanhã!

Ana fecha a porta e Alberto e Chico apertam as mãos com um vigor indelicado. Largam as mãos em simultâneo e seguem caminhos opostos. Poucos metros depois de se separar de Alberto, Chico vira-se para trás de dedo em riste.

CHICO

Não pense que isto fica assim...Ouça bem, você é responsável por tudo o que acontecer!

ALBERTO

Hã?

Chico desaparece no horizonte. Alberto encolhe os ombros e segue para a pensão.

55 INT

SALA AULAS LICEU ÉVORA

DIA

---

Alberto está sentado à secretária. Um aluno está perante a turma toda a ler uma composição. Carolino está com os olhos postos na janela, alheio.

ALUNO

Eu sou empregado no café Lusitano.

Já estou um bocado farto das pessoas e dos cafés. Nas minhas folgas os meus amigos convidam-me mas não consigo entrar num. Muito menos no Lusitano. Estou sempre a olhar para todo o lado, a lembrar-me dos pedidos, dos clientes do costume, a ouvir os ralhetes do patrão. Ser empregado no café Lusitano é bom, porque ganho uns centavos para ajudar os meus pais, mas gostava de voltar a ser aluno.

A vida é mais bonita.

À excepção de Carolino, que continua de olhar fixo no exterior, os colegas de turma do aluno que leu a composição acenam com a cabeça em sinal de aprovação, sorrindo. O aluno que leu encaminha-se para o seu lugar e, quase a chegar, simula o gesto de carregar a bandeja e tirar um prato para

colocar na mesa do colega. A risota é geral, inclusive de Alberto. Entretanto toca a CAMPAINHA. Os alunos arrumam as carteiras e saem da sala visivelmente satisfeitos, cumprimentando Alberto.

ALUNOS

Até amanhã, senhor professor!

ALBERTO

Até amanhã!

Carolino é um dos primeiros a sair, de rosto sereno, apressado. Alberto fica para o fim. Arruma a pasta, pega no livro de ponto e sai.

56 EXT

CLAUSTROS LICEU ÉVORA

DIA

Alberto passeia pelos claustros. A pasta está encostada a um canto, fuma um cigarro tranquilo. A outra mão está no bolso. O reitor surge ao fundo. Aproxima-se de Alberto e interpela-o.

REITOR

Então Alberto, a fazer horas hã?

ALBERTO

(sorridente)

É verdade senhor reitor, a fazer horas!  
Está um belo dia!

REITOR

Ah, está bom, está bom!

O reitor saca de um cigarro de forma desajeitada. Recompõe-se, de costas muito direitas e acende-o.

REITOR

Está quente...está bom está...e então  
como se vai dando o doutor Alberto  
por cá?

ALBERTO

Bem senhor reitor. Tem sido bom.  
Os alunos são interessados, temos  
experimentado técnicas, redacções,  
leituras novas, até para lá da  
matéria obrigatória...já para não  
falar da cidade, que é acolhedora...

REITOR

(com o rosto um pouco mais  
fechado)

Pois, a cidade...sabe, é preciso  
cuidado, muito cuidado...

Alberto franze o sobrolho, desconfiado. O reitor prossegue.

REITOR

Sabe Alberto, essas redacções que dá aos alunos são curiosas...muito engraçadas! Mas dê outras também...outras! O empregado de café, a costureira e tal. São trabalhos engraçados mas não as dê. Eu nunca ensinei português mas há temas tão bonitos...a Primavera...a tempestade...os meninos que dão uma esmola a um pobrezinho! Ah! As historinhas de esmolas são tão bonitas!

(ri-se e tosse logo de seguida com catarro)

Vá, Alberto, tenho que ir...espero ter-lhe dado boas ideias! As esmolinhas são sempre tão bonitas!

Alberto sorri embora perdido com a conversa estranha do reitor. Apanha a pasta do chão, apaga o cigarro e segue para o exterior.

57 EXT

ENTRADA LICEU ÉVORA

DIA

Alberto sai pela entrada principal do Liceu, de pasta na mão, em direcção ao portão. Quando está quase a chegar à saída. Carolino está junto ao portão, com os olhos no chão e, de quando em vez, fita o professor, que pára para cumprimentar um colega. Quando Alberto retoma a marcha em direcção ao portão, é interpelado por Carolino.

CAROLINO

(ar envergonhado)

Senhor professor...

ALBERTO

Sim, Carolino.

CAROLINO

(gagueza ligeiramente)

Eu...eu...eu não sei se...se entendi  
bem, mas...

ALBERTO

(com a mão no ombro do aluno)

Diz...diz!

CAROLINO

...é como se entendesse, quer dizer

ALBERTO

Sentes o mesmo não é?

CAROLINO

Pois, é isso, mas é tudo tão, é  
forte, deixa-me com uma  
ansiedade...eu...eu sei quem sou,  
conheço-me tão bem, já me vi uma  
vez! E queria partilhar isso com o  
senhor doutor...

ALBERTO

(sorri orgulhoso)

Tens mais aulas hoje?

CAROLINO

Não...já acabei as aulas, estava à  
sua espera...

ALBERTO

Então anda comigo, vou dar uma  
volta aí pelo monte...

Em silêncio, Carolino acede ao convite e junta-se ao professor. Os dois descem a rampa, com Carolino em passo mais atrasado a olhar constantemente para trás. Desaparecem no horizonte.

58 EXT

ARREDORES DE ÉVORA - PLANÍCIE

DIA

---

Carolino e Alberto passeiam, agora lado-a-lado, junto à linha férrea. Alberto tem uma pedrinha na mão que atira ao ar e apanha, enquanto ouve, atento, Carolino.

CAROLINO

Quando falamos no dia-a-dia não  
pensamos nas palavras que

dizemos...mas depois repetimos essas  
palavras muitas vezes e vamos a  
ver e não querem dizer nada...é como  
se fôssemos tolos a falar chinês..

ALBERTO

Sim...

CAROLINO

Por exemplo, dizemos "esta cidade  
é bonita"...e repetimos "cidade"  
muitas vezes...cidade, cidade,  
cidade, cidade, cidade, cidade,  
cidade, cidade..

ALBERTO

(interrompendo)

Sim, já percebi...cidade!

CAROLINO

Pronto, cidade já não quer dizer  
nada. Quando dizemos uma vez só  
quer dizer alguma coisa...depois de  
repetirmos muitas vezes já não  
quer dizer nada!

ALBERTO

Certo. As palavras são pedras  
Carolino. Nós, com o nosso  
espírito, é que lhes damos vida.  
As palavras só querem dizer alguma  
coisa se nós quisermos dizer  
alguma coisa. Não vivem sozinhas.

CAROLINO

Oh senhor doutor, mas há mais...

ALBERTO

(com ar curioso, ligeiramente  
irónico)

Ai há? Então conta-me lá...

CAROLINO

Sabe, senhor doutor, quando soube  
que o homem se enforcou já não  
tinha mão para trabalhar...isso  
deixou-me muito pensativo...

ALBERTO

Porquê?

CAROLINO

Porque então não há deuses  
criadores...o homem é que é  
deus...pode matar!

Alberto muda de face num instante e fica com um ar zangado e ao mesmo tempo assustado.

ALBERTO

Estás parvo?? Que grande disparate  
é esse?

CAROLINO

Oh senhor doutor, não é  
disparate...eu não digo que se deve  
matar...só que matar é como  
criar...quer dizer, não é bem  
igual...é diferente...

(ri-se sozinho)

ALBERTO

A vida é um milagre...é um valor sem  
preço!! Nunca duvides disso...

CAROLINO

Oh, o doutor diz que é disparatado  
mas aquilo foi uma coisa tão  
forte...tão grande...dá tanto que  
pensar...

ALBERTO

Não percas tempo com esses  
pensamentos...devias gastar o teu  
tempo a estudar mas é!

CAROLINO

Oh senhor doutor, mas eu ponho-me  
a pensar...a sério...não será por  
matar e criar serem tão parecidos,  
que um assassino mata?

ALBERTO

Não percebes nada...Um assassino não  
é um homem sequer...não é nenhum  
super-homem como queres dizer...

CAROLINO

Pois...mas e se o assassino souber  
bem, muito muito bem, aquilo que  
destrói?

Quando Alberto se prepara para responder, um porco aparece do nada a GRUNHIR desesperado e logo depois surge um homem atrás dele. Alberto olha à volta e apercebe-se que está numa zona de pocilgas e vira-se para Carolino.

ALBERTO

Vamos sair daqui...estamos em  
terrenos privados...

CAROLINO

Não se preocupe doutor...eu conheço  
o dono, não há problema!

Alberto baixa os olhos, indiferente e começa a andar. Carolino segue-o e coloca-se lado-a-lado. Os dois andam um pedaço até se depararem com uma vaca destacada de uma manada. Logo atrás surge um cão. Carolino ri sozinho. Alberto está incomodado.

ALBERTO

Mas porque é que te ris?

CAROLINO

Oh senhor doutor, eu não me estou  
a rir...

ALBERTO

(irritado)

Não, claro que não estás...

Alberto encolhe os ombros e encosta-se a um pequeno muro. Fica a observar o cão que LADRA furiosamente à vaca. Depois, sem dizer palavra, segue caminho. Carolino acompanha-o. Mais à frente, encontram um descampado onde passeiam galinhas que bicam tufos de ervas-daninhas. Logo depois o cão surge em fúria atrás das galinhas. De repente, o cão começa a dirigir-se na direcção de Alberto e Carolino, enraivecido. Pára a 20 metros deles, olha-os fixamente como se os estudasse e volta a acelerar em direcção a Alberto, a LADRAR bem alto. Pára

novamente a meia-dúzia de metros. Alberto e Carolino, algo assustados, baixam-se à procura de pedras. O cão afasta-se mas, mais atrás, volta a colocar-se em posição de ataque. Carolino baixa-se, apanha uma pedra e dispara-a com muita força. O cão desvia-se e foge. A pedra acerta com estrondo na cabeça de uma galinha que rola pelo chão inanimada. Carolino, atento ao cão, não se apercebe. É Alberto que lhe empurra o ombro e o informa, incomodado.

ALBERTO

Mataste uma galinha!

Carolino, em silêncio, fita o professor e olha depois para a galinha. Corre para junto dela, agacha-se, verifica-lhe a asa e depois pega nela pela asa também. Alberto aproxima-se de Carolino que olha para a galinha fascinado e vê o bico a pingar sangue. Com uma voz surda Carolino fala então.

CAROLINO

Matei-a.

ALBERTO

Temos de saber de quem é o  
bicho...Temos de pagar ao dono..

CAROLINO

(mantém o olhar fixo na galinha,  
fascinado)

Matei-a.

ALBERTO

Deixa mas é aí a galinha. Pode ser  
que algum mendigo a veja e a  
aproveite.

Carolino olha Alberto nos olhos e depois olha para a galinha.  
Larga-a sem cuidado e esta bate com estrondo no chão. Carolino  
começa então a andar em direcção às portas da cidade. Alberto  
acompanha-o mais atrás.

FADE TO BLACK

FINAL TERCEIRO EPISÓDIO

## QUARTO EPISÓDIO

59 EXT. CASA ALFREDO - SALA JANTAR DIA

---

Alfredo surge em primeiro plano. Todos os convidados da festa, inclusive a equipa de televisão estão em freeze frame, imóveis. Grande plano da cara de Alfredo. A boca não se abre.

ALFREDO (V.O.)

Por esta altura passou-se pouco mais de um ano que aquele verme foi a Évora. Saiu uma semana da cidade. Deu-nos uma semana de paz. Ou devia ter dado, se não tivesse deixado tanto bicho na cabeça da gente, da minha Ana, da Sofia...Esse triste esteve uma semana fora. Em casa da família.

Enquanto Alfredo fala vamos vendo imagens da ceia de Natal de Alberto na casa da aldeia.

60 INT. CASA ALDEIA - SALA JANTAR NOITE

---

FLASHBACK

Plano geral da sala de jantar com a mesa enorme recheada de iguarias natalícias. Alberto está num extremo da mesa, de fato escuro, com ar triste. A mãe está no outro extremo, desanimada, com ar depressivo. Os dois mantêm o silêncio.

ALFREDO (V.O.)

Até podia e se calhar devia ter  
pena do homem.

Mas não consigo. Esta mesa de  
jantar é a mesa do pão que o Diabo  
amassou. Quem não crê em Deus não  
pode esperar clemência. Mesa cheia  
e um vazio tremendo. A mãe já não  
existe. Os irmãos não querem saber.

Só das heranças. Que Deus os  
perdoe.

DISSOLVE

61 INT. CARRUAGEM - COMBOIO DIA

BACK TO SCENE

Fim da tarde. Pôr do sol. Alberto segue encostado a uma janela  
sentado num banco a meio de uma carruagem vazia. Carrega um ar  
triste, depressivo, ameaça chorar mas não cede.

62 EXT. ESTAÇÃO DE ÉVORA NOITE

O comboio pára na estação. Alberto desce com uma pequena mala.  
Alheio a tudo segue caminho mas já na saída é interpelado por  
Manuel Pateta, mais uma vez visivelmente embriagado.

MANUEL PATETA

Senhooo...senhor  
engenheiroooo...vai...vai...vai para o  
Machado?

Alberto responde de forma sêca, impaciente.

ALBERTO

Vou, vou para o Machado sim.

MANUEL PATETA

Poiissss, se calhar nãooo vai!

ALBERTO

Oh homem, não me irrite por favor!

MANUEL PATETA

Oh senhor engenheiroooo...o  
senhoooor não saaaabe...maaas o  
Machadoooo fechoou!

ALBERTO

(surpreendido)

O quê?? Está a falar a sério ou  
são os copos a falar?

MANUEL PATETA

Estouuu-lhe a dizer!Fechoou  
mesmo...O senhor Machadoooo fazia  
parte de um grupooo...a políciaaaa  
foi láaa e disse que eraam  
comunistas...mas não eraaaam...andavam  
era de camisaaaa...a dançar!

Manuel Pateta ri-se de forma estridente e cai para o lado.  
Fica no chão a rir-se. Alberto segue a marcha rumo ao centro.

63 EXT. ENTRADA PENSÃO MACHADO NOITE

Alberto bate à PORTA. Espera. Ninguém abre. Volta a bater.  
Espreita à janela. Tudo escuro. Fechado. Alberto pega na mala,  
que está no chão, vira costas e desce as escadas.

64 EXT. PRAÇA GIRALDO DIA

Alberto sai da Pensão Eborense e dá uma volta pela Praça do  
Giraldo. Compra o jornal, senta-se num banco e folheia a  
secção de classificados. Grande plano num anúncio "Alto de São  
Bento". Alberto separa a página, guarda-a no bolso interior do  
casaco, fecha o jornal e deixa-o no banco. Levanta-se e segue  
caminho, em direcção às Portas de Alconchel.

65 EXT. CASA DR. MOURA DIA

Alberto aproxima-se do portão e toca à CAMPAINHA. Ninguém abre. Alberto espera um pouco e tenta novamente. Sem sucesso. Alberto tenta espreitar pelo lado e por cima do portão para ver se está alguém e faz uma terceira tentativa. Passado um bocadinho, o TRINCO da porta funciona e a empregada Lucrecia surge.

LUCRÉCIA

Bom dia senhor doutor. Posso  
ajudá-lo?

ALBERTO

A menina Sofia está?

LUCRÉCIA

Não, a menina não está.

ALBERTO

Obrigado.

Cabisbaixo, o professor vira costas enquanto a porta se volta a fechar e inicia a marcha de regresso ao centro da cidade.

66 EXT.

PRAÇA DO GIRALDO

DIA

Alfredo passeia com Ana na Praça, cheia do movimento dos vendedores, floristas e simples transeuntes. Os dois passeiam lado-a-lado de braço dado.

ALFREDO

Já tinha saudades de estarmos  
assim os dois com este solinho,  
como no princípio.

Ana sorri com um ar maternal.

ANA

Oh, és um melosão. Estamos juntos  
todos os dias...

Ana olha em volta para o panorama geral da Praça enquanto o marido fala em tom exageradamente romântico.

ALFREDO

Oh princesa, mas não estamos com  
este sol, com este calorzinho, sem  
preocupações, sem horas, sem  
ninguém a chatear...então, estou a  
falar contigo, não olhas para  
mim??

ANA

Desculpa. Estava a ouvir-te na  
mesma...olha, aquele ali não é o  
professor Alberto?

Alfredo olha, tem um esgar de irritação mas controla-se. A imagem pára em seu torno. Alfredo volta a irritar-se.

ALFREDO

(furioso)

Mas que raio?! Um homem não pode andar descansado com a sua mulher que este gajo tem que estar em todo o lado. Para quem diz que deus não existe, estar em todo lado é obra. Enfim, gostava de saber o mal que fiz para ter de o aturar tantas vezes...a ele e às ideias lunáticas dele...

O contexto retoma o movimento.

ALFREDO

(sorrindo forçado)

É ele mesmo! Espera...doutor!

Doutor!

Alfredo acena a Alberto, que inicialmente não o vê. Poucos segundos depois, os olhares de ambos encontram-se. Apesar de uma fracção de segundo de frieza inicial, logo Alberto esboça um sorriso igualmente forçado e aproxima-se do casal. Alfredo dá-lhe um efusivo aperto de mão.

ALFREDO

Olha quem é ele! Então, já de  
volta doutor?

ALBERTO

Olá. Sim, as aulas vão recomeçar,  
tive que vir.

ALFREDO

Já soube do Machado? Onde está  
agora a morar?

ALBERTO

Já, logo que cheguei...

ANA

Que história mirabolante!

ALBERTO

Mesmo...

ALFREDO

Ainda não nos disse onde mora  
agora...

ALBERTO

Acabei de arrendar uma casa ali no  
Alto de São Bento. Já andava de  
olho nela há uns tempos...este  
episódio veio ajudar-me a decidir..

ALFREDO

Muito bem, muito nos conta sim  
senhor!

ANA

Vamos agora ao café...a Sofia ficou  
de vir lá ter connosco...não quer  
vir?

Alberto cora rapidamente.

ALBERTO

Uh..ah...Sim, está bem. Posso ir.

ANA

Ainda bem, então pronto, vamos lá!  
Ela também não deve demorar!

Os três seguem em direcção ao Lusitânia e entram.

O café está com meia casa. O empregado está de bloquinho na mão junto a Ana, Alfredo e Alberto, que estão sentados numa mesa de quatro lugares, onde está uma cadeira vaga.

Alfredo vira-se para Ana.

ALFREDO

O que tomas meu anjo?

ANA

Chá e...pode ser um bocadinho  
daqueles bolinhos ali da montra!

Enquanto o empregado toma nota dos pedidos, Alfredo continua o inquérito.

ALFREDO

E você doutor?

ALBERTO

Pode ser um galão e uma torrada se  
faz favor.

Alfredo vira-se para o empregado com um ar emproado.

ALFREDO

Para mim é um bife com batatas  
fritas...e uma cervejinha gelada!

Ana faz um ar de envergonhada.

ANA

Oh Alfredo...

ALFREDO

Que foi meu amorzinho? Estou cheio  
de fome...

Alberto está distante, com os olhos postos na entrada. De repente vira-se para Ana e pergunta.

ALBERTO

Ana, por acaso a Sofia esteve  
doente?

Antes de responder, Ana fita longamente o professor, como se o estudasse.

ANA

Não, não esteve.

O criado interrompe a conversa e pousa os lanches de Ana e Alberto.

ALFREDO

E o meu bife Zé?

EMPREGADO

Ainda demora um bocadinho sr.  
Alfredo, só um bocadinho...

ALFREDO

Vá, despachem-se lá que estou  
cheio de fome...

Ana interrompe o marido.

ANA

E essas férias, que tal?

Alfredo, irritado, engole em seco. Alberto está com um ar sereno.

ALBERTO

Correu tudo bem obrigado. Muito  
frio, muita neve.

ANA

(com um sorriso irónico)

Muito bem...e meditou muito? Trouxe  
novas perspectivas para as suas  
teses?

ALBERTO

(com um ar sério)

As teses não se meditam...discutem-  
se...lêem-se..A vida é mais séria  
que isso...

São novamente interrompidos pelo empregado que se aproxima da mesa e serve o bife gorduroso com batatas fritas a Alfredo, que se atira com modos medievais à comida.

ALFREDO

Não queres um chisquinho Aninha?

ANA

(com ar enjoado)

Não...deixa estar, estou cheia.

Alfredo vira-se para Alberto.

ALFREDO

E o doutor, é servido?

ALBERTO

Não, obrigado, estou bem...

Alfredo cala-se por segundos, mastiga o bife e as batatas que lhe encham a boca. Depois, quebra o silêncio.

ALFREDO

Oh doutor, sabia que a raça dos cavalos está a desaparecer?

ALBERTO

(surpreso pelo teor da pergunta)

Não, por acaso não sabia...

ALFREDO

Pois, o doutor e muita gente...está  
mesmo à beira de desaparecer.  
Basta ver que para procriarem é  
preciso arranjar um apontador...

Perante a conversa absurda do marido, Ana baixa os olhos e mexe no vestido, envergonhada. Entretanto Alberto cola os olhos na porta novamente. Sofia surge ao fundo. Entra e aproxima-se da mesa.

SOFIA

Olá. Desculpem se demorei. O Chico já aparece aí também.

ALFREDO

Só o Chico?

SOFIA

Não, vem o Carolino também...

Alfredo sorri para dentro apercebendo-se do incómodo de Alberto. Sofia senta-se ao lado da irmã. O empregado surge logo depois.

EMPREGADO

Boa tarde menina, o que vai ser?

SOFIA

Traga-me um chá...de camomila por  
favor.

EMPREGADO

Com certeza.

Sofia vira-se então para Alberto.

SOFIA

Então doutor, quando veio?

ALBERTO

Vim hoje...não lhe mandei dizer  
quando vinha por acaso?

Alfredo esboça um sorriso com pedaços de bife e batatas fritas na boca. Sofia faz uma pausa e retoma o diálogo.

SOFIA

Ah! Claro! Que cabeça esta...

(olha para a porta e aponta  
sorridente)

Olhem, vêm aí o Chico e o  
Carolino!

Chico e Carolino entram no café. Carolino vem à frente, envergonhado, Chico segue mais atrás. Alfredo puxa duas cadeiras da mesa vazia do lado e aperta-lhes as mãos efusivamente.

ALFREDO

Então meninos, só chegam agora? Já  
levam falta de atraso!

CHICO

Estive com uma obra, demorei mais  
um bocadinho...desculpem...e já agora,  
boa tarde!

Ana e Sofia acenam com a cabeça e correspondem com sorrisos  
sinceros.

ALFREDO

Vá, mas vamos ao que interessa...o  
que é que tomam? Se quiserem uma  
coisa assim de homem peçam um  
bifezinho, está impecável!

Alberto franze o sobrolho e encolhe os ombros, perante o  
comentário de Alfredo. Ana procura quebrar o gelo e interpela  
o professor.

ANA

E então Alberto, sempre vai para  
Lisboa para o ano?

ALBERTO

Não sei ainda...candidatei-me mas  
ainda não sei se vou ter vaga...

Alfredo interrompe mais uma vez.

ALFREDO

E esta história da pensão hein?

CHICO

Que escândalo, muito me ri quando me contaram...Só soube ontem...não, anteontem! O doutor não estava lá a morar?

ALBERTO

Pois, só soube quando voltei...foi o carregador que me disse...

ALFREDO

Era o machado, era o Dagoberto, era o...ah...quem era mais? Oh, não interessa...Acho que andam todos à roda a dançarem...dá-lhes para cada uma...

Enquanto Alfredo fala, Alberto repara na troca de olhares envergonhados entre Carolino e Sofia. Carolino baixa a testa e faz-lhe sinais com os olhos, Sofia esboça um sorriso cúmplice. Ana volta a roubar a atenção de Alberto.

ANA

E afinal para onde é que se vai  
mudar?

ALBERTO

Para o Alto de São Bento, já  
arranjei lá uma casita...Se ficasse  
cá mais tempo ainda era capaz de  
comprar um moinho...

Sofia pára por momentos a cumplicidade com Carolino e entra na  
conversa.

SOFIA

E quando é que se muda?

ALBERTO

Já me mudei...

CHICO

Não arranjava nada mais perto?

ALBERTO

Se calhar arranjava, mas gosto do  
sítio...

CHICO

(irónico)

Não é difícil perceber porquê...é o  
sítio ideal para o professor...está

lá no meio do nada, pode reflectir  
à vontade sobre o espantoso  
milagre que é estarmos vivos e o  
incrível absurdo que é a morte.

Ana está com um ar sério e entra na discussão.

ANA

Oh Chico, estás para aí a falar...e  
tu o que é que tens a dar ao Mundo  
e aos homens?

CHICO

(agressivo)  
Pão e orgulho.

ANA

(intrigada)  
Orgulho? De quê?

CHICO

Deles mesmos...para não se deixarem  
pisar pelos grandes.

ALBERTO

E o que é que vai fazer quando os  
homens acabarem de comer e  
estiverem a fazer a digestão?

CHICO

(com sorriso empreado)

Depende...se for daquelas digestões  
mais complicadas dá-se um  
bocadinho de bicarbonato...se for  
das ligeirinhas um passeio a pé ou  
uma soneca resolvem o assunto  
fácil...

Alfredo interrompe pela enésima vez.

ALFREDO

Vocês sabem quantos coelhinhos já  
pariu a nossa coelha branca?

Chico irrita-se e não se contém.

CHICO

Oh Alfredo por amor de Deus..manda  
a coelhinha bugiar...haja paciência!

Alfredo retrai-se e fica com a face carregada.

ALFREDO

Desculpem lá por existir...há gente  
que só é feliz também quando  
consegue deitar os outros  
abaixo...Enfim.

Alberto olha para Ana à espera duma reacção. Ana mantém-se impávida. Alberto quebra o gelo e curva-se para se levantar.

ALBERTO

Muito bem, meus amigos, está na  
minha horinha.

ANA

Já vai? Agora com a casa nova  
nunca mais vai aparecer...

ALBERTO

Nah, nada disso!

(volta-se para Sofia)

Até porque eu e aqui a menina  
Sofia temos as nossas lições para  
dar...

Sofia fica com um ar envergonhado e fechado.

SOFIA

O meu pai não falou consigo? Não  
lhe disse nada?

ALBERTO

Não, só cheguei hoje...

SOFIA

(intrigada)

Mas não foi lá a casa?

ALBERTO

Não...

Alberto levanta-se e prepara-se para sair.

SOFIA

Que estranho! Ia jurar que a  
Lucrécia me disse que tinha lá  
estado por volta das 4...

ALBERTO

Fui lá mas foi para a ver a si.

Alberto cora violentamente, vira costas e sai. Na mesa faz-se  
silêncio e cruzam-se olhares de espanto.

68 EXT.

CASA DR.MOURA

DIA

Alberto toca à campainha. Está com um ar grave e nervoso.  
Lucrécia abre-lhe a porta, não disfarçando o espanto por vê-lo  
ali.

LUCRÉCIA

Outra vez senhor doutor? A menina  
Sofia não está!

ALBERTO

(irritado)

Mas quem lhe disse que eu a venho  
ver?

Eu venho ver os senhores!

LUCRÉCIA

(atrapalhada)

Ah...pois...com certeza...faça favor de  
entrar...vou avisar a senhora que  
está aqui.

Alberto entra, Lucrecia fecha a porta.

69 INT.

BIBLIOTECA CASA DR. MOURA

DIA

---

Alberto está sentado no sofá, à espera. Madame Moura entra pouco depois, deferente. Alberto levanta-se. Madame estende-lhe a mão e este beija-a.

MADAME MOURA

Mas que boa surpresa! Não sabia  
que já tinha voltado! Fez bom  
viagem?

ALBERTO

Sim, cheguei hoje. Foram umas férias em família, tudo muito tranquilo.

MADAME MOURA

Ainda bem. Então o que o traz por cá?

ALBERTO

Esta história das lições a Sofia...

Madame sorri com um ar cúmplice e senta-se na poltrona em frente a Alberto. Põe as mãos nas pernas e inclina-se ligeiramente para a frente.

MADAME MOURA

Sabe, Alberto, por mim vocês continuavam na mesma as lições.

ALBERTO

Então porque não continuamos?

MADAME MOURA

Ainda não lhe disseram?

ALBERTO

A mim ninguém me disse nada...

MADAME MOURA

Alguém escreveu uma carta anônima  
ao reitor lá do liceu a dizer que  
você andava a dar aulas privadas...

ALBERTO

(irritado)

Quem foi o canalha??

MADAME MOURA

Não sei Alberto, não faço ideia,  
pode ter sido tanta gente...

ALBERTO

Há assim tanta gente que não gosta  
de mim?

MADAME MOURA

Não sei Alberto, tem que  
compreender, você não é como nós,  
não pensa como nós...isso pode fazer  
que não seja muito bem visto...

ALBERTO

Mas eu fiz mal a alguém por acaso?

MADAME MOURA

Ninguém disse isso Alberto, mas  
sabe como são as pessoas...às vezes

podem ser cruéis, mesmo com gente  
inocente...

Alberto encosta-se para trás no sofá, deixa-se cair um pouco com ar fechado, desiludido. Respira fundo. Madame levanta-se, aproxima-se dele, toma-lhe a mão.

MADAME MOURA

Vá, não fique aí a pensar na morte  
da bezerra. Venha ouvir a  
Cristininha, está a tocar piano...

70 INT. CORREDOR CASA DR.MOURA DIA

Madame segue à frente de Alberto no corredor. Enquanto se aproxima da porta da sala de estar abranda o passo e faz-lhe sinal para manter silêncio. Ouve-se o PIANO em fundo. Madame roda a maçaneta da porta da sala de estar com muito cuidado e abre a porta ligeiramente. Alberto aproxima-se e por momentos ficam os dois quietos a ouvir Cristina. Quando a pequena acaba uma música, a mãe surpreende-a com palmas. Cristina olha para trás, curiosa. Madame abre o resto da porta da sala e entra. Alberto segue-a atrás.

71 INT. SALA DE ESTAR CASA DR.MOURA DIA

Madame afaga a cabeça da filha, que se levanta por momentos do piano e vem cumprimentar Alberto. O professor afaga-lhe o

cabelo e depois agacha-se ligeiramente. Cristina dá-lhe um beijo na face e regressa ao piano.

MADAME MOURA

Toca filha, toca. Faz de conta que não estamos aqui...

Cristina concentra-se. Alberto e Madame afastam-se um pouco mas mantêm-se de pé. Cristina recomeça a tocar. Alberto e Madame ficam embevecidos com a qualidade e profundidade da música. Alberto arrepia-se e fica com pele de galinha nos braços. Os seus olhos ameaçam chorar, mas o professor contem-se. Cristina termina a música. Alberto e Madame batem palmas emocionados. Alberto aproxima-se dela e afaga-lhe novamente o cabelo, desta vez de forma mais carinhosa.

ALBERTO

Tocaste muito bem sabias?

CRISTINA

Oh, não foi assim tão bem. A minha professora diz que eu preciso de tocar mais depressa...

Madame interrompe-a com um sorriso cúmplice.

MADAME MOURA

Ela não pode Alberto...é pequenininha ainda, os dedos ainda têm tamanho suficiente.

CRISTINA

Pois, não consigo chegar às  
oitavas. E os pianos e os fortes  
também não consigo fazer direito.

Alberto sorri com um ar condescendente.

ALBERTO

Não te preocupes, tocas muito bem  
mesmo. E ainda vais melhorar  
mais...Quando fizeres o teu primeiro  
concerto assim em público, vou  
estar lá na primeira fila.

Cristina olha Alberto desconfiada e esboça um sorriso tímido.

72 EXT.

CASA ALTO SÃO BENTO

DIA

---

O carro de Alberto aproxima-se do Alto de São Bento. Alberto estaciona-o no largo exterior da casa, tira uma pequena mala da parte de trás e tranca-o. Aproxima-se da porta de casa. Quando chega à porta, repara num bilhete encravado na porta. Tira-o, lê-o, fica inerte durante meia dúzia de segundos e volta para o carro. O carro arranca no percurso inverso, em direcção à cidade.

Alberto entra no claustro, molhado da chuva, que continua a cair. Ao fundo, uma mulher está dobrada junto a um túmulo. Alberto aproxima-se dela. A mulher vira-se e sorri com um ar malicioso. É Sofia. Alberto aproxima-se. Sofia ergue-se e fala com Alberto como se nada fosse.

SOFIA

Olá doutor. Você que percebe de latim explique-me lá o significado disto. O que é que quer dizer?

Alberto reage também com calma e debruça-se para tentar ler a inscrição. Entretanto, um grupo de turistas ingleses invade os claustros, com máquinas fotográficas em punho e a rirem em alto e bom som.

ALBERTO

E se saíssemos daqui?

SOFIA

Para onde?

ALBERTO

Antes disso...porque é que me pediu para vir?

Sofia olha Alberto nos olhos durante alguns segundos, com um olhar profundo. Depois, calma, responde.

SOFIA

O Alfredo quer que vamos almoçar à casa dele na Sobreira no domingo.

Só que teve vergonha de o convidar.

ALBERTO

Vergonha? Porquê?

SOFIA

Por acaso já leu aquele livro de Dostoievski, O Eterno Marido?

ALBERTO

Diga-me lá porque é que ele tem vergonha.

SOFIA

No livro, o Pavel esqueceu-se de meter o Stepena ou o Veltchaninov entre a Naália e um deles.

ALBERTO

Já não estou a perceber nada mas é. A Ana é uma mulher e pêras mas não percebo nada do que me está a querer dizer.

Os turistas passam mesmo ao lado deles. Os dois retraem-se.  
Alberto retoma a proposta.

ALBERTO

E se fôssemos para outro lado?

Sofia fica séria e respira fundo.

SOFIA

Ok, vamos.

Os dois abandonam os claustros lado-a-lado.

74 EXT. CENTRO HISTÓRICO ÉVORA DIA

Alberto e Sofia caminham por vielas junto ao jardim de São Francisco. Alberto entra na garagem. Sofia espera cá fora. Pouco depois Alberto surge ao volante do carro. Pára junto a Sofia, abre-lhe a porta a partir de dentro. Sofia entra no carro. Arrancam rumo às portas da cidade.

75 EXT. ESTRADA DE REGUENGOS DIA

O carro passa pela estrada vazia. Sofia dá indicações a Alberto com gestos.

76 INT. CARRO ALBERTO DIA

Sofia faz sinal a Alberto para virar à direita. Alberto acede com a cabeça. Continuam até uma clareira rodeada de eucaliptos. Sofia põe a mão no braço de Alberto.

SOFIA

Pode parar. É aqui.

ALBERTO

Pára de me tratar assim. É uma estupidez.

SOFIA

Desculpa. Podes parar.

Sofia sorri. Alberto olha-a nos olhos e sorri levemente também. Alberto não resiste e agarra Sofia e beija-a apaixonado. Sofia não resiste mas mantêm-se indiferente, de olhos abertos. Alberto pára, muda de semblante para um ar carregado, sai do carro de forma brusca e apressada e bate a PORTA com estrondo. Dá a volta ao carro e aproxima-se da porta. Abre a porta de Sofia e debruça-se, nervoso.

ALBERTO

Por quem me tomas? Diz-me o que se passou nas férias? Diz-me!

SOFIA

Mas porque raio achas que tens o direito de saber? Diz-me!

ALBERTO

(frustrado)

Que grande lata...

SOFIA

Mas pronto, eu digo-te. Só uma vez  
foste um homem a sério...Mas sempre  
soube que não eras assim...Metes  
ideias na cabeça e achas que podes  
chegar e obrigar os outros a  
aceitá-las, achas-te o maior! O  
melhor!

ALBERTO

(irritadíssimo)

Eu? Tu é que és louca! Passas-te  
dessa cabeça!

SOFIA

(a chorar, nervosa)

Sou louca, sou! Mas estava  
quietinha no meu sítio. Tinha fogo  
cá dentro mas tu vieste acender a  
merda do rastilho! Tinhas que vir!

Sofia começa a abanar Alberto enquanto chora compulsivamente.  
Alberto não se desfaz e continua o interrogatório.

ALBERTO

Que raio faz o Carolino na tua  
vida?

SOFIA

Eu bem digo que te achas o maior...O  
Carolino é tão homem como tu. Se  
calhar mais ainda. É mais novo e  
tem ideias. Também sabe dar  
improtância às coisas em que os  
outros nem sequer reparam. O  
problema é que é tímido e os  
outros gozam com ele.

Alberto sorri com ar de troça. Sofia fica irritada.

SOFIA

Não te rias! Não és melhor que  
ele. Ele gostava muito de ti.  
Estava sempre a falar de ti, das  
coisas que falavas nas aulas. Tu e  
ele são iguaizinhos.

Alberto ri novamente com ar de troça. Sofia dá-lhe um estalo  
violento, deixa-lhe as marcas dos dedos na cara. Alberto não  
reage. Pouco depois interpela-a com calma.

ALBERTO

Quem é que me denunciou ao reitor?

SOFIA

Eu, obviamente.

ALBERTO

(surpreso)

Com uma carta anónima? Por que  
raio?

SOFIA

Porque de outra forma não te  
apercebias que a cidade toda já  
sabia...

Sofia olha Alberto nos olhos. Os dois permanecem em silêncio.

FADE TO BLACK

FINAL QUARTO EPISÓDIO

### QUINTO EPISÓDIO

77 EXT

CASA DA SOBREIRA

DIA

---

Alfredo e Carolino estão sentados no alpendre da casa, em cadeiras de baloiço individuais. Ana e Sofia estão juntas num pequeno sofá de vime. Alfredo olha a câmara nos olhos, enquanto os demais convivas permanecem imóveis.

ALFREDO

Às vezes sou um bocado masoquista.

Um dia tão bom, a companhia da minha princesa e eu tinha de me lembrar de convidar sua excelência para cá vir atormentar-nos o juízo. Já sabia que se ia meter com a Sofia, percebi logo que se conheceram. Mas o homem anda com azar. É como a velha história do maluco. Às vezes encontramos um maluco ainda mais maluco que nós e é um azar dos diabos. Pode ser que assim aprenda, senão ainda vai haver um maluco mais maluco que um dia se lembra e o põe a andar com o rabinho a abanar no meio das pernas.

O plano geral volta a ganhar movimento. Ana aborda Alfredo.

ANA

O quê?

ALFREDO

O quê o quê?

ANA

Não disseste nada?

ALFREDO

Eu? Não...andas a sonhar...

ANA

Desculpa...pareceu-me...

Sofia interrompe-os com a mão na cara a olhar o horizonte e a proteger-se do Sol.

SOFIA

Não é o Alberto que ali vem?

Alfredo levanta-se e faz o mesmo gesto com a mão para tentar confirmar.

ALFREDO

Não tenho a certeza, mas parece  
que sim...

ANA

Oh homem, vai lá ver então...

ALFREDO

(ligeiramente irritado)

Vou lá ver? Mas o homem é algum  
deficiente?

ANA

Não, mas nunca cá veio...não  
adivinha!

ALFREDO

Oh que caramba...devem achar que  
ressuscitei no lugar do paizinho  
dele...

ANA

(chateada)

Alfredo, não sejas estúpido! Não  
se brinca com essas coisas...vai lá  
abrir a porta ao homem!

ALFREDO

(conformado)

Pronto, pronto, já vou...Não queres  
que o traga ao colinho já agora?

ANA

Deixa-te de parvoíces e mexe-te!

ALFREDO

(irónico)

Pronto, pronto...o 115 vai a  
caminho.

Alfredo levanta-se e desce a rampa até à entrada. Muda de semblante e acena sorridente ao professor. Abre o portão e aperta-lhe a mão efusivamente.

ALFREDO

Olha o nosso grande doutor! Então,  
estava difícil cá chegar!

ALBERTO

Ainda me enganei uma vez ou duas,  
não é assim tão fácil cá chegar...

ALFREDO

É uma questão de hábito, para a  
próxima vai ver que chega cá num  
instantinho! Vá, venha daí, está  
tudo à sua espera...

Alfredo dá um toque amigável nas costas de Alberto e os dois seguem para o alpendre. Ana levanta-se sorridente e cumprimenta o professor. Sofia mantém-se sentada e acena-lhe um olá enquanto Carolino reage à sua chegada com absoluta indiferença.

No jardim bem tratado, nas traseiras da casa, a mesa está posta com leitão, saladas, pão e vinho. Os cinco estão sentados à mesa. Carolino ao lado direito de Sofia, em silêncio, Ana ao lado esquerdo da irmã. Depois o marido, e finalmente Alberto, que do outro lado tem Carolino. Não se falam. Enquanto se serve de leitão, Alfredo abre os braços de forma efusiva e começa a falar virado para Alberto, largando uma imensidão de perdigotos em simultâneo.

ALFREDO

Oh doutor, já viu este leitãozinho, que categoria? Depois de almoço vou levá-lo ali à nossa pocilga, vai ver os nossos porquinhos, são de qualidade!

Alberto fica incomodado perante a sugestão.

ALFREDO

Não se preocupe, são um amor! E adoram a Aninha! Devia ver quando ela lá vai, dá-lhes uma folhinha de couve e eles fazem-lhe uma festa coitadinhos.

ANA

Oh Alfredo, o doutor não quer saber dessas coisas para nada...

ALBERTO

Não faz mal, não há problema  
nenhum!

Alfredo vira-se para Ana.

ALFREDO

Estás a ver? Não sejas assim...olhe  
doutor, os porcos são animais  
super inteligentes! Quando nascem,  
os porquinhos escolhem logo uma  
teta. Cada um escolhe uma teta da  
mãe e tratam logo de tomar conta  
dela. Mas às vezes há stresses  
entre eles. Não sei se sabe mas  
cada porca tem dez tetas...

ANA

(envergonhada)

Oh Alfredo, pára lá com isso...

ALFREDO

Deixa-me falar! Como eu estava a  
dizer doutor, cada porca tem dez  
tetas...então, quando nascem onze  
porquinhos é um 31 dos diabos...um  
fica a chuchar no dedo ehehehe!  
Uma vez nasceram onze porcos e  
tivemos de matar um...

Alberto fica com um ar sério.

ALBERTO

Mas porquê? Não podia mamar no  
intervalo dos outros?

ALFREDO

(com ar de condescendência)

Acha?? Nada disso, se ele fizesse  
isso, o dono da teta em que ele  
mamasse tratava-lhe logo da  
saúde...tivemos que o matar, senão  
morria à mesma mas de fome...

ALBERTO

Pois, pois...

Alberto baixa os olhos, pega nos talheres e recomeça a comer,  
visivelmente incomodado. Passado um pouco, Sofia interpela-o.

SOFIA

E então doutor, que tal a casa  
nova?

ALBERTO

É boa, muito calminha, tem dado  
para não me distrair muito.

SOFIA

Você é mesmo preocupado dessa  
cabeça...sempre cheio de medo de se  
distrair...Ainda lhe dá uma coisinha  
má de tanta ansiedade...Nunca ouviu  
dizer que não é santo quem quer?

ALBERTO

Já...

SOFIA

Então, nunca pensou que essas  
ideias podem ser só coisas em que  
não acredita a sério...coisas que se  
força a acreditar só para parecer  
bem?

ALBERTO

Eu não me preocupo em parecer bem  
aos outros, só quero parecer bem a  
mim...

SOFIA

Oh, mas...

Alfredo interrompe a conversa.

ALFREDO

Oh Carolino, o teu primo não te  
tinha dado um recado qualquer para  
dares aqui ao professor?

Carolino está com cara de poucos amigos, não olha na direcção  
do professor, apesar de este ser o objecto da interpelação.

CAROLINO

Ah, sim, acho que sim. Disse para  
avisar que não vai haver  
conferências para ninguém.

ALFREDO

Era isso, era isso mesmo, já não  
me lembrava!

Alberto também não olha Carolino nos olhos, fala para Ana.

ALBERTO

É uma pena, mas já se sabe como é,  
nunca há espaço para a cultura a  
sério, para as ideias...esta cidade  
vive no século passado ainda...

Faz-se um silêncio profundo de reprovação ao ataque de Alberto  
a Évora. Os demais convivas trocam olhares e baixam os olhos.

Alberto apercebe-se da gaffe e esboça um sorriso tímido.  
Alfredo quebra o gelo com ironia.

ALFREDO

Por falar em cultura, vocês sabiam  
que o porco é um animal muito  
inteligente?

ANA

(encolhendo os ombros)

Lá vem piadinha...

ALFREDO

Não é piadinha nenhuma! Estou a  
falar a sério!

Por exemplo, os porcos quando saem  
de dia com um catraio...vão para o  
monte e andam todos à vontade, sem  
caminho certo...mas depois quando  
voltam, à noite, vai cada um para  
a sua pocilga...sempre a mesma...sabem  
logo qual é a deles. Lembro-me  
muito bem duma noite em que por  
acaso estava a reparar nisso...e um  
porquito veio, passou a entrada  
dele e um bocadinho mais à frente  
fez "room roooooom"...foi como se  
desse um cachaço na testa, do  
estilo "oops, enganei-me"...

Alfredo ri-se alto, Carolino acompanha-o. Sofia e Alberto sorriem, sinceros. Ana mantém-se séria. Alfredo cruza o olhar com ela e apercebe-se.

ALFREDO

A Aninhas não se ri porque já  
conhece a história...Mas é muito boa  
não é?

ALBERTO

É sim, muito divertida!

SOFIA

Muito mesmo!

Alberto, subitamente, vira-se para Ana.

ALBERTO

Oh Ana, agora que me lembro...como é  
que ficou aquela história do  
processo do velhote que se  
enforcou contra o seu pai?

Ana prepara-se para responder mas Alfredo fala por cima enquanto gesticula.

ALFREDO

Não ficou em nada como é óbvio!  
Era o que faltava...os filhos do  
homem pensaram que eram mais

espertos do que nós mas correu-  
lhes mal...Alguma vez na minha o meu  
sogro ia ser responsável por  
aquilo...

ALBERTO

O homem tinha muitos filhos?

ANA

Tinha dez! Dois ainda pequeninos,  
coitadinhos...um de três e uma  
menina de dois...

ALBERTO

Por falar em pequeninos...que é  
feito da Cristina?

SOFIA

Não veio, está doentita...

ALBERTO

Alguma coisa de sério?

SOFIA

Nãh, uma barriguite. Não é nada de  
mais, nada de grave.

Faz-se silêncio na mesa durante uns segundos. Os convivas voltam a trocar olhares entre si. Alberto vira-se para Carolino, que mantém os olhos baixos.

ALBERTO

Então e tu Carolino? Desististe do  
Liceu?

Carolino levanta os olhos, com um ar de repugnância, e responde de forma sêca.

CAROLINO

Sim, desisti.

ALBERTO

Oh, mas devias ter feito pelo  
menos o segundo período e  
desistias no terceiro...é assim que  
faz toda a gente...

CAROLINO

Desisti no segundo.

ALBERTO

E ao menos tens quem te ajude?  
Andas nas explicações ou assim?

CAROLINO

Acho que não tenho que lhes dar  
satisfações da minha vida...

O ambiente fica muito pesado. Alberto e Carolino trocam olhares de ódio. Alfredo quebra o gelo novamente.

ALFREDO

Oh Carolino, olha uma coisa...achas  
que tinhas espaço para nós se  
fôssemos lá ao Redondo agora no  
Carnaval?

Carolino fica com um ar mais calmo. Depois de uma breve pausa, responde.

CAROLINO

Sim, sem problema. Até vos arranjo  
de comer lá em casa dos meus pais..

Alfredo fica sorridente e vira-se para os demais, com um ar de orgulho.

ALFREDO

Já viram? Que espectáculo...lá vamos  
nós ter um Carnaval de arromba!  
Sou mais que um pai para vocês,  
mais que um pai.

Alfredo ri-se sozinho, com estrondo.

Cristina está em cima da cama dos pais. À sua volta estão Ana e Madame Moura, que dão os últimos retoques na fantasia de holandesa da mais nova da família, que permanece com um ar muito concentrado. Sofia entra no quarto e larga um sorriso aberto.

MADAME MOURA

Está linda não está?

SOFIA

(afagando o cabelo de Cristina)

Está sim! Uma verdadeira princesa!

CRISTINA

Holandesa! Não sou princesa  
nenhuma!

Sofia, Ana e Madame riem com a correcção. Ana abraça a irmã mais pequena com ternura e vira-se para as outras duas familiares.

ANA

É um amor esta nossa pequenina!

Batem à porta. A porta abre-se ligeiramente. A cabeça de Alfredo surge.

ALFREDO

Vamos lá, está na hora!

MADAME MOURA

Já vamos, já vamos, estamos mesmo  
aqui a acabar...

Alfredo sai.

80 EXT

CASA DR.MOURA

DIA

---

Ana, Sofia, Madame e Cristina saem da casa. Cá fora estão dois carros - o de Alfredo e o de Alberto. Alfredo está com Chico, Alberto está sozinho a fumar. Quando as mulheres saem, Alberto atira cigarro para o chão e apaga-o com o pé.

ALBERTO

Vens comigo Cristina?

CRISTINA

Não doutor, vou com o Alfredo.

ALBERTO

Então, quem vem comigo?

MADAME MOURA

A Cristina vai com o Alfredo, o  
Chico também, e a Aninha  
claro...Então...posso ir eu..



No largo da vila um cortejo de Carnaval e uma fanfarra dos bombeiros locais preenchem o Redondo de barulho e festa. Os Moura, Chico e Carolino estão na varanda dos pais de Carolino, vêem a festa de uma perspectiva superior. Alberto está cá em baixo, no meio do povo, junto a um café, com um ar de quem nitidamente não pertence ali. Finda a passagem do cortejo, a varanda fica deserta. Pouco depois, surgem todos cá em baixo. Alfredo olha em redor e encontra, logo depois, Alberto, acenando-lhe e dirigindo-se a ele juntamente com Ana.

ANA

Então Alberto, que tal? Gostou?

Alfredo responde por antecipação a Alberto.

ALFREDO

Ora essa, claro que gostou! Na aldeia lá da Serra não havia nada destas coisas.

ANA

(embaraçada)

Oh Alfredo, não sejas assim rude!!!

Alberto sorri diplomático.

ALBERTO

Não há problema, o Alfredo tem  
razão, na Serra é tudo mais  
calminho...

ALFREDO

Vês Aninha? Não disse asneira  
nenhuma...

Ana encolhe os ombros conformada.

ALBERTO

E então, quando é que vamos  
embora?

ANA

Está cheio de pressa doutor..tenha  
lá calma...ainda vamos ali lanchar  
aos pais do Carolino..venha daí...

Os três seguem juntos para o interior da casa, com Alberto um  
pouco mais recuado, com ar sério e rosto fechado.

83 EXT

JARDIM CASA PAIS CAROLINO

DIA

---

No jardim, o lanche faz-se de forma volante. Há uma mesa comprida com doces e salgados e uma outra, mais pequena, de apoio, com pratos, talheres e guardanapos. Alfredo, Cristina, Sofia, Ana e Madame Moura estão juntos. Alberto e Carolino

estão cada um no seu canto. Sofia cruza o olhar com Alberto, sorri-lhe levemente e aproxima-se dele.

SOFIA

Então, está a ser uma seca para ti?

ALBERTO

Não, nada disso, estou bem.

SOFIA

Quem olha para ti não fica com essa  
impressão...

Carolino olha os dois fixamente, com um ar claramente reprovador. Alberto apercebe-se e não consegue disfarçar o incómodo.

ALBERTO

Oh Sofia, o miúdo não pára de olhar  
para nós...Pensei que já lhe tivesse  
passado a zanga...

SOFIA

Pois, vê-se que não o conheces...

ALBERTO

Caramba...não queria nada disto...sinto-  
me sujo...

SOFIA

Por causa do Carolino? Deixa-te  
disso...O rapaz não faz mal a uma  
mosca...só a galinhas!

Sofia sorri irónica. Alberto mantém o mesmo ar.

84 EXT

LARGO VILA REDONDO

NOITE

---

Os MOTORES dos carros de Alberto e Alfredo já trabalham. As luzes estão ligadas e apontadas para a porta de casa dos pais de Carolino. O largo da vila está quase vazio, só com varredores a limparem os restos da festa. Alfredo e Alberto estão ao volante dos respectivos carros. Chico está ao lado de Alfredo, no lugar do passageiro do jeep. Ouve o marido de Ana a falar alto, alegre e a gesticular efusivamente. As senhoras saem e reocupam os seus lugares nas viaturas, que pouco depois arrancam, no sentido da estrada para Évora. Alfredo arranca a grande velocidade, deixando o carro de Alberto muito para trás.

85 INT

CARRO ALBERTO

NOITE

---

Alberto conduz, Madame está ao seu lado, Sofia está no banco de trás. Há música popular a soar no RÁDIO. Alberto baixa o volume e olha para Madame.

ALBERTO

Já os perdi de vista, se vir que  
estou mal diga por favor...

MADAME MOURA

Não se preocupe, está a ir muito  
bem, o Alfredo é que tem a mania  
das velocidades...

ALBERTO

Ainda não conheço estas estradas  
muito bem...

SOFIA

E o que achou do Carnaval aqui do  
Redondo? Muito parolo?

Madame larga um sorriso aberto, que contagia Alberto.

ALBERTO

Só um bocadinho, mas é normal...é a  
festa do povo...

MADAME MOURA

O povo aqui é um bocadinho mais  
parolo que nos outros lados...

Sofia sorri, cúmplice. De repente, Alberto fica mais sério,  
olhando para a estrada.

ALBERTO

O que é aquilo? Parece gente ali  
ao fundo...

Madame esforça-se para tentar perceber, Sofia chega-se um  
pouco mais à frente no banco.

ALBERTO

Parece mesmo gente...duas  
pessoas...estão-nos a dizer adeus!

Sofia fica sobressaltada de repente.

SOFIA

É o Alfredo!!! E o Chico!!!

Madame Moura fica em pânico.

MADAME MOURA

Ai meu Deus! São eles são...estão  
cheios de sangue!!! Ai Meu Deus!!!

Alberto trava a fundo e encosta o carro.

Alberto sai a correr do carro, assim como Madame e Sofia, que o seguem logo atrás. Aproximam-se de Alfredo e Chico, que estão cobertos de sangue na face e nas roupas, ofegantes. O carro de Alfredo está com a frente destruída, mais abaixo. Alberto aproxima-se a correr, ofegante também. Olha o carro de fora, afasta a porta amassada. Ana está com a cara ensanguentada, um olho pisado e tem Cristina ao colo. Chora convulsivamente. Alberto debruça-se para o interior do carro.

ALBERTO

Ana!!!

ANA

Ajude-me por amor de Deus..ajude-me...

ALBERTO

O que se passou?

ANA

O Alfredo...vinha muito rápido...despistou-se numa curva...acuda-me...a Cristina não respira...

Alberto estende os braços e Ana empurra a irmã inanimada para Alberto. Alberto agarra-a e sai a correr com Cristina nos braços rumo ao seu carro. Madame vê a filha mais nova inconsciente e desata aos berros, desesperada. Alberto vira-se para ela e Sofia, muito sério e concentrado.

ALBERTO

Entrem no carro, rápido...segurem  
nela!

Madame entra para o banco de trás e Alberto entrega-lhe Cristina.

87 INT CARRO DE ALBERTO NOITE

Sofia encosta o banco do passageiro e entra no carro. O motor já está a trabalhar. Mal Sofia entra no carro e fecha a porta, Alberto arranca a todo o gás.

88 EXT ESTRADA DO REDONDO NOITE

O carro de Alberto acelera a fundo, é o único na estrada. Desaparece no horizonte. Os pneus chiam furiosamente.

FADE TO BLACK

FINAL QUINTO EPISÓDIO

## SEXTO EPISÓDIO

89 EXT

CEMITÉRIO DE ÉVORA

DIA

---

Os Moura, Chico, Carolino e Alberto estão no enterro de Cristina. Uma pequena urna branca desce à terra. Ana deita-se em cima da urna, tentando impedi-la de descer, em pranto e desespero. O pai puxa-a, sem conseguir conter as lágrimas também. Sofia soluça de choro. Os bombeiros trajam de luto e um TROMPETE ecoa a marcha fúnebre. O cemitério está povoado de gente da terra, maioritariamente pessoas de idade. Alberto agarra discretamente Sofia pela cintura, confortando-a. Carolino morde o lábio, agastado. Alfredo está a uma dezena de metros, isolado, bastante nervoso, com o pé a bater no chão num ritmo acelerado e o braço direito a tremer. Puxa de um cigarro mas só consegue acendê-lo à quinta tentativa, tais são os nervos.

ALFREDO (V.O.)

Era novo, era estúpido, mania das correrias, das brincadeiras, das bebedeiras. Esqueci-me que o outro é que era o super-homem, o super-herói da treta. Fui eu que me lixei. Ainda hoje carrego esta cruz. A Ana foi-se sem me perdoar nunca. Disse uma vez que sim mas nunca acreditei nela. Via-se nos olhos dela que me odiou sempre desde aquele dia. Vida de merda.

Alberto aproxima-se do portão, em passo muito lento, cabeça baixa, fumo negro no braço, em silêncio. Vem a fumar. Antes de chegar ao portão, atira a beata para o chão e pisa-a até a apagar. Depois toca à CAMPAINHA. As janelas estão todas fechadas. As persianas baixas. Ninguém atende. Alberto insiste. Tudo permanece tranquilo. Alberto vira costas e dirige-se ao centro da cidade.

Alberto espreita pelas janelas, fechadas também. Olha à volta. Ninguém passa. Aproxima-se da PORTA e bate. Ninguém vem abrir. Bate novamente, com mais força. Ninguém abre. Bate uma terceira vez. Ninguém abre. Uma vizinha vem à janela e interpela Alberto.

VIZINHA

Ainda não viu que não está ninguém  
senhor?

Alberto olha para ela mas não responde. Torna a bater à porta.

VIZINHA

O senhor está a gozar comigo? Está  
bem da cabeça?

Alberto ignora novamente a mulher e vira costas rumo ao Jardim de São Francisco.

O carro de Alberto aproxima-se da sua casa do Alto de São Bento. A noite está quase a pôr-se e começa a chover torrencialmente apesar do calor. Alberto já circula com os faróis acesos. O carro sai da estrada principal e pára à entrada de casa. Alberto sai, lentamente, abre a porta de casa e entra. Quando acende a luz da entrada, repara num vulto que se ergue atrás de si. Fica imóvel. De repente, vira-se para trás num ápice e dá de caras com Carolino, todo encharcado. A respiração é ofegante mas fica mais calmo quando vê que é o aluno.

ALBERTO

O que é que estás aqui a fazer?

CAROLINO

Desculpe senhor professor, mas  
tinha que vir falar consigo.

ALBERTO

Agora? Não podia ter sido noutra  
altura?

CAROLINO

Não...tinha mesmo de ser hoje..

ALBERTO

Duvido mas tudo bem...vá, não fiques  
aí à chuva. Limpa os pés e entra.

Alberto entra à frente, Carolino segue-o. Alberto fecha a porta.

93 INT

SALA ESTAR CASA ALTO SÃO BENTO

NOITE

---

Alberto acende o fogareiro com a ajuda de jornais e tábuas de caixotes. Carolino está em pé, calado, com água a escorrer-lhe pela cara. Alberto retira-se por segundos e regressa com uma toalha que atira a Carolino.

ALBERTO

Toma, seca-te, ainda ficas doente.

Carolino apanha a toalha, olha à volta e começa a enxugar-se. Alberto mexe mais uma vez no fogareiro e aproxima-se duma mesinha onde estão três garrafas. Tira a rolha da garrafa de uísque, vai ao armário e pega em dois copos e regressa à mesinha. Enquanto enche os copos de balão, vira-se para Carolino de forma amigável, quase paternal.

ALBERTO

Não fiques aí de pé, puxa uma  
cadeira e senta-te!

Carolino cerra os dentes e responde a Alberto de forma violenta. As suas espinhas ficam-lhe ainda mais crivadas na face, de tão fechado que o seu rosto se encontra.

CAROLINO

Não me trate por tu!

Perante esta resposta, Alberto pára de encher os copos e arregala o olho. Lança um olhar muito sério a Carolino. E insiste, estendendo um copo a Carolino.

ALBERTO

Senta-te! E toma lá um cálice.

Carolino enxuga o suor da testa com o braço e mantém-se quieto no mesmo sítio, a olhar o professor. De repente, Carolino solta um berro enraivecido.

CAROLINO

Eu sei tudo!! Eu sei tudo!!

Alberto tenta acalmá-lo, aproximando-se.

CAROLINO

Fique aí quietinho!

ALBERTO

Senta-te! Seca-te e senta-te!

CAROLINO

(enraivecido)

Já lhe disse para não me tratar  
por tu porra!

Alberto mantém-se em silêncio e engole o uísque de um só trago. Abre o peito, como se preparasse para enfrentar Carolino. O aluno continua louco, com ar desesperado, a debitar críticas e acusações aos berros.

CAROLINO

Vocês acham que eu sou otário!  
Vocês acham que sou um parvo, um  
estúpido, que não conta para nada!  
Mas ficam a saber que eu sou muito  
mais homem do que vocês pensam!  
Tenho muito mais poder! (abre as  
mãos e mostra-as a Alberto) Com  
estas mãos, cheias de espinhas,  
posso pegar fogo à cidade, posso  
fazer o que eu quiser, se eu  
quiser posso!

Não sou o monte de merda que vocês  
me fazem, sou um homem, um homem  
livre, vocês julgam-se mais do que  
eu, julgam?

Ela foi-se embora e nunca mais  
disse nada...e eu percebi tudo muito  
bem, não sou nenhum palhaço.

Alberto procura manter a serenidade e com as mãos recomenda calma a Carolino. Fala-lhe num tom seguro mas sereno.

ALBERTO

Carolino, às vezes a gente engana-se. Pensa que as coisas são duma forma e depois percebemos que não é verdade...estás a falar da Sofia, não é?

Carolino mantém a irritação e levanta o dedo ao professor.

CAROLINO

Lava a boca seu porco, lava a boca antes de falares do nome dela! Não tens esse direito!

Alberto controla-se e prossegue o discurso paternalista.

ALBERTO

Carolino, a Sofia anda muito abalada com a morte da irmã...de certeza que é por isso que não diz nada...

CAROLINO

Cale-se! Já disse para não tocar no nome dela!

Alberto passa então do ar paternalista e sereno para um ar mais fechado e grave. Volta à mesinha, enche novo balão e com ele na mão fala agora de forma sêca.

ALBERTO

Meu menino, vamos lá saber então.

Afinal o que é que quer de mim?

Carolino fica pálido e tropeça para trás. Reergue-se a custo, perante o olhar de pena de Alberto. O professor insiste.

ALBERTO

Diz-me lá Carolino, o que é que

queres de mim?

Carolino recompõe-se, reergue-se e volta à carga, berrando a Alberto.

CAROLINO

Cala-te!! Eu sou um homem!! Eu sou

dono de mim próprio! Tenho poder!

Sou livre, sou grande, sou o meu

deus! Ele construía...eu posso

destruir!

(ri-se sozinho como um lunático)

Alberto não perde a compostura e o ar direito e lança o ultimato.

ALBERTO

Muito bem. Ou me diz imediatamente o que pretende ou pode pôr-se no olho da rua.

Carolino aproxima-se de Alberto entrelaçando as mãos em riste.

CAROLINO

Pensava que podia fazer pouco de  
mim! Pensava que podia gozar o  
coitadinho do Bexiguinha! Olhe bem  
para estas mãos! Olhe!!! São minhas!  
E eu já não tenho nada, já não  
tenho medo de nada!!! Não tenho  
medo nem da morte!

Carolino engole em sêco, esgotado. Alberto aproveita a acalmia para o interromper.

ALBERTO

Vá, bebe lá o cálicezito e eu  
levo-te a casa.

Carolino vira-se de costas como se se preparasse então para sair mas subitamente atira-se ao professor com uma navalha de ponta-e-mola em punho. Carolino sorri com malvadez, ar emproado e continua a dar passos rumo ao professor, que se mantém imóvel, surpreso. Num gesto repentino, Alberto agarra o braço de Carolino, torce-o e aperta com força até que com as dores o aluno acaba por largar a navalha, que cai no chão. Alberto começa então a esbofetear Carolino sem parar, até o rapaz cair no chão e começar a soluçar, derrotado. Alberto limpa a roupa com as mãos e vai à mesinha onde estão as garrafas, pega numa de conhaque e bebe alguns goles pelo gargalo. Depois vira-se para Carolino que continua no chão, ofegante e estende-lhe um cálice.

ALBERTO



LUCRÉCIA

A menina Sofia não está, saiu.

ALBERTO

Não sabe onde ela foi por acaso?

LUCRÉCIA

Não senhor doutor...não faço ideia.

Ela nunca me dá cavaco.

ALBERTO

Obrigado...tenha um bom dia.

Lucrécia fecha a porta e Alberto toma a direcção da casa de Ana.

96 EXT

FEIRA DE S. JOÃO - ROSSIO

DIA

Alberto passeia pelo meio das diversões e das barraquinhas de comes e bebes. Leva uma mão no bolso e um cigarro na outra, que vai fumando tranquilamente. Compra algodão doce numa banca e vai comendo sorridente, sem pressa. Ao fundo, ouve-se o barulho de SIRENES. Logo depois, passam em grande velocidade uma ambulância, um carro dos bombeiros e um carro da polícia. Alberto, tal como o resto da população ficam a olhar. Os veículos desaparecem no horizonte e tudo volta à normalidade. Alberto continua o seu passeio pelos carrosséis e detém-se

numas barraquinhas de artesanato com miniaturas da cidade. Alberto segura numa da Sé e aborda o vendedor.

ALBERTO

Desculpe, quanto custa?

VENDEDOR

Essa...10 escudos...mas por ser para  
si faço a 8...

A negociação é subitamente interrompida pela corrida frenética de Manuel Pateta, pelo meio da feira. O moço de fretes está todo suado, em pânico, aos berros.

MANUEL PATETA

Um assassino!!! Matou uma  
pessoa!!! Um assassino!!!

As faces dos populares ficam sérias, todos olham para Manuel Pateta, em silêncio. Manuel Pateta vê o professor e aproxima-se dele ofegante.

MANUEL PATETA

Senhor engenheiro, mataram uma  
pessoa!!

ALBERTO

O quê?? Não me digas que estás  
outra vez bêbedo...

MANUEL PATETA

Oh senhor engenheiro, confie em  
mim! Mataram uma senhora no  
chafariz d'El-Rei! Está lá a  
polícia, os bombeiros, um horror!

Alberto fica branco. A tremer. Fala aos soluços.

ALBERTO

Uma senhora?? Sabes o nome dela??

MANUEL PATETA

É a filha do Doutor...a filha do  
doutor senhor engenheiro...

ALBERTO

(aos berros, desesperado)

A SOFIA??? Chama-se Sofia??

MANUEL PATETA

Sim, senhor doutor, é isso  
mesmo!!! Grande memória!!! Por  
acas...

Alberto não deixa Manuel acabar a frase, empurra-o para o lado com força atirando-o ao chão e começa a correr desenfreado rumo ao chafariz d'El-Rei. Há populares que o seguem, em passo acelerado.

Há um perímetro de segurança montado em torno do chafariz. Fitas isolam o local onde estão a ambulância, o carro dos bombeiros e a polícia, quer de carro quer a cavalo. Alberto chega desesperado ao local a correr e vê Sofia prostrada junto ao chafariz com uma mancha enorme de sangue no peito. Alberto tenta passar a fita mas é impedido por um guarda.

GUARDA

O senhor não pode passar! Houve  
aqui um crime.

Alberto tenta forçar a passagem, indiferente à ordem do guarda, que o empurra, impedindo-o de se aproximar.

ALBERTO

(grita)

Sofiaaaa!!! Sofiaaaa!!!

Alberto, subitamente, finta a polícia e salta a fita para dentro do perímetro de segurança. Antes que a polícia consiga apanhá-lo chega junto de Sofia em pranto, ofegante e ajoelha-se junto do corpo da filha do meio dos Moura.

ALBERTO

(a chorar, voz embargada)

Sofia...Sofia...nãaaao...Eu amo-te

Sofia...Eu amo-te tanto!!!

O guarda aproxima-se de Alberto e puxa-o para trás. Alberto ainda ensaia resistência mas deixa-se depois cair novamente, a chorar. Do outro lado da estrada, ao fundo, vê Carolino, algemado, entrar no carro da polícia, a sorrir para ele.

ALFREDO (V.O.)

Desde o início que sabia que isto ia acontecer. Não se chega assim a um sítio novo e deita-se fogo a tudo sem esperar arder também. A culpa é dele. Toda dele. Chegou, provocou, estragou...

CROSS DISSOLVE

98 INT

CASA DE ALFREDO

NOITE

---

A sala de Alfredo está agora vazia. Só Alfredo lá permanece no mesmo sítio do início. Está sozinho. À sua volta os restos de bolos, pratos usados e talheres, pedaços de serpentinas e de confettis. O plano vai fechando em Alfredo, ao nível do peito.

ALFREDO (V.O.)

...pôs bicho nas cabeças das pessoas, estragou a nossa paz e o nosso Mundo. Antes dele, vivíamos bem e éramos felizes. Estragou tudo, queimou tudo. Tirou-me a minha Aninha, nunca mais quis saber de mim. Mas aprendi uma coisa...

Alfredo mete a mão ao bolso com muita dificuldade e puxa uma faca que segura a tremer.

ALFREDO (V.O.)

...se Deus não existe, é olho por olho e dente por dente.

FADE TO BLACK

FINAL SEXTO EPISÓDIO.